

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**HERÓIS DE FUMAÇA:  
UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA  
PROFISSIONAIS BOMBEIROS**

**FLORIANÓPOLIS**

**2008**

**ANDRESA JAQUELINE TOASSI**

**HERÓIS DE FUMAÇA:  
UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA  
PROFISSIONAIS BOMBEIROS**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de mestre em Psicologia,  
Programa de Pós-graduação em Psicologia,  
Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Federal de Santa  
Catarina.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Chalfin Coutinho**

**FLORIANÓPOLIS**

**2008**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ANDRESA JAQUELINE TOASSI

### **HERÓIS DE FUMAÇA: UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA PROFISSIONAIS BOMBEIROS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

---

Prf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Chalfin Coutinho  
Departamento de Psicologia da UFSC

---

Prf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leny Sato  
Instituto de Psicologia da USP

---

Prf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Maheirie  
Departamento de Psicologia da UFSC

Florianópolis, 04 de dezembro de 2008.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste estudo, orientando, auxiliando, facilitando, tendo paciência e respeito às minhas limitações, “maluquices” e características singulares. A estes toda minha admiração e carinho, pois compreender a singularidade humana exige resignação, esforço e empenho, algo que muitos dispensaram-me no decorrer deste processo.

À minha família, amigas, amigos, alunos e professores, principalmente, os que participaram de minha banca de qualificação no ano anterior, contribuindo com sugestões e informações úteis e necessárias à realização deste trabalho. Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, ofereceram subsídios para a concretização dos meus objetivos, tendo paciência com minhas ausências e impaciências, sendo verdadeiros “anjos” e auxiliando-me a “voar” nos momentos em que não suportava mais. Agradeço especialmente minha mãe, Ana Maria Toassi, por sempre me apoiar e acreditar em mim, à minha orientadora de graduação, Prof<sup>a</sup> Micheline Ramos de Oliveira, por servir de referência e incentivo nessa caminhada.

Dedico um agradecimento especial à minha professora orientadora, Maria Chalfin Coutinho, a qual primeiramente acreditou em mim e em minhas possibilidades e depois esteve presente e atuante em todos os momentos deste trabalho, desde a elaboração do projeto, até suas análises finais, sendo a mediação entre a teoria e a prática, desempenhando, porém, muito mais que seu papel como educadora, ao ser companheira e amiga, incentivando, motivando, sendo paciente e compreensiva, guiando e conduzindo, acreditando e ensinando-me que, conforme dizia Pessoa (1996) “somos do tamanho de nossos sonhos”. Sem ela, nada disso teria possibilidades de acontecer e certamente este estudo não existiria.

Agradeço ainda, de forma especial, a todos os funcionários do Corpo de Bombeiros do município de Rio do Sul, principalmente ao Comando da Corporação e aos sujeitos participantes da pesquisa, pela colaboração, aceitação, carinho e consideração que demonstraram em relação à minha pessoa e ao estudo, facilitando a inserção, a permanência em campo e todas as etapas do processo. A estes profissionais, que ensinaram-me que a compreensão, a solidariedade e o respeito à vida humana vão além de técnicas e teorias, resultando em uma práxis efetiva e comprometida, dedico todo meu respeito, carinho e admiração.

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem...  
Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.  
(Fernando Pessoa, 1996)

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	
<b>ABSTRACT.....</b>	
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	12
1.1 A Emergência das Emergências.....	12
<b>2. PASSEANDO PELAS VEREDAS DO TRABALHO.....</b>	21
2.1 O trabalho e as emergências sob a égide do capitalismo.....	22
2.2 A soberania da mercadoria.....	24
2.3 O trabalho do bombeiro na sociedade contemporânea.....	27
<b>3. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PRODUÇÃO DA VIDA.....</b>	31
3.1 O processo de construção dos sentidos e significados.....	33
<b>4. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....</b>	40
4.1 Reflexões sobre o Método.....	40
4.2 O Caminho Metodológico.....	43
<b>4.2.1 O contexto da pesquisa e a inserção em campo.....</b>	43
<b>4.2.2 Em busca de evidências: Os procedimentos para a coleta de informações</b>	46
<b>4.2.3 Os participantes da pesquisa.....</b>	50
<b>4.2.4 O processo de compreensão das informações.....</b>	52
4.3 A Compreensão dos Sentidos do Trabalho.....	56
<b>5. DISSIPANDO A FUMAÇA .....</b>	58
5.1 A origem do Corpo de Bombeiros.....	58
5.2 O Corpo de Bombeiros em Santa Catarina.....	60
5.3 O início de uma História.....	63
<b>6. O REFÚGIO DOS “HERÓIS” .....</b>	67

6.1 Conhecendo o Quartel do Corpo de Bombeiros.....	67
6.1.1 Organização e funcionamento do quartel.....	71
<b>7. O DIA-A-DIA DE UM “HERÓI”.....</b>	<b>90</b>
7.1 O cotidiano de trabalho dos bombeiros e suas exigências .....	90
7.2 As relações estabelecidas.....	112
<b>8. O HOMEM POR TRÁS DA MÁSCARA.....</b>	<b>121</b>
8.1 A escolha por ser bombeiro.....	123
8.2 De homem do fogo à profissionais da emergência.....	128
<b>9. “ BOMBEIRO NÃO É HERÓI..” .....</b>	<b>135</b>
9.1 O que significa “Ser Bombeiro...”.....	135
9.2. <b>Bombeiro: Trabalho ou Emprego?</b> .....	147
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>155</b>
10.1 Por trás da Fumaça.....	155
<b>11. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
<b>12. APÊNDICES.....</b>	<b>172</b>
12.1 Apêndice I.....	172
12.2 Apêndice II.....	173
12.3 Apêndice III.....	175

TOASSI, Andresa Jaqueline. **Heróis de Fumaça: um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros**. Florianópolis, 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Chalfin Coutinho.

Defesa: 04/12/2008

## **RESUMO**

Nas últimas décadas, as mudanças no sistema capitalista culminaram em transformações em todos os âmbitos sociais. Uma das conseqüências deste panorama é o surgimento de situações emergenciais distintas, as quais clamam por profissionais especializados no atendimento às vítimas na hora e no local das ocorrências. Neste contexto, o trabalho dos bombeiros passa a assumir um caráter diferenciado, ao abranger também os atendimentos às emergências. Assim, este estudo teve como objetivo principal compreender os sentidos que os bombeiros da cidade de Rio do Sul, em Santa Catarina, atribuem ao seu trabalho. Para tanto, foram utilizados entrevista individual semi-estruturada e a observação do cotidiano laboral. A análise dos dados seguiu as premissas sócio-históricas, sendo realizada através da compreensão dos núcleos de significação. Este processo conduziu a diversas considerações, entre elas, a de que para os bombeiros o trabalho é tido como “*um prazer remunerado*”, sendo visto como uma forma de prover sua sobrevivência e da família, mas também como uma maneira de obter reconhecimento e auto-realização, pois, apesar de seu cotidiano laboral apresentar aspectos difíceis de conviver, os bombeiros procuram não deixar que estes interfiram no exercício de suas funções e prejudiquem o alcance de seus objetivos, os quais estão ligados à manutenção e preservação da vida humana.

**Palavras-chaves:** Bombeiros; trabalho; sentidos.



## **ABSTRACT**

Along the last decades, the changes in capitalist system have led to a group of alterations. As a consequence of this scenery we have the appearing of different emergency situations, which claim for professionals specialized in helping the victims at the time and place of the emergencies. In this context, the firefighters' work has had a different nature, as it includes dealing with emergencies. This study had as its main aim to understand the meanings that firefighters from Rio do Sul city, Santa Catarina, attach to their work. For this, we used individual semi-structured interviews and observance of the everyday work. Data analyses followed social-historical premises, through comprehension of the signification nuclei. This process brought up several considerations, about the work being considered as a "salaried pleasure" for firefighters. The work is understood as a way of providing their families' survival, but also a way of getting recognition, self-achievement and personal rewards, because, despite their everyday work has difficult aspects to deal with, the firefighters try not to let these interfere their activity and damage the reaching of their aims, which are related to the maintenance and preservation of human life.

**Key words:** Firefighters, work, meaning.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Os Heróis de Fumaça...	P.51
QUADRO 2	A Formação dos Núcleos de Significação	P. 54

## LISTA DE SIGLAS

ABTR	Auto Bomba Tanque Resgate
AM	Auto-Moto
APH	Atendimento Pré-Hospitalar
AR	Auto-Resgate
ASU	Auto-Socorro de Urgência
AT	Auto-Tanque
ATP	Auto-Transporte de Pessoal
B1	Bombeiro 1
B3	Bombeiro 3
B4	Bombeiro 4
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CBM	Companhia de Bombeiro Militar
CBPMSC	Corpo de Bombeiros e Polícia Militar de Santa Catarina
COBOM	Centro de Operações do Bombeiro Militar
CRP-12	Conselho Regional de Psicologia (Santa Catarina, 12ª região)
FUNREBOM	Fundo de Reequipamento do Bombeiro Militar
OBM	Organização de Bombeiro Militar
RDPMSC	Regulamento Disciplinar da Polícia Militar de Santa Catarina
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SAT	Serviço de Atividade Técnica
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 A emergência das emergências

*É assim que se pode imaginar o anjo da história. Seu rosto está voltado para o passado e onde nós vemos uma cadeia de eventos ele percebe uma catástrofe única que acumula sem cessar, destroços e os atira a seus pés. Talvez o anjo desejasse ficar, acordar os mortos, consertar o que foi arruinado. Mas uma tempestade está sendo soprada do Paraíso; pegou suas asas tão violentamente que o anjo não as consegue mais fechar. A tempestade o suga para trás, para o futuro, enquanto os destroços se acumulam em direção aos céus, diante de seus olhos. Essa tempestade chama-se progresso.*

*(Dupas, 2000, p.66)*

A partir da Revolução Industrial, de modo mais intenso e específico, o sistema capitalista passa a circunscrever os modos de trabalhar, viver e produzir a existência humana. Desta forma, “as necessidades dos seres humanos estão subsumidas à lógica de acumulação de riquezas na forma de capital e o motor é a exploração da força de trabalho...” (Martins, 2004, p.27), fato que, de acordo com o referido autor, aprofunda “as mazelas sociais” e afasta os sujeitos “de uma vida repleta de sentidos” (Martins, 2004, p.27). Neste contexto, frente às mudanças ocorridas atualmente no capitalismo, é possível presenciar situações paradoxais nas quais assombrosos avanços tecnológicos convivem com modos de ordenação social arcaicos, desiguais e excludentes.

Em face às transformações no sistema capitalista, incluindo os processos de desenvolvimento tecnológico típicos do contexto contemporâneo, problemas distintos vão surgindo: a amplitude da violência, principalmente no trânsito, configura parte dessa nova conjuntura, que coexiste em simultaneidade com questões anteriores. Estas ocorrências culminam em uma série de problemáticas e circunstâncias emergenciais, carentes da intervenção de profissionais específicos, bem como, de políticas públicas que tenham o objetivo de alterar e interceder nesta realidade.

De acordo com Martins (2004, p.40) “as doenças não-transmissíveis juntamente ao aumento exacerbado da violência, formam um conjunto de moléstias responsáveis pelas

ocorrências de urgência/emergência<sup>1</sup>”. Mediante essas confluências comprometedoras da vida humana nos vários contextos sociais, surge a necessidade de profissionais especializados em atender às vítimas na hora e local das ocorrências. Os serviços de atendimento pré-hospitalar<sup>2</sup> vêm, assim, atender demandas derivadas da situação política, social e econômica, existentes na atualidade (Martins, 2004), constituindo novos nichos de atuação profissional. Neste âmbito, os bombeiros, foco do presente estudo, apesar de serem profissionais ligados à segurança pública, em determinado momento são cobrados a responsabilizar-se por estes atendimentos, passando, também, a fazer parte desta realidade.

Como o ser humano constitui-se na busca pela satisfação de suas necessidades, criando formas diversificadas de desfrutar melhores condições de existência (Marx, 1982); as alterações em seu contexto acarretam conseqüências, exigências e adaptações diferenciadas nas várias situações vivenciadas. Neste sentido, a atuação profissional do bombeiro originou-se nas demandas de controle ao fogo e combate a incêndios e, em decorrência das necessidades contemporâneas, passa a abranger as intervenções em outros momentos emergenciais, entre eles os acidentes de trânsito, inundações, atentados e desabamentos.

É fato que o homem contribui sobremaneira para o processo de eclosão das situações emergenciais, sendo o seu principal responsável, uma vez que, em prol do progresso e do desenvolvimento desenfreado – principalmente em busca da produção e reprodução do capital -, as interferências humanas sobre a natureza configuram uma constante na esfera atual (Dupas, 2000). Segundo Albuquerque (1997), acontecimentos envolvendo desastres em várias conformações possuem uma ligação estreita com as estruturas sociais, indo, deste modo, além das causas naturais e ambientais, acarretando implicações variadas em todos os âmbitos. A este respeito Cardona (1995, p.1) destaca que “atualmente, a compreensão dominante, é de que os desastres atingem, de forma direta ou indireta, o meio ambiente, a economia e o bem estar social e psicológico das pessoas”.

---

<sup>1</sup>Martins (2004) caracteriza as situações de urgência/emergência por momentos que demandam a necessidade de intervenção imediata, a fim de preservar a vida e/ou o patrimônio humanos.

<sup>2</sup> Os referidos serviços são realizados por profissionais da emergência pré-hospitalar, os quais caracterizam-se como aquele trabalhador cujo serviço consiste em atender as vítimas na hora e no local das ocorrências, podendo conduzi-las ou não ao hospital, de acordo com a gravidade da situação (Martins, 2004). Nesta área de atuação profissional encontram-se inseridos, enfermeiros, paramédicos, bombeiros, entre outros. É importante destacar que, essa pesquisa busca investigar apenas uma categoria destes trabalhadores, quais sejam, os bombeiros. Esta opção se deve às restrições de tempo para sua realização, o que dificulta a abrangência dos outros profissionais que realizam esse tipo de atividade.

Segundo Diniz (2003), na atualidade é grande a frequência com que os episódios emergenciais são desencadeados, incluindo desde acontecimentos mais “simples” até situações bastante complexas, as quais derivam, constantemente, em prejuízos materiais e humanos incalculáveis. A autora ainda destaca que, as emergências englobam “três conjuntos de ações, separadas pelo instante de tempo em que ocorrem” (Diniz, 2003, p.1), sendo que o primeiro é constituído pela prevenção, caracterizada pelas providências tomadas antes da ocorrência dos fatos. Posteriormente, vem o tratamento, ou seja, as medidas efetuadas a fim de minimizar as conseqüências dos episódios emergenciais logo após sua ocorrência. E por último, existe o processo de investigação, o qual consiste em analisar e estudar as causas das situações desencadeadas a partir dos indícios averiguados. Neste contexto, os bombeiros desempenham um papel fundamental uma vez que também são “responsáveis” pelo atendimento aos eventos emergenciais, travando diretamente contatos com as vítimas envolvidas nos desastres, bem como, com a população que compartilha a realidade atingida, sendo, pois, merecedores da devida atenção.

A escolha da temática de estudo e dos profissionais, deu-se a partir do contexto apresentado, porém, não foi aleatória ou ocasional, remetendo a produções anteriores, decorrentes das vivências do período de graduação, durante o qual a pesquisadora efetuou uma etnografia no quartel do Corpo de Bombeiros da cidade de Rio do Sul, em Santa Catarina. Na ocasião, o objetivo era investigar os sentidos atribuídos pelos bombeiros à inserção tecnológica em seu ambiente profissional e ao uso de tecnologias em seu cotidiano de trabalho. A pesquisa culminou em considerações relevantes sobre este assunto e realidade laboral, possibilitando, inclusive, produções científicas sobre o tema<sup>3</sup>, entretanto, por delimitações de tempo, e em decorrência dos objetivos propostos, lacunas e aspirações não concretizadas permaneceram, fato que alimentou o anseio de retomar as investigações.

A pesquisa anterior possuía as características de um estudo etnográfico, o qual pressupõe a presença efetiva e constante do pesquisador no local investigado. Na ocasião, por um período de, aproximadamente quatro meses (4), foi possível observar, conversar, entrevistar e participar ativamente de vários momentos do processo de trabalho dos bombeiros, o que

---

<sup>3</sup> Dois artigos culminaram deste estudo:

- Oliveira, M. R. de & Toassi A. J. (2005). A Inserção Tecnológica no Cotidiano de Trabalho: uma etnografia das significações profissionais de soldados do Corpo de Bombeiros da cidade de Rio do Sul. *Caminhos*, (01), 195-219.  
- Toassi, A.J., Stolf, M. C & Oliveira, M. R. de (2006). Inserção Tecnológica no Trabalho: uma etnografia das significações profissionais de bombeiros. *Psicologia Ciência e Profissão*, 02, 280-293.

possibilitou o acesso e a visualização de uma série de questões referentes à sua atividade profissional. Como o objetivo da etnografia estava ligado ao uso de tecnologias a ênfase da pesquisa calcou-se sobre as relações destes profissionais com os aparatos tecnológicos presentes em seu cotidiano laboral, porém, pela amplitude das ações desempenhadas, aliadas às peculiaridades<sup>4</sup> do ofício do bombeiro, outras temáticas distintas despontaram no decorrer da investigação.

Os bombeiros, em suas falas, referiam-se à presença constante de eventos imprevisíveis e incontroláveis em seu trabalho, de desastres, mortes e sofrimentos, enfocando também as pressões e exigências sobre sua atuação, à convivência com ameaças e perigos, às vivências sob o regime militar, à necessidade de tomar de decisões rápidas e eficazes, aos turnos e horários de trabalho, bem como ao convívio com situações longas e desgastantes, as quais culminam, muitas vezes, em resoluções desfavoráveis. Enfim, uma série de outros assuntos, além da inserção tecnológica, foram trazidos à tona durante a pesquisa, não sendo possível, porém, tratá-los e aprofundá-los de modo efetivo.

Albuquerque (1997), já salientava a necessidade de estudos mais amplos sobre esta problemática e área de atuação, ao ratificar que pesquisas englobando o domínio dos desastres e das emergências, ainda são incipientes na realidade brasileira, sobretudo, nas ciências humanas, estando mais ligados aos aspectos físicos e ambientais, pouco atentando aos profissionais que atuam neste segmento. Contudo, segundo Condori, Ego-Aguirre & Palacios (2003), nos últimos anos pode-se perceber um interesse e atenção maior a essa demanda, principalmente nos países da América Latina, onde o número de ocorrências é significativo, culminando em uma área inovadora, a qual constitui a Psicologia das Emergências e dos Desastres.

O Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina, a partir desta realidade, também demonstra uma preocupação com a área ligada aos desastres e emergências, ao buscar uma inserção efetiva neste âmbito. Exemplo disso é o convênio de cooperação assinado em fevereiro de 2008, entre o CRP-12 ( Conselho Regional de Psicologia) e a Defesa Civil do Estado de Santa Catarina. Ademais, no decorrer do mês de maio do corrente ano, o referido Conselho promoveu uma série de eventos visando à discussão e elaboração de um documento que pudesse servir como referência para a atuação dos profissionais da Psicologia neste setor, em todos os

---

<sup>4</sup> Como a grande maioria das profissões, o trabalho dos bombeiros é marcado pela convivência com características peculiares. Entre elas destaca-se: o caráter de urgência e pressa que permeia seu ofício, a vivência sob o regime militar, o convívio com mortes e tragédias constantes, a necessidade de lidar com situações perigosas e de risco.

seus momentos, principalmente, como forma de prevenção. O objetivo destas ações foi promover a inserção efetiva dos psicólogos neste campo, bem como, minimizar os prejuízos humanos e materiais que os desastres acarretam à sociedade<sup>5</sup>.

Frente aos aspectos pontuados, um dos passos iniciais desta análise foi realizar uma pesquisa no banco de dados da CAPES e no SCIELO<sup>6</sup>, através da qual se observou que a existência de estudos, tanto na área da Psicologia ligada a desastres e situações de emergência, quanto de trabalhos investigativos a respeito do exercício profissional de trabalhadores que atuam nessa área específica<sup>7</sup>, são bastante restritos. Ao associar os termos profissionais da emergência/trabalho/ desastres/ emergências/ bombeiros, com diferentes combinações, as escassas produções que despontaram na área da Psicologia e em outras, coadunam com a necessidade de estudos que englobem e desenvolvam ainda mais essa temática. Investigações sobre bombeiros, de modo mais específico, são ainda mais incipientes, uma vez que entre as quatro (4) pesquisas encontradas, apenas uma (1) delas era na área da Psicologia<sup>8</sup>.

Vale ressaltar aqui que, nestas produções identificadas através da pesquisa em banco de dados, predominam concepções individualistas e fragmentadas da problemática, uma vez que enfatizam, sobretudo, os impactos dos desastres na natureza e/ou, naturalizam as produções sociais acerca do fenômeno. Estes estudos ainda indicam carência de compreensão sobre a abrangência das situações vividas por estes profissionais e das implicações sobre sua constituição como sujeito, ao desprezarem estes aspectos, atendo-se a outros pontos, como os impactos ambientais e sociais. Apenas a pesquisa feita por Monteiro, Maus, Machado, Pesenti, Bottega & Carniel (2007) apresenta um entendimento diferenciado, enfocando os sentimentos despertados pelo trabalho e as implicações que a atuação laboral nessa área pode ter sobre a saúde destes trabalhadores.

A partir das lacunas existentes nos estudos e análises realizadas sobre a área referente às emergências e sobre a atuação profissional dos trabalhadores envolvidos nesse processo - entre eles os bombeiros - bem como, dos aspectos inerentes a esta profissão, uma série de mitos,

---

<sup>5</sup> Informações retiradas do Informativo do Conselho Regional de Psicologia de Santa Catarina, 12ª Região, 2008. Para maiores detalhes ver as referências.

<sup>6</sup> O termo CAPES refere-se à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e SCIELO à Scientific Electronic Library Online. Assim, os sites pesquisados foram <http://www.periodicos.capes.gov> e [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acessados em 28 de abril de 2006, posteriormente em 28 de novembro do mesmo ano e ainda em janeiro de 2008.

<sup>7</sup> Profissionais da defesa civil, paramédicos, bombeiros.

<sup>8</sup> Entre as produções encontradas tem-se: Berro & Salvá (2005), Carvalho (2002), Mattedi & Butzke (2001) e Monteiro et al (2007). Maiores informações sobre estes estudos, ver referências.



crenças e idéias equivocadas a respeito do assunto tendem a desenvolver-se, podendo implicar sobre o serviço realizado, bem como sobre os sentidos que estes profissionais atribuem ao seu ofício. Assim, o trabalho dos profissionais bombeiros, ao estar agregado a atuações em circunstâncias trágicas, perigosas e carentes de intervenções rápidas e eficientes, freqüentemente, encontra-se associado a concepções acerca do “heroísmo” que estes sujeitos precisam ter no desempenho de suas funções cotidianas. Estas premissas são constantemente difundidas pela mídia e assimiladas pelo senso-comum, passando, deste modo, a constituir-se como “verdades” relativas a esta profissão.

O título da pesquisa – “Heróis de Fumaça” - parte assim, destas premissas sobre a caracterização e abrangência do exercício profissional dos bombeiros, as quais difundem a idéia de que suas ações são heróicas, tratando-os como seres dotados de “poderes” sobre-humanos e exigindo atuações condizentes com estes entendimentos<sup>9</sup>. Neste sentido, o título refere-se metaforicamente a estas concepções sobre o trabalho do bombeiro e destaca o fato de que seu heroísmo pode ser comparado à fumaça, com a qual freqüentemente precisam lidar e, que é frágil, obscura, tênue, efêmera, encobrendo situações e ocorrências mais profundas, escondendo o que de fato existe, o que está por detrás do aparente.

Tendo em vista o local central que o trabalho ocupa na esfera social e o papel fundamental que ele desempenha na constituição dos sujeitos<sup>10</sup>, torna-se imprescindível que a atividade profissional seja analisada sob o foco das implicações que acarreta para o ser humano, sendo necessário observar como ocorre a rede de tecimentos dialéticos estabelecidas entre o homem e seu ofício, além de analisar os sentidos e sentimentos desenvolvidos durante o processo de labor, bem como os problemas decorrentes desta atuação. Conforme já pontuado, devido à lacuna de produções com ênfase nos profissionais, nos sujeitos que diariamente vivenciam essa realidade, é preciso “espiar por detrás da fumaça” que encobre o trabalho do bombeiro e compreender como esses trabalhadores dão sentido às suas ações laborais, frente ao contexto capitalista contemporâneo e às exigências de sua profissão.

Segundo Condori *et al* (2003, p.2) “o pessoal de primeira resposta (bombeiros, paramédicos, resgatistas, médicos, psicólogos, policiais, pessoal da defesa civil, voluntários e

---

<sup>9</sup> Um exemplo disto pode ser encontrado na Revista Veja São Paulo, 2007, onde todas as reportagens são a respeito do trabalho dos bombeiros, enfocando e reafirmando seu heroísmo.

<sup>10</sup> A discussão sobre o papel do trabalho será aprofundada em um dos capítulos referente à fundamentação teórica, a partir do item 2.

outros), são *vítimas ocultas*<sup>11</sup> que de alguma ou outra forma são afetados diante de uma situação de emergência ou desastre”<sup>12</sup>. Os mesmos autores destacam ainda que o trabalho realizado por estes profissionais, coloca-os em contato com situações de tempo extraordinárias e os expõe a emoções intensas, ao ter que lidar com pessoas envolvidas em momentos difíceis e emergenciais, o que demanda condições específicas para o exercício de suas funções. Este cenário reafirma a necessidade e importância de estudos que busquem contemplar esta realidade.

De acordo com Amador (2002, p.24), “as implicações do pesquisador desde o momento em que gesta seu projeto de investigação” permeiam a elaboração de todo o estudo. Assim, as compreensões a respeito da centralidade do trabalho na constituição do ser humano, aliadas às circunstâncias e fatores analisados até aqui sobre a área de atuação dos bombeiros, incentivaram o anseio por um aprofundamento nas vivências e relações que estes trabalhadores estabelecem com seu ofício. Deste modo, a pretensão foi compreender “**quais os sentidos que profissionais bombeiros atribuem ao seu trabalho?**”, analisando, no seio de suas práticas profissionais, os processos de significações produzidos no percurso laboral, através de uma aproximação maior e de uma imersão no cotidiano de trabalho destes profissionais. Destaca-se que este questionamento serviu como bússola norteadora para o desenvolvimento e elaboração de todo o estudo.

A ambição da pesquisadora era ultrapassar os muros da academia - ao inserir-se efetivamente em campo - e superar as amarras epistemológicas embasadas na modernidade, as quais “visam assegurar a cisão entre os mundos de quem conhece e de quem é conhecido e, ainda, entre os terrenos do objetivo e subjetivo” (Amador, 2002, p.25). A meta, portanto, era estabelecer redes de comunicações efetivas com os sujeitos da pesquisa, buscando compreender os sentidos desenvolvidos a partir de suas falas, vivências e experiências, observando *in loco*, o seu contexto, sua realidade e cotidiano de trabalho.

Os profissionais bombeiros constituem, assim, um amplo espaço e campo analítico, uma vez que sua prática encontra-se atrelada, freqüentemente, a situações envolvendo desastres, tragédias e emergências, podendo significar, inclusive, a diferença entre a vida e a morte de uma pessoa. Deste modo, este estudo almejava apreender suas construções através de observações e

---

<sup>11</sup> Grifos dos autores

<sup>12</sup> Tradução da autora, versão original seguinte: “el personal de primera respuesta (bomberos, paramédicos, rescatistas, médicos, psicólogos, policías, personal de defensa civil, voluntarios y otros), son *vítimas ocultas* que de alguna u otra forma se afectan ante una situación de emergencia o desastre”.

análises das forças que as constituem, procurando entender de que maneira transformam significados sociais em sentidos próprios, individuais e subjetivos. Para alcançar este intento, buscou-se verificar as implicações que as exigências específicas de sua profissão, acarretam para os sentidos que os bombeiros atribuem ao seu trabalho, além de analisar os sentidos que estes profissionais conotam às demandas encontradas em seu cotidiano de trabalho e compreender os sentidos que eles outorgam ao trabalho frente o contexto capitalista e contemporâneo de produção.

A partir da contextualização e justificativas expressas nesta introdução, será apresentado inicialmente o referencial teórico, partindo de uma breve exposição, no capítulo 2, sobre o panorama de trabalho, seu papel na vida do ser humano, bem como sobre as discussões relacionadas com o caráter que ele assume na contemporaneidade; também são tecidas considerações relativas ao contexto capitalista de produção – subsumido ao domínio da mercadoria - procurando localizar o sujeito trabalhador imerso nesse processo e na conjuntura atual, destacando, inclusive, sua atuação nas ocorrências emergenciais com as quais precisa conviver e lidar cotidianamente.

No capítulo 3 são analisados os processos de constituição do sujeito, com destaque ao lugar ocupado pelo trabalho nestes processos, bem como a construção de seus sentidos e significados. Neste capítulo é apresentada, através de reflexões teórico-metodológicas, a opção pela vertente epistemológica que fundamenta estas categorias, utilizada como aporte de compreensão do ser humano nesta pesquisa.

Após a fundamentação, o capítulo 4 aponta o enquadre metodológico que foi empregado no percurso da pesquisa. Inicialmente, traz algumas reflexões sobre o método e depois descreve o “caminho metodológico” percorrido na investigação, apresentando o contexto e os participantes da pesquisa, descrevendo a inserção em campo e os procedimentos utilizados para a busca de informações e finalmente, explicitando o processo de compreensão dos dados. O capítulo 5 apresenta, brevemente, o processo de surgimento do Corpo de Bombeiros, descrevendo sua implantação no estado de Santa Catarina e procurando também analisar a história da 3ª Companhia de Bombeiro Militar, qual seja, o campo do estudo em questão, discorrendo sobre sua inserção na comunidade.

O capítulo 6, intitulado “O refúgio dos Heróis”, apresenta o quartel do Corpo e Bombeiros de Rio do Sul, levando o leitor a compreender sua estrutura física e organizacional. O

capítulo 7 explicita o cotidiano de trabalho destes profissionais, destacando as exigências e peculiaridades de seu dia-a-dia, analisando, inclusive, as relações estabelecidas no decorrer deste percurso. O capítulo 8, chamado de “O homem por trás da Máscara”, almeja apresentar os sujeitos da pesquisa, ou seja, os bombeiros como homens que escolheram uma profissão e tiveram que visualizar as premissas contemporâneas no decorrer deste processo, uma vez que continuam optando por este trabalho. Assim, neste item busca-se analisar como as exigências atuais são sentidas e significadas pelos bombeiros.

O capítulo 9 dá ênfase na desmitificação do heroísmo que permeia o ofício dos bombeiros, referindo-se de modo mais específico às significações que eles conotam ao seu trabalho, verificando o que significa ser bombeiro e suas concepções a respeito de trabalho e emprego. Posteriormente seguem as considerações finais, explicitando os resultados e suas articulações com o referencial teórico de modo mais amplo e generalizado. Na seqüência os autores que embasaram este estudo são apresentados em forma de referências bibliográficas e o trabalho finaliza-se com os apêndices elaborados durante o processo de investigação.

## 2. PASSEANDO PELAS VEREDAS DO TRABALHO

*Um homem se humilha, se castram seus sonhos, seu sonho é sua vida e a sua vida é o trabalho. O homem não tem honra e sem sua honra se morre se mata. Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz...*

*(Gonzaguinha, 1983)*

Desde os primórdios da civilização o ser humano busca satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência através da transformação e uso da natureza, constituindo o que Marx (1982) chama de processo de trabalho. Partindo desta concepção, o trabalho é tido como categoria indispensável à produção da vida humana, indissociável e essencial ao sujeito. Destarte, “é o trabalho... uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação... entre o homem e a natureza e, portanto, da vida humana” (Marx, 1982, p.50). Assim, o sujeito é aquilo que faz, pois se hominiza neste movimento contínuo de trabalhar e atuar sobre seu meio natural.

Segundo Marx (1982), a teleologia, ou seja, a capacidade que o sujeito possui de planejar e vislumbrar os resultados de suas ações antes de iniciá-las, agindo através da intencionalidade, é o principal diferencial entre o homem e o animal. O ser humano também é o único que apresenta a possibilidade de produzir seus meios de subsistência e, de modo concomitante, arquitetar sua vida material. O trabalho é, portanto, essencialmente constituinte do sujeito, pois para existir ele precisa trabalhar produzindo seu meio e a si mesmo nesse processo. Assim, há uma relação intrínseca entre a produção do que os sujeitos são e as formas de organização social; uma vinculação inseparável entre a história dos homens e a natureza.

Através do processo de trabalho o ser humano constitui, dialeticamente, seu meio e a si mesmo (Marx, 1985). Desta forma, é saliente a relação indissociável existente entre homem e natureza. Em uma perspectiva marxista Tumolo (2005) reitera a concepção de que a base da existência humana é o trabalho, sendo que os homens caracterizam-se como tais, a partir do momento em que precisam produzir sua existência. Portanto, trabalhar é atuar sobre a realidade e a natureza, buscando sua transformação, a fim de satisfazer as necessidades humanas. Frente esta realidade, este autor enfatiza que, a estruturação da sociedade, ocorre embasada na forma como ela organiza seu processo de produção da existência humana, ou seja, na ordenação do processo de trabalho.

Nesta concepção, o trabalho assume um papel central na vida humana. Mas, apesar de ser, desde a Antigüidade, fonte de estudos e questionamentos, ele começa a ganhar ênfase e a ser objeto de preocupação das ciências, principalmente a partir da Revolução Industrial, devido, sobretudo, ao advento do capitalismo e às alterações e necessidades decorrentes desta nova realidade. Assim, o trabalho vem sendo amplamente estudado por várias vertentes científicas, adquirindo significados diversos em função do contexto, do momento histórico e dos motivos que subjazem às investigações.

O trabalho sofre, assim, alterações freqüentes em função do contexto social, econômico, político e científico. Tais transformações tendem a despertar sentimentos paradoxais nos sujeitos, os quais podem representar tanto vida, realização, emoção e ação, como conduzir à degradação, doença e à morte. Destarte, é importante desvelar as relações polissêmicas e complexas efetuadas no interior das atuações profissionais, analisando “em particular seus elementos de centralidade, seus laços de sociabilidade que emergem no mundo do trabalho...” (Antunes, 2003, p. 13), além de compreender os sentidos que o trabalho elenca, à luz das exigências decorrentes do modo capitalista de produção, o qual circunscreve todos os âmbitos no qual o homem transita.

## **2.1 O trabalho e as emergências sob a égide do capitalismo**

O sistema capitalista ancora-se sob os princípios do lucro e sob o domínio da mais-valia. Neste sentido, o trabalho humano torna-se fundamental à sua manutenção, pois a obtenção de capital ocorre essencialmente na esfera da produção, ou seja, a mais-valia resulta da utilização e exploração da força de trabalho pelo dono dos meios de produção (Marx & Engels, 1996). Deste modo, o homem subordina-se às leis que subjazem este universo e constitui-se como trabalhador ao vender sua força no mercado de trabalho, visando produzir sua vida e suprir as necessidades, que vão do “estômago à fantasia” (Tumolo, 2005, p.242). No capitalismo, a força de trabalho do indivíduo passa, então, a ser um objeto de barganha, pois, segundo Marx e Engels (1996), ao comprar a força de trabalho, o capitalista adquire direitos sobre as capacidades físicas e/ou intelectuais que o sujeito tem de produzir.

No modo de produção capitalista, as relações que o homem estabelece com seu ofício, transmutam-se, reconfiguram-se, devido à lógica e às exigências advindas deste modo de

produção. Assim, quando o trabalhador vende sua força de trabalho, esta se transforma em objeto, em mercadoria, sendo materializada através do salário, do pagamento que ele recebe por seu empenho, pois ele vende seu esforço, despende-o, em função do dinheiro a ser adquirido. Neste processo, o sujeito tende a perder sua individualidade, uma vez que sua força de trabalho iguala-se à mercadoria, àquilo que pode ser comprado e vendido. Desta maneira, ele pode esquecer-se de que possui uma condição de transformador do mundo, da sociedade e de si mesmo (Codo, Hitomi & Sampaio, 1993).

Há, portanto, no capitalismo, um movimento contínuo e incessante entre os pólos do trabalho e do consumo, uma vez que a existência do capitalismo depende da comercialização de mercadorias (Marx & Engels, 1996). Assim, ora a força de trabalho é vista como objeto, mercadoria que pode ser comprada e vendida, ora é tida como sujeito, aquele que tem poder e movimenta o capitalismo através do consumo. Ao estudar os profissionais bombeiros, faz-se necessário o tecimento dessas análises e considerações, pois estes sujeitos, apesar de não serem produtores de mercadorias, mas trabalhadores da área de serviços, são consumidores, que atuam e operam inseridos no modo de produção e segundo a lógica capitalista. Além disso, através de seu trabalho eles contribuem para a manutenção da força de trabalho, colaborando assim, com a lógica de produção e reprodução do capital.

Segundo Marx (1983, p.141) “A força de trabalho só existe como disposição do indivíduo vivo. Sua produção pressupõe, portanto, a existência dele. Dada a existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste em sua própria reprodução ou manutenção”. Ao analisar o ofício dos profissionais bombeiros, faz-se necessário, portanto, considerar a existência de “uma subsunção real da vida social ao capital” (Tumolo, 2005, p.239), cujo ponto central, conforme já destacado, é a exploração da força de trabalho. Assim sendo, estes profissionais, ao venderem sua força de trabalho, participam e colaboram ativamente com este processo e apesar de não produzirem mercadorias, não estão excluídos desta realidade, ao serem agentes mantenedores da força de trabalho e ao viver, atuar e operar, inseridos no modo de produção e segundo a lógica capitalista.

Os sentidos que os bombeiros atribuem ao seu ofício, portanto, tem uma estreita ligação entre as suas condições materiais de existência e de trabalho, as quais devem ser consideradas quando se busca analisar este universo de modo específico. Eles não produzem mercadoria, mas precisam dela para poder sobreviver e realizar seu trabalho da melhor forma

maneira possível. Neste sentido, o salário que recebem por seu serviço, os instrumentos e materiais utilizados, a estrutura física e tecnológica, os resultados de sua atividade profissional, são aspectos que implicam sobre sua atuação, devendo ser analisados.

O estudo almejou, assim, a análise em sua totalidade, das condições objetivas e subjetivas do trabalho dos profissionais bombeiros, considerando-as como dimensões indissociáveis. Por aspectos subjetivos compreende-se a formação profissional destes trabalhadores, suas vivências e o modo como dão sentidos à sua atuação; já as categorias objetivas referem-se à organização efetiva do trabalho, englobando desde o ambiente físico, o desenvolvimento das tarefas, os instrumentos utilizados no processo, até sua remuneração e as exigências práticas de seu ofício (Basso, 1998). Assim, o ensejo era observar estes âmbitos de forma integrada e intimamente entrelaçada, a fim de compreender de modo amplo e abrangente o universo destes trabalhadores, entendendo-o, porém, no bojo da lógica do capital.

## **2.2 A soberania da mercadoria**

De acordo com Marx (1983), o modo de produção capitalista encontra-se sob o domínio da mercadoria, a qual constitui objeto concreto e exterior ao homem, tendo o propósito de satisfazer suas necessidades. Assim, ela apresenta tanto valor de uso – quando utilizada em consumo próprio - quanto valor de troca – a partir do momento em que serve como objeto de permuta entre os sujeitos. Nesse movimento, o objetivo do processo de trabalho é a produção da própria vida por intermédio da mercadoria, através de relações de troca constantes, pois numa forma social mercantil, é praticamente impossível produzir a vida, sem a realização efetiva de trocas.

No capitalismo, a própria força de trabalho do indivíduo constitui-se como mercadoria. Neste sentido, o salário, materializa a força de trabalho como mercadoria e o ritmo produtivo busca igualar os homens. Desta forma, a determinação do valor da força de trabalho, ou seja, quanto “vale” um dia de trabalho humano, se dá pelo valor dos meios de subsistência indispensáveis à conservação da vida humana, isto é, pelo custo dos elementos necessários à sobrevivência e saúde do homem, daquilo que ele precisa para suprir suas necessidades mais prementes (Marx, 1983). Esta valoração, ao variar em função do espaço social, cultural, econômico e geográfico onde o sujeito encontra-se inserido, estabelece parâmetros diferenciados



entre os diversos tipos de trabalhadores existentes, o que ocasiona o desenvolvimento de relacionamentos diversificados entre os profissionais e seu ofício, que ao outorgarem sentidos singulares ao seu trabalho, sofrem, porém, as implicações dos significados valorativos socialmente estabelecidos.

De acordo com Marx (1985), no processo produtivo regido pelo capitalismo, o trabalho humano apresenta um dualismo, ao ter a possibilidade de criar tanto valores de uso, como valores de troca. No primeiro caso, ocorre a fabricação de objetos necessários à sobrevivência do próprio trabalhador, daquilo que ele carece para satisfazer suas necessidades; já na produção de valor de troca o objetivo é a criação de mercadorias para a venda, à esfera da comercialização, ou seja, objetos que não precisa para si mesmo, que não são valores de uso para ele, mas para aqueles que irão comprá-los. Neste caso, o objetivo é a obtenção de capital, de excedentes, através da produção intensiva e da exploração da força de trabalho do sujeito. Este movimento contínuo e incessante de criação de valores é o que vai originar as esferas do consumo e da comercialização, características do modelo capitalista.

A este respeito Codo et al (1993, p.113) dizem que “o homem é desapropriado de si no trabalho e se reapropria de si no consumo. A esfera do trabalho é o âmbito da produção e a do consumo é da reprodução”. Este fato causa implicações variadas para os sujeitos, pois constantemente ocorrem lacunas entre estes âmbitos, interstícios profundos entre as possibilidades efetivas de consumo e o esforço que o homem despense diariamente no seu labor. Assim, a tendência - e a própria meta capitalista - é que ele produza bem mais do que aquilo que precisa para manter-se e para reproduzir sua força de trabalho, não tendo, porém, acesso a toda esta produção, apenas a uma pequena parcela, às vezes, insuficiente para proporcionar-lhe condições dignas de existência. No sistema capitalista, há, portanto, um movimento contínuo e incessante entre os pólos do trabalho e do consumo, pois a existência do capitalismo depende da comercialização de mercadorias (Marx & Engels, 1996). Este modelo produtivo pressupõe então, este processo de comercialização.

A partir do valor de uso e de troca de uma mercadoria, é possível chegar aos conceitos desenvolvidos por Marx (1983), a respeito do trabalho útil ou concreto e do trabalho abstrato. O primeiro, constitui-se a partir do valor de uso das mercadorias, ou seja, pelo trabalho que resulta na produção de determinado objeto, com funções e utilidades específicas, sendo empregado para consumo próprio. Já o trabalho abstrato, apresenta-se como dispêndio de força de trabalho social,

nunca sendo particular, individualizado, no qual se abstrai as características úteis e concretas do trabalho. Desta forma, ele está sempre na esfera da relação de troca. Vale destacar que, no processo de permutação, o valor de uso das mercadorias - suas características de utilidade – é abstraído, isto é, só seu valor de troca tem importância e é considerado. Há, portanto, uma relação de igualação, onde as mercadorias são vistas como resultado do trabalho humano, sem apreciar a utilidade de uma ou de outra, verificando apenas, a quantidade de trabalho necessário para sua produção.

Numa sociedade mercantil, é impossível obter a produção da vida sem o estabelecimento de relações de troca. A mercadoria, portanto, é o que vai determinar esta produção social da vida. Com relação ao labor dos bombeiros, há uma diferença fundamental relacionada a este aspecto, pois os resultados de seu processo de trabalho, não culminam em uma mercadoria concreta e palpável, que possa ser comercializada. O fato apresentado conduz a questionamentos relativos ao ofício do profissional bombeiro, cujo objetivo não se iguala aos fabris e aos do sistema capitalista, que visa à obtenção de mais-valia e a valorização do valor (Tumolo, 2005), uma vez que não segue sua racionalização.

Além dos aspectos pontuados, os bombeiros constituem-se ainda como servidores públicos, e, portanto, seu trabalho encontra-se atravessado por este lugar que ocupa, apresentando características distintas dos trabalhadores de empresas privadas (Chanlat, 2002)<sup>13</sup>, as quais, geralmente são produtoras de mercadorias. Outra diferença é que o serviço público não determina um padrão específico a estes profissionais, os quais são subordinados ao Estado, ou, observando sob outro prisma, à população que paga os impostos. O fato de trabalharem com vidas, com seres humanos, também diferencia seu ofício de outros, porém, apesar destas particularidades, ao serem regidos pelo capitalismo não escapam à sua lógica, sendo passíveis de sofrer suas implicações. Isto constitui uma característica peculiar desta - e de outras profissões também – que pode influenciar nas relações estabelecidas com seu trabalho.

Com base nestas compreensões, pode-se chegar a conclusões primárias de que o trabalho dos bombeiros não tem utilidade ao sistema capitalista e não colabora com sua sustentação. Porém, ao efetuar uma análise mais profunda do assunto, percebe-se o equívoco desta compreensão, pois, ao realizarem atendimentos emergenciais, os bombeiros contribuem para a preservação e reprodução da vida humana, o que, para o capitalismo, significa a

---

<sup>13</sup> No decorrer deste estudo os aspectos referentes ao serviço público recebem maiores detalhes e elucidações.

manutenção da força de trabalho. Este fato, evita perdas e custos adicionais ao capitalista e ao mercado de trabalho, isto é, para que haja produção e comercialização de mercadorias, bem como a obtenção de capital através da exploração da força de trabalho, é imprescindível que existam sujeitos capazes e “interessados” em vender sua força de trabalho, em comercializar sua capacidade de produção e em deixar-se explorar pelos detentores dos meios de produção (Marx, 1985).

Ao contribuírem com a manutenção desta força de trabalho em “condições ideais de uso”, isto é, saudáveis e com plena disposição ao labor e à reprodução da vida humana, os bombeiros participam deste processo e desta lógica de produção capitalista. Assim, eles também irão compor, através de sua atuação profissional, a intrincada rede formada pela classe trabalhadora, a qual caracteriza-se por seu caráter idiossincrático, complexo e contraditório. O serviço de atendimento às emergências realizado pelos bombeiros, apesar de apresentar certas especificidades, encontra-se assim, enredado na teia de contradições sociais decorrentes do capitalismo. Neste contexto, torna-se imprescindível à concretização de investigações acerca da realidade vivenciada por estes trabalhadores, a partir de uma contextualização de seu meio social, bem como do modo de produção, extremamente definidor das condições objetivas que circunscrevem suas ações.

### **2.3 O trabalho do bombeiro na sociedade contemporânea**

A partir das concepções desenvolvidas a respeito do trabalho, do capitalismo regido pela mercadoria e do trabalhador inserido e constituinte desse processo, é importante destacar que, o momento contemporâneo, ainda que esteja subsumido à lógica do capital, encontra-se estruturado e atua de modo distinto de períodos anteriores. De acordo com Tolfo, Coutinho, Almeida, Baasch e Cugnier (2005), até as últimas décadas do século XX, houve a predominância hegemônica da forma de ordenação dos processos de trabalho caracterizada pela verticalidade empresarial e por modelos de produção em série, quando mudanças reestruturativas nos meios e modo de produção, aliadas ao processo de globalização e ao desenvolvimento tecnológico e informacional, começam a tecer alterações nesse cenário. Através das maneiras diferenciadas de organização do processo produtivo, novas configurações de emprego e trabalho vão surgindo, o

que conduz ao aparecimento de elementos inéditos nas relações estabelecidas entre os sujeitos e seu ofício, marcadas pela complexidade e diversificação.

Os autores citados afirmam, ainda, que as formas inéditas de estruturação do capitalismo, com modelos mais flexibilizados, globalizados e informatizados, conduzem ao surgimento de modos de trabalho diversificados, além de contribuir para o aumento nos índices de desemprego, bem como dos trabalhos terceirizados e informais, levando à precarização das condições trabalhistas. Estas situações, caracterizadas pela pluralidade e efemeridade, conduzem os trabalhadores a questionamentos e dúvidas, devido à perda de referenciais norteadores e éticos, o que leva também, a alterações nos sentidos que os profissionais conotam ao seu trabalho.

Segundo Tolfo e Coutinho (2007) a crise no sistema capitalista desencadeou, além dos aspectos apresentados, formas diferenciadas de “reagir” aos acontecimentos. Assim, uma consequência destas ocorrências é a reforma do Estado, a qual caracteriza-se pelo incentivo aos programas de privatização e ao enxugamento das empresas estatais, o que acarreta “repercussões profundas para o conjunto da sociedade e, em particular, para os trabalhadores envolvidos” (Tolfo & Coutinho, 2007, p.58). Esta estratégia do Governo para retomar o crescimento precursor à crise capitalista, faz com que o Estado se exima da responsabilidade “de atuar em setores até mesmo estratégicos para a sociedade e passando, para a iniciativa privada, empresas que anteriormente estavam sob a sua gestão” (Tolfo & Coutinho, 2007, p.63). Esse não é o caso do Corpo de Bombeiros, porém, por ser uma organização estatal, esses efeitos também são sentidos de forma efetiva, conforme informações e análises tecidas no decorrer do estudo.<sup>14</sup>

O cenário de trabalho atual encontra-se, portanto, permeado por um discurso característico, o qual é composto por uma série de termos específicos utilizados para referir-se às organizações, ao mercado de trabalho e principalmente às posturas e adjetivos “necessários” ao trabalhador. Exigências e concepções como globalização, autonomia, empreendedorismo, terceirização e flexibilidade, circunscrevem esse universo em seus vários âmbitos, acarretando aos sujeitos, formas diferenciadas de vivenciar e relacionar-se com a realidade (Sato, 2002a). Frente a este contexto, rompem-se paradigmas, criam-se outros, modificam-se e estruturam-se os antigos, “mascaram-se” velhos conceitos, mas o fato é que a multiplicidade de premissas opostas e contraditórias convive paralelamente na contemporaneidade, clamando por análise e atenção.

---

<sup>14</sup> Análise realizada no capítulo 9.

O trabalho, ao estar inserido em um modo de produção capitalista, subordina-se a sua lógica e às suas modificações. Assim, os trabalhadores subsumem-se à organização do capital e sentem cotidianamente suas ações. As mudanças ocorridas no avanço do capitalismo implicam, sobremaneira, na esfera de trabalho dos profissionais bombeiros, principalmente, no desenvolvimento de suas funções, as quais sofrem alterações em virtude do momento vivenciado. De acordo com Martins (2004), a ordenação diferenciada da vida social acarretou exigências distintas sobre estes profissionais, inclusive a de colocar a incumbência dos atendimentos emergenciais sob sua responsabilidade, conforme já pontuado na introdução deste estudo.

O ritmo de vida acelerado, ao qual os sujeitos encontram-se submetidos na contemporaneidade, aliado à voracidade e ganância desenfreada, contribuem de forma efetiva para a ocorrência de desastres, uma vez que os seres humanos atuam sobre a natureza de maneira abusiva e devastadora, sem preocupar-se com as conseqüências de seus atos. Assim, a realidade atual é campo propício ao acontecimento de acidentes, doenças e emergências variadas, carentes de intervenções imediatas, bem como, dos respectivos profissionais, a fim de manter e preservar a vida humana (Martins, 2004). Neste contexto, os bombeiros, de modo geral, têm com função a promoção da saúde e a manutenção do patrimônio e da vida do homem.

Frente aos aspectos destacados, pode-se remeter às concepções desenvolvidas por Sawaia (1995) ao afirmar que os processos de saúde/doença encontram-se intimamente atrelados ao âmbito social, sendo eles próprios produtos e produções sociais. Autoras como Andriani e Rosa (2002), compartilham desta compreensão, ao estabelecer ligações estreitas, profundas e indissociáveis entre a promoção da saúde e o contexto sócio-histórico cultural no qual o sujeito encontra-se inserido. Neste sentido, Martins (2004) aponta ainda que a manutenção da saúde do ser humano, em suas várias significações, subsume-se à ordem e lógica de ordenação do capital, portanto, as alterações no sistema capitalista vão implicar de modo efetivo sobre a vida e a saúde dos seres humanos, fato que ratifica a necessidade de maiores estudos acerca desta realidade.

É fato, que a vida humana e o labor adquirem certas características decorrentes do modo de produção capitalista, porém, segundo Furtado (2003), o trabalho não pode ser visto apenas como circunscrito pelo capitalismo, mas entendido como a maneira pela qual o indivíduo transforma planejamentos seus em ações, sendo um modo de agir sobre a concretude, de colocar em atos suas idéias. Portanto, ao estudar o trabalhador, é preciso compreendê-lo em sua totalidade, buscando analisar como ocorre sua constituição como sujeito, intimamente atrelada ao

processo de trabalho e às produções e condições socialmente desenvolvidas, porém, sem perder de vista o sujeito, o ser humano inserido neste processo.

Para compreender o homem, é necessário, portanto, a análise destes conjuntos relacionais que ele estabelece cotidianamente com seu meio social e profissional, sabendo que o trabalho assume um papel fundamental. Deste modo, a apreciação e compreensão dos sentidos e das relações que o indivíduo constitui com seu trabalho, são imprescindíveis quando se busca o rompimento de fronteiras e paradigmas acerca do sujeito e procura-se a construção de conhecimentos pautados sobre a ética, o respeito e o compromisso com o ser humano, os quais possam colaborar e facilitar a sua luta diária pela sobrevivência, em um contexto marcado pela diversidade, precariedade, competição, pluralidade e polissemia.

### 3. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PRODUÇÃO DA VIDA

*[...] é no horizonte destas relações com os outros, das relações com o corpo, com as coisas e a natureza, com o passado e com o futuro, que o homem se objetiva, que se constitui [...], e é também nestas relações que ele se complica, realiza-se e aliena-se.*

*(Maheirie, 1994, p.118)*

O ser humano, desde seu nascimento, estabelece relações ininterruptas com o mundo, constituindo-se em contextos sociais distintos. Deste modo, o sujeito encontra-se permeado por aspectos culturais variados, sendo orientado por padrões e significados construídos no decorrer da história, através dos quais direciona e objetiva sua vida (Sawaia, 1999). Assim, nos relacionamentos mantidos dialeticamente com seu contexto, ele adquire e apreende as noções básicas necessárias à sua existência, caracterizando-se como um ser social por excelência. Porém, o homem não é apenas determinado pelo meio, mas também capaz de agir e atuar sobre a realidade do qual é construtor. Ele possui um papel atuante neste processo, pois, apesar de existir uma materialidade comum a todos os cidadãos, cada indivíduo age e atribui sentidos específicos e únicos aos acontecimentos que vivencia, construindo a si e a seu contexto, na interface do pessoal com o social (Zanella, 2004).

Ser humano, portanto, não é apenas desenvolver atos autônomos e biológicos, é pensar e agir sobre as situações e acontecimentos é planejar, arquitetar e imaginar, é antes de tudo trabalhar e produzir seu meio. Neste sentido, Andriani e Rosa (2002, p.272), destacam que

O homem é essencialmente um ser social. Há uma relação de mediação entre ele e a sociedade: o homem contém o social, mas não se dilui nele, e vice-versa; ou seja, homem e sociedade não existem separadamente, um sem o outro, mas são, contudo, diferentes. O homem se constrói socialmente, a partir de suas relações com a realidade. Neste movimento ele se apropria de forma

subjetiva e particular do social, transforma-o para interiorizá-lo e, assim, se transforma e singulariza.

De acordo com Marx e Engels (1996), as maneiras utilizadas pelo homem para gerir sua existência variam em decorrência da realidade objetiva e social com a qual ele depara-se, bem como das condições que precisa elaborar para sua sobrevivência. Através da atividade ele manifesta sua vida, sua forma única de trabalhar e viver, constituindo-se deste modo como aquilo que produz, de acordo com as estratégias e maneiras empregadas para esta atuação. “O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (Marx & Engels, 1996, p.28).

Sobre estes aspectos pode-se observar que a busca pela satisfação das necessidades incentiva o processo de criação dos sujeitos, ou seja, ao não encontrar no meio aquilo que satisfaça seus anseios, o homem buscará formas diferenciadas de saná-los. A este respeito Zanella, Reis, Titon, Utau e Dassoler (2007, p. 29) declaram que

as objetivações que este realiza no mundo, tanto são produtos de apropriação passadas quanto são processos em movimento de transformação tanto de si quanto do contexto do qual é parte/participe, movimento este que se apresenta como em aberto, impulsionado por possibilidades de vir a ser.

Um bom exemplo deste fato é o desenvolvimento de novas tecnologias informacionais e computacionais, as quais foram criadas, através do trabalho, para auxiliar e facilitar a vida do ser humano, satisfazendo suas necessidades. No cotidiano laboral dos bombeiros este fato é facilmente evidenciado, pois, os aparatos tecnológicos, ou seja, as condições materiais de seu ofício são fundamentais para o desenvolvimento de suas funções e para o alcance dos objetivos primordiais de seu trabalho.

Pode-se perceber assim, que o homem, por sua atividade muda a si mesmo, a materialidade e altera o contexto onde está inserido. Destarte, os autores citados colocam a existência humana como conjunto das relações socialmente estabelecidas. Sob este enfoque, a constituição do ser humano passa a ser compreendida além de abstrações e generalizações, uma



vez que o homem constrói-se como sujeito real, através de ações que efetua sobre as condições materiais encontradas e sobre aquelas que produz no decorrer de sua existência.

Dubar (1998) aponta que a objetividade compreende a concretude, o mundo objetivo do sujeito, sendo a subjetividade sua esfera mais particular, seus sentidos, sua individualidade. Ciampa (1987) aponta, ainda, que estes âmbitos são inseparáveis, pois um sempre vai conter aspectos do outro, o singular se forma no coletivo e este é formado pela coletividade, o que faz com que o ser humano sempre contemple nuances destes dois pólos indissociáveis. Bock e Furtado (2002) corroboram essas afirmações ao dizer que a objetividade possui aspectos subjetivos ao ser formada por seres concretos e a subjetividade, ao constituir-se na ação e relação com a materialidade, também apresenta seu âmbito objetivo. Elas são, assim, sínteses uma da outra e constituem o mesmo sujeito, o qual não pode ser cindido, dicotomizado. Destaca-se que essa unidade entre objetivo-subjetivo leva o homem ao movimento e à complexidade.

É fato que o indivíduo não pode dissociar-se da realidade na qual se encontra inserido, ela é constituinte de seu ser e ele não pode “despir-se” dela. Porém, ele tem condições de alterá-la, ousando, mudando e produzindo novos aspectos culturais, pois estes são produtos históricos, construídos no curso das civilizações humanas (Guareschi, 2003), onde cada sujeito é responsável por sua edificação. Para entender o homem e compreendê-lo como trabalhador, é preciso assim, ir ao que ele faz, investigando o modo como formula seus sentidos acerca do mundo, compreendendo a multiplicidade e variedade da vida humana, não atendo-se a parâmetros previamente estabelecidos por uma cultura muitas vezes excludente e preconceituosa, identificando esses aspectos que o rodeiam e compõem a sua história.

A partir dos aspectos considerados, no próximo item, busca-se detalhar o processo de formação dos sentidos e significados edificados pelos sujeitos, bem como definir as concepções teórico-epistemológicas que embasam esta compreensão, procurando situar o sujeito trabalhador inserido neste contexto e compreender melhor como ele transforma conteúdos produzidos socialmente em algo único, singular e subjetivo.

### **3.1 O Processo de construção dos sentidos e significados**

As considerações realizadas no item anterior corroboram a compreensão fato de que o sujeito se constitui através das ações desenvolvidas no processo de trabalho, durante o qual

conota sentidos e significados diferenciados às vivências e atos realizados. Assim, apesar de sofrer mudanças significativas na contemporaneidade, a esfera laboral ainda constitui categoria fundamental de análise, tendo em vista seu papel e abrangência na vida humana. Deste modo, para compreender este universo, composto pela diversidade, multiplicidade e complexidade (Tolfo *et al*, 2005), é necessário entender os significados que a sociedade atribui ao trabalho e as construções dos sentidos que os profissionais remetem ao seu ofício.

Tolfo *et al*, (2005) apresentam diferentes bases epistemológicas utilizadas para estabelecer conceitos e definir as categorias *sentidos e significados*<sup>15</sup>, principalmente ligadas ao mundo do trabalho. Primeiramente, explanam a perspectiva Construcionista, depois, vão delineando várias vertentes teóricas<sup>16</sup> que trabalham com estes conceitos (sentidos e significados), buscando uma distinção e delimitação destas premissas. A análise desenvolvida por Tolfo *et al* (2005) é plenamente justificada e apoiada por Aguiar e Ozella (2006), quando atestam que ao tratar a categoria *sentidos* é preciso, anteriormente, destacar alguns aspectos teórico-metodológicos importantes e necessários à sua compreensão.

Aguiar e Ozella (2006), porém, para trabalhar a noção de *sentido e significado* optam em partir das concepções vygotskynianas e utilizar o método materialista-dialético; para tanto, discutem os conceitos linguagem e pensamento, imprescindíveis ao acesso dessas categorias. Aqui, cabe ressaltar que, as perspectivas desenvolvidas pelos autores citados, foram compartilhadas nessa dissertação, pois de acordo com Vygotsky (1999), não há método alheio a uma determinada concepção de homem e mundo, sendo que todo processo metodológico calca-se sobre pressupostos teóricos e epistemológicos, segundo alguma vertente científica. Entretanto, esta escolha, não impede o estabelecimento de um diálogo teórico e de contatos com estudos empíricos de outras abordagens diferenciadas.

Partindo destes princípios, a pesquisa teve como embasamento as concepções sócio-históricas de sujeito, segundo a qual o homem se constitui através das atividades que realiza para prover suas necessidades e expressa nesse processo “a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção” (Aguiar & Ozella, 2006, p.224). Apesar disso, segundo esta perspectiva, cada indivíduo é possuidor de uma singularidade, promulgando-a nessas

---

<sup>15</sup> Grifos da pesquisadora como forma de destacar estas categorias.

<sup>16</sup> Construcionista, a abordagem Cognitivista, a Humanista e a Sócio-histórica.

relações de produção. Assim, ele produz os seus sentidos, dialeticamente, ao apropriar-se de significados socialmente constituídos, no decorrer da existência humana.

De acordo com Marx e Engels (1996), o homem precisa, antes de qualquer coisa, prover suas necessidades básicas de sobrevivência, o que faz através do processo de trabalho. Porém, uma vez supridas às necessidades essenciais, outras surgirão em seu lugar, clamando por satisfação, o que forma uma espiral contínua caracterizada como ato histórico. Com relação a estas necessidades, Aguiar e Ozella (2006, p.228) afirmam que elas constituem-se como “um estado de carência do indivíduo”, o qual busca através de atos e ações, supri-las de alguma maneira dentro de suas possibilidades reais, ou seja, tendo em vista suas condições objetivas de existência.

Segundo os referidos autores, o movimento de configuração das necessidades forma-se a partir das relações que o sujeito estabelece com a materialidade, sendo que elas, freqüentemente, originam-se de maneira não intencional, através de um processo que envolve cognição e emoção, tidas como instâncias indissociáveis. Portanto, a emoção assume o papel de elemento constituinte das necessidades, disponibilizando os recursos que o indivíduo precisa para agir sobre as situações apresentadas. É importante destacar que, o sujeito não é apenas movido por aquilo que precisa ou por aspectos emocionais, uma vez que tem a possibilidade de criar, atuar, alterar as situações, isto é, ele pode planejar, antecipando formas de atuação, não sendo um ser instintivo ou pré-determinado.

No processo de dupla constituição estabelecido entre o sujeito e seu meio, a linguagem, é vista como um instrumento mediador, a partir do momento em que dá objetividade ao pensamento e permite a comunicação entre os humanos. Ao apoderar-se da língua o indivíduo tem acesso a significações produzidas histórica e culturalmente, ocorrendo a apropriação do mundo, através da qual desenvolve suas possibilidades, significa e ressignifica seu espaço social, além de criar possibilidades de atuação. A linguagem é então, fundamental e essencial à constituição do ser humano, pois os signos servem de mediação entre o sujeito e a objetividade e dele consigo mesmo, sendo fundamental na formulação de sentidos e significados (Spink, 2000)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> A autora Mary Jane Spink (2000), trabalha sob a perspectiva construcionista, diferente, portanto, da utilizada nesta dissertação. Porém, ela é citada neste momento, devido às contribuições e aproximações que sua teoria traz às reflexões sobre o desenvolvimento dos sentidos.

Ao tomar como base as concepções desenvolvidas por Vygotsky (1989), Aguiar e Ozella (2006, p.228) destacam o homem precisa, antes de qualquer iniciativa, “significar algo do mundo social como passível de satisfazer suas necessidades”, pois o fato de apresentar necessidades, não o conduz necessariamente à ação. Desta forma, o sujeito busca compreender a objetividade, a materialidade onde encontra-se inserido, antes de principiar suas atitudes rumo à satisfação. Somente após conotar sentidos aos objetos, pessoas e fatos é que ele vai ter motivação e conhecimentos necessários para buscá-los como forma de satisfazer-se, deste modo, ele aprende a identificar em seu contexto aquilo que vai lhe atender a contento. Cabe lembrar aqui que o homem é um ser de criação por condição, ele cria, inventa, transforma a realidade a partir de suas necessidades, com base no conteúdo cultural pelo qual encontra-se permeado. Estes autores ainda enfatizam que esse movimento de atribuir significados às coisas e de almejá-las, leva o sujeito a modificar-se constantemente, constituindo-se em um entrelaçamento de significações, necessidades e ações.

A compreensão do ser humano, portanto, encontra-se ligada ao entendimento de suas formas de pensar. Como o pensamento do homem é sempre emocionado, ou seja, ligado à emoção, para entendê-lo é preciso analisar sua processualidade, observando como ele “se expressa na palavra com significado e, ao apreender o significado da palavra, entendemos o movimento do pensamento“ (Aguiar & Ozella, 2006, p.226). Vale destacar que, para o pensamento transformar-se em palavras ele precisa da mediação dos signos. Assim, ao compreender os significados e sentidos que os signos utilizados pelo sujeito têm, surgem possibilidades de entender o processo de pensamentos desse indivíduo.

Segundo Vygotsky (1989) o movimento de constituição recíproca existente entre pensamento e linguagem, vai originar o chamado pensamento verbal. Assim, este é formado na intersecção das relações estabelecidas entre a linguagem e o pensamento. Desta forma, para compreender o sujeito, suas concepções e os sentidos que ele conota, torna-se necessário analisar suas formas de expressão, ou seja, observar como o pensamento verbal é manifestado através da linguagem. Convém lembrar que, conforme afirma Zanella et al (2007, p.31), o processo de transformação do pensamento em palavra é extremamente dinâmico e complexo, envolvendo decomposições e recomposições constantes, pois

a objetivação do sujeito por meio da palavra escrita ou falada, do gesto, da expressão, nunca corresponde

diretamente ao pensamento que a engendrou e que é modificado no próprio processo de comunicação. Dito de outra forma, há sempre um subtexto oculto em todo enunciado.

Neste contexto, a linguagem constitui-se como um instrumento, através do qual, o sujeito trava relações variadas com os demais e produz sentidos para os acontecimentos. Além disso, ela imprime forma às circunstâncias, a partir do momento em que o homem divide os sentidos com os demais indivíduos que falam a mesma língua. Desta maneira, não existe uma acepção única a respeito das situações vivenciadas, pois as compreensões realizadas são variadas e contraditórias, sendo possível escolher entre as várias versões existentes no meio. Assim, “para a compreensão da linguagem do outro é necessário ir além das palavras, buscando também o pensamento que a constitui e sua motivação, já que por trás de cada pensamento há uma intenção afetivo-volitiva” (Zanella et al, 2007, p.31). Portanto, a compreensão e acesso a estes sentidos ocorrem através do confronto entre várias vozes existentes no local, no ambiente onde o sujeito está inserido, uma vez que indivíduo e sociedade são indissociáveis. Segundo Spink (2000), através do entendimento das construções lingüísticas de cada um, pode-se compreender melhor um sujeito de determinado contexto.

A importância de considerar estes aspectos quando se busca compreender o processo de significação, alicerça-se sobre o fato de que, conforme declaram Zanella et al (2007, p.28), o sujeito constitui-se como sendo uma “manifestação singular de um amplo conjunto de relações sociais”. A partir dessas concepções é possível observar que os sentidos derivam do encontro do universal com o singular, sendo composto pelo encontro de múltiplas vozes e palavras. Eles devem ser analisados a partir dos pensamentos que os originam e sustentam, os quais, segundo Zanella et al (2007) possuem sempre uma base afetivo-volitiva. Para compreender os sentidos que os trabalhadores outorgam ao seu trabalho é necessário, portanto, o resgate destas concepções, buscando analisar as dimensões ligadas à vontade e aos afetos dos sujeitos, os quais nem sempre são passíveis de reconhecimento e apresentados em uma linguagem claramente inteligível.

Os significados atribuídos aos objetos, pessoas e situações, portanto, são processados e transformados por atitudes e pensamentos pertencentes a sujeitos que se individualizam e

subjetivam na concretude relacional existente no meio que o cerca, através das ações desenvolvidas e, conforme afirma Marx (1982), no decorrer do processo de trabalho. Desta forma, as significações construídas historicamente são apreendidas, recebendo um sentido singular, relativo à realidade, à vida e às ações de cada sujeito no mundo. Destaca-se aqui que, sentido e significado, não podem ser compreendidos de forma dissociada, uma vez que um não existe sem o outro. Separadamente eles não têm razão de ser ou forma de manter-se, assim esta separação é utilizada apenas para fins de facilitar sua compreensão.

A justificativa para a inseparabilidade das categorias sentido e significado encontra-se, na própria concepção dos termos, sendo que sentido refere-se a algo mais pessoal, individual e subjetivo, pois o sujeito atribui sentidos ao mundo, aos acontecimentos, às coisas, de forma única e singular. Porém, esse sentido é sempre mediado socialmente, ou seja, pelos significados construídos no decorrer da história. Assim, o sentido nunca é “apenas” singular, bem como os significados são sempre resultados de “múltiplos sentidos” elaborados pelos sujeitos em relação (Aguiar & Ozella, 2006).

Tolfo et al (2005, p.9) ratificam essas concepções quando afirmam que

Apesar das diferenças, as abordagens sobre sentidos e significados apresentadas têm em comum a concepção que estes são produzidos pelos sujeitos a partir de suas experiências concretas na realidade. Sendo assim, [...] compreendemos os significados como construções elaboradas coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico social concreto. Já os sentidos são uma produção pessoal decorrente da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências cotidianas. É importante ressaltar as transformações porque passam os sentidos e os significados, uma vez

que são construídos em uma relação dialética com a realidade.

Para compreender o sujeito é preciso a apreensão da gênese social/individual como instâncias indissociáveis, entendendo como o singular se constrói no universal e como o plural se concretiza no singular. Para tanto, destaca-se que a mediação é essencial nesse processo, uma vez que constitui o “centro organizador objetivo dessa relação” (Aguiar & Ozella, 2006, p.225), ao relacionar objetos, situações, processualidades, dando concretude e viabilizando o diferente. Ela organiza, de forma objetiva, a relação singular/plural. Pensamento e linguagem, neste contexto, estabelecem uma relação de mediação e de mútua constituição, onde um “não pode ser compreendido sem o outro” (Aguiar & Ozella, 2006, p 226), eles precisam dessa coexistência para tomar forma e expressar o sujeito, porém eles também pressupõem uma passagem, uma relação com os sentidos e significados. Assim, dialeticamente, pensamento/linguagem/sentido/significado, constituem-se, relacionam-se e formam os modos de ser, existir e agir dos sujeitos.

A partir dessas considerações, o papel do pesquisador vai além de explicações e considerações sobre a realidade apresentada, buscando compreendê-la em sua amplitude. Assim, o objetivo é compreender a gênese do ser individual que se forma no social, ou seja, acessar os sentidos que cada bombeiro outorga a seu trabalho, frente às múltiplas determinações sociais que vivencia e nas quais se encontra inserido. A intenção é entender as maneiras de pensar, sentir e agir dos sujeitos, aprofundando e desvelando o complexo e contraditório movimento de formação dos sentidos. Assim, a utilização das categorias sentido e significado é fundamental para o alcance dessas metas, ao aproximar-se do sujeito em sua singularidade. Para tanto, o próximo item apresenta e elenca os procedimentos metodológicos escolhidos, a fim de alcançar os objetivos propostos.

## 4. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

### 4.1 Reflexões sobre o Método

*“Assim como os anzóis predeterminam os resultados da pescaria, os métodos predeterminam o resultado da pesquisa. Porque os métodos são preparados de antemão para pegar o que desejamos pegar.”*

*(Alves R., 2000, p.49)*

Ainda na Antiguidade os filósofos procuravam elaborar interpretações com relação aos acontecimentos e ao mundo. Desta maneira, o método científico vem como forma de contrapor as explicações baseadas nas crenças do senso-comum e do teocentrismo, sem conseguir, apesar de suas pretensões, responder a todos os questionamentos ou excluir de vez as idéias difundidas comumente entre os indivíduos. A pesquisa, nesse contexto, constitui um importante instrumento na produção de conhecimentos, mas traz consigo todas as discussões acerca dos métodos e formas de produzir ciência, tendo inclusive seus fundamentos calcados nas várias teorias e maneiras de fazer descobertas científicas.

A psicologia, inserida neste contexto, principalmente por observar dimensões inéditas e variadas sobre seu objeto de estudo, qual seja, o ser humano, necessita de novos alicerces epistemológicos e metodológicos para buscar dar conta da complexidade inerente a ele. De acordo com Rey (2002), o método qualitativo vem suprir as necessidades epistemológicas ligadas ao estudo da singularidade do sujeito e às várias formas de ordenação social, uma vez que constitui parte integrante na concretude das realidades existentes. Assim, faz-se um esforço no sentido de produzir saberes psicológicos de forma diferenciada, que procurem tecer explicações científicas considerando os aspectos irregulares, interativos, plurideterminados e históricos existentes na constituição do ser humano, apresentando alternativas realmente comprometidas com uma representação ontológica e teórica consistente deste objeto de análise.

As pesquisas qualitativas objetivam, assim, a produção de conhecimentos como resultado da combinação dos processos teóricos e empíricos, construídos de forma irregular, contraditória e multifacetada. Desta forma, encontram-se atreladas à produção de idéias e pensamentos, onde o mais importante é a singularidade dos sujeitos e o desenvolvimento das suas redes de relações. O investigador, neste contexto, não se orienta por padrões rígidos e lineares,



possuindo um papel ativo e participante na realidade investigada, buscando compreender sua concretude material, além de seus aspectos humanos e relacionais (Rey, 2002).

Com base nessas reflexões, esta pesquisa buscou contemplar as características relacionadas aos estudos qualitativos, apresentando-se com um delineamento segundo as premissas desta modalidade de investigação. Esta opção foi realizada, tendo em vista a crença de que, através desta forma de pesquisar e analisar possa-se contemplar de forma mais efetiva, os objetivos estabelecidos pelo estudo. Ademais, segundo Alves-Mazzotti e Gewandsnajder (1998), não há metodologias boas ou ruins, apenas existem as mais e as menos adequadas para tratar de um problema específico.

As ciências sociais, ao indicarem o homem, caracterizado pela relacionalidade e intencionalidade, como seu objeto de estudo, sabem que estas qualidades precisam ser consideradas a fim de que se alcancem os objetivos almejados pelas investigações científicas. Ao embasar-se nessa noção de sujeito, percebe-se que as características individuais não se encontram isoladas de seu contexto. Desta forma, é preciso adotar princípios epistemológicos que legitimem e respeitem essa visão, valorizando as formas de comunicação estabelecidas no decorrer de qualquer pesquisa. Assim, o método utilizado encontra-se profundamente atrelado a uma determinada concepção de conhecimento, de homem e de mundo, e as ações realizadas devem ser condizentes com esses saberes (Alves-Mazzotti & Gewandsnajder, 1998).

Neste ponto da discussão, é importante destacar as metas da pesquisa e o caráter materialista histórico que embasa seus delineamentos. Este aponta diretrizes e parâmetros, além de fundamentar a prática investigativa. A concepção teórica apresentada concebe a realidade e a sociedade como construções humanas, materiais e concretas, fruto do trabalho do homem, na satisfação de suas necessidades de sobrevivência. Assim, enfatiza o processo de mútua construção entre o homem e seu contexto, respeitando os aspectos sociais e históricos presentes nestas relações.

A este respeito Marx (1985, p. 16) afirma que

A investigação tem que apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de pesquisar a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído este trabalho, é

que se pode descrever, adequadamente, o movimento real.

Como os objetivos desta pesquisa alicerçaram-se na compreensão dos sentidos que os profissionais bombeiros atribuem ao seu trabalho; as experiências individuais, as relações estabelecidas e os significados que os sujeitos atribuem a elas; constituem materiais indispensáveis ao pesquisador, sendo que este deve analisá-las a partir da compreensão do indivíduo pesquisado, priorizando o seu enfoque, suas acepções sobre a realidade. Assim, foi preciso analisar o trabalhador a partir das vivências desenvolvidas na esfera do trabalho, “ênfatizando os processos de subjetivação que articulam elementos sociológicos e psicológicos e que se gestam na interface singular-coletivo” (Amador, 2002, p.23).

Neste sentido, fez-se necessário, uma aproximação maior com esses sujeitos, considerando suas particularidades e peculiaridades, sem perder de vista o contexto onde eles estão inseridos. Deste modo, uma participação ativa e envolvida com seu contexto profissional foi fundamental e imprescindível, contribuindo sobremaneira para o alcance das metas propostas. De acordo com Aguiar e Ozella (2006, p. 224) “a ciência, nessa perspectiva, deve ter como pedra angular a idéia da inseparabilidade do lógico, da base material, da dialética e do histórico”. Esses autores embasam-se em Vygotsky (1999), para afirmar que, ao aliar o marxismo à ciência, é preciso elaborar um método sistemático, a fim de organizar os conhecimentos de modo concreto e dialético, visando a compreensão ampla do sujeito, ao buscar, não a descrição de fatos, mas a análise dos seus processos de constituição, de forma histórica, processual e dialética.

Remetendo-se a Vygotsky (1999, p.45) pode-se concluir, que “o objeto e o método de investigação mantêm uma relação muito estreita”, o que faz com que seja imprescindível considerar esta situação no decorrer do processo de pesquisa. Nesta perspectiva, o método pode ser concebido como

O modo como o pesquisador se acerca dos fatos que pretende estudar, elaborando-os em forma de problema de pesquisa, já traz consigo, no olhar lançado sobre a realidade, um filtro metodológico, um olhar que deverá ser refinado para a construção do caminho que se

propõe trilhar na sua investigação (Zanella et al, 2007, p.2).

Com base nessas definições, ao compreender o sujeito além de abstrações e concepções mecanicistas, como um ser em constante relação, essencialmente histórico e cultural, de acordo com Vygotsky (1999, p. 47), deve-se utilizar um método “adequado ao objeto que se estuda”, ou seja, consoante com as compreensões acerca deste objeto. Assim, a partir destas premissas, faz-se imprescindível a utilização de uma metodologia de pesquisa que permita conhecer o movimento que o homem estabelece no decorrer das relações instituídas, bem como, as condições que estas relações disponibilizam ao sujeito para a emergência de suas possibilidades.

Zanella et al (2007), destacam que a partir de uma concepção de mútua constituição entre sujeito e realidade, é preciso, portanto, privilegiar as transições, os movimentos, as relações, enfim, os fatores que propiciam a compreensão global do objeto analisado. Deste modo, segundo as referidas autoras (p.30), “a descrição por si só não é suficiente, é necessário ir além, estabelecendo as relações que constituem a base de determinado fenômeno.” Assim, o processo de investigação assume uma dimensão plural, ao buscar uma adequação entre o método e o seu objeto de estudo, a fim de contemplar de maneira mais ampla e abrangente as características idiossincráticas e complexas de seu objeto, estabelecendo um amálgama entre as orientações epistemológicas, os caminhos percorridos e a produção de conhecimentos resultantes deste processo de investigação. O próximo item vem detalhar o modo como foi trilhado o percurso desta pesquisa, explicitando os métodos e técnicas utilizadas, em consonância com as concepções teóricas desenvolvidas até então.

## **4.2 O Caminho Metodológico**

### **4.2.1 O Contexto da Pesquisa e a Inserção em Campo**

O desenvolvimento desta investigação, conforme pontuado na introdução iniciou-se a partir de uma pesquisa anterior<sup>18</sup> e de um trabalho de intervenção, realizados no Corpo de Bombeiros existente na cidade de Rio do Sul, que despertou o interesse e apontou a necessidade

---

<sup>18</sup> Para maiores informações ver o item referente à introdução, 1.1, sob o título “A emergência das emergências”. Ver também as referências.

de novos estudos, levando a pesquisadora a retomar suas pesquisas nesse local. O referido município localiza-se no Estado de Santa Catarina, especificamente na região do Alto Vale do Itajaí e possui uma população de aproximadamente, 55 mil habitantes. Há 35 anos sua população conta com os serviços disponibilizados pelo Corpo de Bombeiros, os quais atendem também às demais comunidades próximas à cidade.

A função dos profissionais bombeiros consiste no atendimento à população em situações emergenciais, assim, atuam em resgates diversos e em todo tipo de acidente, realizando desde o controle de incêndios, inundações, desabamentos, atropelamentos, acidentes veiculares, até auxílio à população nos casos mais variados, como prestação de primeiros socorros, encaminhamentos ao hospital, vistoria em estabelecimentos<sup>19</sup>, retirada de animais nocivos, entre outros. A maioria destes sujeitos pertence à classe média baixa e trabalham em turnos de 24 horas consecutivas, folgando as 48 horas seguintes, sendo que no decorrer de seu turno de trabalho, permanecem no quartel à espera de possíveis ocorrências e alguns ainda atuam nos serviços de prevenção.

Conforme já pontuado, tendo em vista os trabalhos realizados anteriormente, o acesso ao quartel ocorreu de forma bastante tranqüila, sendo que no período anterior à elaboração do projeto de pesquisa, procedeu-se uma reunião com o Comando Superior da instituição, representado pelo Capitão, averiguando a possibilidade de realização do estudo e a inserção efetiva da pesquisadora em campo, a fim de verificar a possibilidade de realização das conversas e entrevistas, durante os turnos de trabalho dos bombeiros. Esta solicitação encontra-se intimamente atrelada aos instrumentos de pesquisa, os quais pressupõem a observação do contexto como fonte de apoio à busca de evidências.

Posteriormente, seguiu-se algumas formalizações, tanto através da submissão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), quanto pela emissão de um documento<sup>20</sup> ao Comando da unidade, solicitando autorização à realização da pesquisa. Findos os trâmites burocráticos, seguiu-se a divulgação do trabalho aos bombeiros, o qual teve ampla aceitação, sendo que alguns destes profissionais demonstraram satisfação em poder participar do processo e em “ter” a pesquisadora “trabalhando” novamente com eles.

---

<sup>19</sup> Somente alguns bombeiros, previamente determinados e treinados, realizam este tipo de trabalho.

<sup>20</sup> Ver modelo no apêndice I.

Segundo Rey (2002), nas pesquisas qualitativas, é fundamental para a obtenção de bons resultados, que os sujeitos estejam envolvidos no processo e motivados a participarem, pois assim, ocorre a elaboração de um processo interativo entre pesquisador e pesquisado. Com base nessas informações, a investigação deve ser apresentada em pormenores, explicitando de forma clara e objetiva as metas do trabalho, bem como respeitando os limites e as vontades dos sujeitos.

O período de coleta de indicadores teve início no final do primeiro semestre de 2007, sendo que os bombeiros foram abordados de maneira individual – segundo os critérios já especificados -, onde, através de um diálogo com estes profissionais, buscou-se esclarecer os objetivos, métodos e procedimentos utilizados na pesquisa, observando sua receptividade em relação ao estudo, bem como à pesquisadora. Através de conversas e exposições bem detalhadas procurou-se esclarecer as dúvidas sobre o processo, despertando a atenção e o interesse dos sujeitos pesquisados, pois para esse tipo de investigação a participação voluntária e efetiva dos membros envolvidos faz-se premente e desempenha papel fundamental (Fontes, 2001).

Convém destacar que, o contato com os sujeitos da pesquisa, aconteceu de maneira simples, amistosa e sem complicações, pois, devido ao conhecimento e às relações estabelecidas anteriormente com estes profissionais, a maioria dos bombeiros solicitados a participarem do processo demonstraram grande interesse e colaboração. Apenas um sujeito aparentou certa desconfiança sobre “o que seria escrito a respeito da corporação”, evidenciando o receio em macular a imagem do Corpo de Bombeiros, negando-se, assim, a emitir sua opinião e a participar tanto das entrevistas quanto dos depoimentos. Outro profissional alegou falta de tempo para ser entrevistado, tendo em vista o cargo burocrático que ocupa e as funções que desempenha.

De modo geral, a aceitação foi bastante ampla, sendo necessário, inclusive, explicar para alguns profissionais os motivos de ter optado por selecionar para as entrevistas, uns em detrimento de outros, pois, eles ofereciam-se para fazer parte da pesquisa. Como forma de respeito e consideração pela vontade destes sujeitos em participar do processo de investigação, em determinados momentos foram realizadas algumas conversas mais “informais” com estes e outros bombeiros, enfocando seu trabalho e os sentidos outorgados a ele, as quais também tiveram grande utilidade e serviram de base para o alcance dos objetivos do estudo. Convém destacar que esses depoimentos aconteciam nos momentos em que era preciso parar uma entrevista devido à necessidade de atendimento do sujeito a alguma ocorrência, ou ainda, em períodos posteriores ou anteriores à realização das entrevistas previamente agendadas.

Como as pesquisas qualitativas constituem-se por uma variedade de técnicas, métodos e ferramentas utilizadas para coletar dados, no decorrer do trabalho foram empregados os instrumentos já comentados (entrevistas, observação, conversas), os quais serão detalhados a seguir.

#### **4.2.2 Em busca de evidências... Os procedimentos para a coleta de informações**

A pesquisa qualitativa promulga “a adoção de métodos cujo arcabouço epistemológico reconheça e aborde a complexa teia onde a vida humana é gerada e se desenvolve” (Krawulski, 2004, p.45). O objetivo é, através de um caminho metodológico que analisa, observa e reconstrói as vivências dos sujeitos, contemplar as características de movimento e complexidade, inerentes à constituição e à vida humana, bem como à formação de seus sentidos e significados. Os instrumentos de pesquisas neste contexto não são rígidos ou estáticos, mas flexíveis e maleáveis, definindo-se pelas necessidades observadas anteriormente e também no decorrer da investigação, seguindo e respeitando as dinâmicas relacionais humanas. Além disso, a preocupação com o envolvimento, a colaboração, o interesse e o compromisso dos pesquisados, conduz à busca por estratégias variadas para atingir as metas.

Com base nos objetivos propostos, intimamente relacionados ao paradigma norteador do trabalho, foi utilizada como técnica principal, a **entrevista individual semi-estruturada**<sup>21</sup>, sendo que seu roteiro foi elaborado a partir dos aspectos relevantes à construção de conhecimentos almejada sobre estes profissionais. Conforme Zago (2003, p. 301) “a entrevista se desenvolve em uma relação social... expressa realidades, sentimentos e cumplicidades que um instrumento com respostas estandardizadas poderia ocultar, evidenciando a infundada neutralidade científica daquele que pesquisa”. Assim, para poder ter acesso aos sentidos que estes trabalhadores elencam ao seu trabalho, a entrevista constitui-se como procedimento fundamental.

Szymanski (2001, p.193) concorda com a autora, ao afirmar que o emprego da entrevista em pesquisas com cunho qualitativo constitui uma “solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado”. A autora destaca que através deste procedimento é possível investigar sentimentos, planos, projetos, fatos, condutas, motivos. Assim, as perguntas elaboradas

---

<sup>21</sup> Ver roteiro no apêndice II.

no roteiro de entrevista foram agrupadas em quatro grupos principais, englobando o histórico de trabalho dos sujeitos, o cotidiano laboral, as perspectivas de futuro e, ainda, os sentidos do trabalho. Convém destacar que, as questões formuladas visavam um aprofundamento destes campos, a fim de obter uma compreensão mais ampla acerca dos sentidos do trabalho para estes profissionais.

Segundo a referida autora, “o significado é construído na interação” (Szymanski, 2001, p.196), pois ao ser entrevistado, o interlocutor expõe, narra fatos, sentimentos e exprime o que sente diante de determinada situação e momento, precisando “organizar” seu pensamento para si mesmo e até refletir sobre o assunto. Com frequência o tema discutido nunca foi abordado deste modo, sendo apresentado de forma singular para esse instante e interlocutor.

A fim de obter a participação voluntária e efetiva dos sujeitos, inicialmente eles eram esclarecidos sobre a pesquisa e acerca de seus objetivos, métodos e procedimentos, sendo então convidados a participarem. Finda esta etapa, seguindo os procedimentos éticos previstos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, era requerida aos participantes uma autorização de sua participação e para a utilização dos dados disponibilizados no decorrer do processo, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>22</sup>.

Durante a pesquisa, buscou-se também, respeitar a disponibilidade de tempo dos participantes, realizando as entrevistas nos horários em que eles consideravam mais adequados, marcando os encontros com antecedência, por telefone, para que eles pudessem programar suas atividades e para evitar transtornos em seu cotidiano de trabalho e incômodos aos trabalhadores. Para evitar a perda de informações, inferências ou falta de fidedignidade, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, porém, atentou-se à questão da ética profissional e ao respeito com os sujeitos, ao solicitar permissão prévia para as gravações. Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e, posteriormente, solicitou-se que os sujeitos as lessem e expressassem sua concordância ou não com os dados digitados, inclusive, sanando dúvidas e estabelecendo os limites para sua utilização.

Maturana (1998, p.9) enfatiza o caráter de mútua constituição entre as falas e as emoções”, lembrando assim que o linguajar altera-se, modifica-se em função do estado emocional que permeia os discursos e ações. Deste modo, os fatores emocionais implicam-se mutuamente, efetuando ajustes constantes no decorrer do processo dialógico. Segundo este autor,

---

<sup>22</sup> Ver apêndice III.

a entrevista constitui então, “o entrelaçamento do linguajar e do emocionar,” uma vez que todas as atividades relacionais humanas, encontram-se entrelaçadas pelas redes de emoções que englobam o ser humano. Portanto, durante as entrevistas é importante observar e considerar esses aspectos “emocionados”, além das relações e jogos de poder, situações hierárquicas desiguais, condições psicossociais, intencionalidades e sentimentos, enfim ocorrências que formam o pano de fundo do processo investigativo.

Szymanski (2001) vem ao encontro destas concepções quando destaca que é necessário considerar os vários aspectos interativos de qualquer processo de entrevista, levando-se em consideração as características inerentes à sociabilidade humana e ao contexto onde os sujeitos encontram-se inseridos. Deste modo, ao marcar previamente as entrevistas, buscou-se, além de um respeito e apreço por estes sujeitos, realizá-las em horários mais “tranqüilos”, com possibilidades menores de acontecer alguma emergência, entretanto, tendo em vista as características inerentes ao trabalho dos bombeiros, em vários momentos as entrevistas tiveram que ser interrompidas, devido à necessidade de algum atendimento emergencial. É importante destacar que, as entrevistas foram realizadas em uma sala mais reservada, de modo a preservar a intimidade dos profissionais. Além disso, o roteiro de entrevista serviu apenas como uma espécie de guia, não havendo necessidade de ser seguido na ordem em que as perguntas se encontravam, mas sim, de acordo com as informações e falas apresentadas pelos sujeitos.

Outra técnica utilizada no decorrer da pesquisa foi a **observação**, a qual constitui-se como um instrumento extremamente útil, pois possibilita a inserção efetiva no campo e o estabelecimento de redes de comunicação riquíssimas em material de estudo e interpretação, bem como o desenvolvimento de relações interativas entre os participantes, pois ao compreender o local onde o sujeito encontra-se inserido, os objetos valorativos, sua vida cotidiana, as relações de poder, os modos de significação, criam-se vínculos de confiança e respeito entre ambos (Rey, 2002). Além disso, tendo em vista o fato de que em alguns momentos era preciso interromper a entrevista para que o bombeiro fosse atender alguma ocorrência, este tempo de espera era “aproveitado” para efetuar essas observações, além de obter depoimentos com outros profissionais, além dos entrevistados. No decorrer do processo de observação, os aspectos relevantes à pesquisa, incluindo os depoimentos, foram anotados em um diário de campo<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Instrumento amplamente utilizado nas pesquisas etnográficas (Fonseca, 1999), onde o pesquisador anota os acontecimentos importantes ocorridos no local pesquisado, bem como, suas impressões acerca desse ambiente e situações.



Porém, remetendo-se novamente aos princípios éticos, solicitava-se sempre a autorização dos sujeitos para a realização dos registros. Convém destacar que, essas informações constituíram um material de extremo valor à análise dos dados, uma vez que contribuíram e ilustraram as afirmações desenvolvidas nas entrevistas.

Segundo Alves (1991, p.59), “nos estudos qualitativos (...) não é possível indicar no projeto quantos e quais serão os sujeitos envolvidos...”, assim, ela elenca uma série de procedimentos úteis à seleção dos sujeitos e à coleta dos dados, os quais culminam em um “ponto de redundância”<sup>24</sup>. Este ponto refere-se ao momento em que o pesquisador percebe que as informações disponibilizadas já são suficientes e que a emergência de novas informações é cada vez mais rara. Deste modo, o número de participantes foi escolhido atendo-se ao “ponto de redundância”, indicado por Alves (1991, p.59), ou seja, eles foram convidados a conceder entrevistas de forma gradativa e sendo entrevistados individualmente, na medida em que se via a necessidade de obter maiores informações. Quando começou a ocorrer uma repetição e reiteração nos conteúdos destacados pelo roteiro da pesquisa e também naqueles abordados espontaneamente pelos sujeitos, foram suspensas as solicitações de entrevistas, bem como as observações e depoimentos.

A meta desta pesquisa foi uma apreensão dos sentidos existentes nas falas, atos e atitudes observadas no sujeito, compreendendo a multidimensionalidade dos fenômenos e acontecimentos, as incongruências e a diversidade. Com relação a isto, Krawulski (2004, p.47), afirma que

(...) somente o trabalhador, através de sua linguagem verbal e não verbal, seria capaz de expressar os significados de razão e sensibilidade sobre sua vida e seu cotidiano de trabalho, considerando a interconexão da vida de trabalho com as outras dimensões do processo de viver individual-coletivo.

Neste sentido, buscou-se o desenvolvimento de uma pesquisa ética, através de um processo transparente e aberto, que procurou assegurar os direitos dos entrevistados, não

---

<sup>24</sup> É importante destacar que Alves (1991) embasa-se em Lincoln e Guba (1985) para tecer estas afirmações.

invadindo sua intimidade e não rompendo os limites estabelecidos. Esse processo resultou na manutenção de um excelente relacionamento com estes sujeitos, os quais demonstraram satisfação e orgulho por serem alvo de um trabalho a respeito de sua profissão, bem como, por poderem expressar suas opiniões e idéias, sentindo-se importantes e valorizados. Além disso, evidenciaram um sentimento de ansiedade e expectativa em ver os resultados do trabalho e as conclusões da pesquisa, o que indica o nível de interesse e envolvimento dos bombeiros nesse processo de investigação.

#### **4.2.3 Os participantes da pesquisa**

O quartel do Corpo de Bombeiros da cidade de Rio do Sul possui em seu quadro de funcionários soldados concursados, além de outros oficiais com graduação e hierarquias diferenciadas, constituindo-se por indivíduos do sexo masculino, com idade entre 20 e 50 anos<sup>25</sup>. Além disso, contam com o auxílio dos bombeiros comunitários (de ambos os sexos), os quais realizam suas funções de forma voluntária, após passar pelo devido tempo de treinamento teórico e prático<sup>26</sup>.

Os participantes da pesquisa foram então, alguns bombeiros deste quartel (8 sujeitos, conforme quadro abaixo), selecionados segundo sua acessibilidade e a vontade de participar do processo de investigação, bem como seguindo o critério da diversidade, ou seja, tendo em vista o nível hierárquico e o cargo ocupado na corporação, escolhendo, inclusive, segundo o tempo de serviço na instituição. Deste modo, buscou-se entrevistar o profissional mais “novo” do quartel e aquele com maior tempo de trabalho na realização de suas funções. Posteriormente, foram escolhidos sujeitos com períodos diversificados de atuação profissional, buscando abranger assim, várias épocas e as mudanças pelas quais a organização passou no decorrer dos anos. Teve-se, inclusive, um cuidado em eleger profissionais de graduações variadas, a fim de obter uma compreensão mais ampla das relações estabelecidas neste local e dos sentidos que eles atribuem ao seu trabalho, os quais se encontram intimamente permeados pela função realizada e pela patente que possui.

---

<sup>25</sup> Estes dados encontram-se mais detalhados no item 5.3, intitulado “O início de uma história...”.

<sup>26</sup> Os bombeiros comunitários não participaram do estudo em questão, uma vez que exercem outra profissão, atuando como bombeiros apenas algumas horas no mês.

Os bombeiros lidam com questões urgentes e emergenciais, relacionadas à vida e morte, e por vezes com perigo a sua própria integridade física. Eles permanecem durante vinte e quatro horas à espera de ocorrências, convivem com o aumento constante da adrenalina e lutam contra o tempo de forma freqüente. Esta profissão possui alto nível de confiabilidade pela população e freqüentemente são tidos, e cobrados, como sendo heróis<sup>27</sup>. O quadro 1, apresentado a seguir objetiva, assim, apresentar os bombeiros entrevistados no decorrer da pesquisa, profissionais dedicados, trabalhadores, que além de vivenciar todos os pressupostos que englobam o cenário de trabalho capitalista, precisam lidar com algumas peculiaridades diferenciadas e com as imagens que sua profissão evoca.

### Quadro 1:

#### Os Heróis de Fumaça...

<b>BOMBEIROS</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>IDADE</b>	<b>TEMPO DE SERVIÇO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>
Mozart	Casado	46 anos	25 anos	Segundo Grau
César	Divorciado	42 anos	23 anos	Segundo Grau
Ghandi	Casado	37 anos	4 anos como bombeiro. 16 anos de vida militar.	Nível Superior
Ricardo	Casado	33 anos	14 anos e 6 meses	Segundo Grau
Luciano	Solteiro	36 anos	14 anos	Nível Superior
Gustavo	Casado	31 anos	13 anos	Segundo Grau
Mike	Solteiro	29 anos	4 anos como bombeiro militar. 4 anos como bombeiro comunitário.	Nível Superior
Adriano	Solteiro	23 anos	1 ano como bombeiro militar. 1 ano como bombeiro comunitário.	Segundo Grau

<sup>27</sup> Informações constantemente reiteradas pela mídia, conforme pode ser visto na Revista Veja São Paulo, edição de janeiro de 2007.

#### 4.2.4 O processo de compreensão das informações

O saber epistemológico qualitativo, para alcançar seus objetivos, vê o conhecimento como produção construtiva-interpretativa. Assim, busca dar acepção e significado às expressões individuais, saindo da visão de que é preciso constatar e somar fatos empíricos para obtenção de conhecimentos científicos. Convém destacar que, de acordo Rey (2002), quando se realça este caráter, não se tem o objetivo de contrapor o processo descritivo, mas sim produzir estruturas teóricas primordiais, necessárias ao acesso dos sentidos imperceptíveis, indo além do empirismo e elevando investigador e investigado ao nível de produtores de pensamentos.

A partir destas considerações feitas por Rey (2002), todos os momentos e etapas da pesquisa são importantes, uma vez que o conhecimento é construído simultaneamente à coleta de dados, através da qual se inicia a compreensão das significações e posicionamentos do sujeito. O pesquisador, nesta posição investigatória, assume um papel mais ativo, tendo maior liberdade e autonomia, não se limitando às perguntas previamente estabelecidas nos instrumentos, podendo modificá-las conforme a necessidade, observando o que é mais relevante para o alcance de seus objetivos.

A compreensão dos aspectos e respostas averiguados em campo foi efetuada com base nas concepções desenvolvidas por Aguiar e Ozella (2006), os quais se utilizam para suas análises da criação de **Núcleos de Significação** e estabelecem um “roteiro” para elaborar estes núcleos e acessar da forma mais efetiva possível, os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas vivências sócio-profissionais. Autores, como Bock e Furtado (2002) e Rey (2002), entre outros, também utilizam este método de análise, que se encontra profundamente atrelado aos pressupostos teórico-epistemológicos desenvolvidos neste projeto. Assim, ao saber que a apreensão das significações que o sujeito outorga não ocorre de forma constante, linear e estável, mas através de um processo complexo, contraditório e multifacetado, onde muitas vezes “o próprio sujeito..., não se apropria da totalidade de suas vivências, não as articula” (Aguiar & Ozella, 2006, p.229); faz-se necessário o estabelecimento de “estratégias” que contemplem da melhor forma possível as características humanas.

Como passo inicial do processo de análise, Aguiar e Ozella (2006, p.229) indicam a necessidade de realizar uma “leitura flutuante”, seguida pela organização do material coletado. Para tanto, parte-se das palavras do sujeito que, por estarem inseridas em um contexto

determinado, são repletas de significados relacionados à realidade vivenciada, “entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico sociais que o constituem” (Aguiar & Ozella, 2006, p.229-230). Pela leitura flutuante dos dados transcritos, é possível identificar e ordenar, o que os autores em questão chamam de “**pré-indicadores**”<sup>28</sup>, estes constituem-se como temas elencados pela repetição, por sua importância, reiteração, emoção, ênfase e até mesmo por contradições. Eles surgem, geralmente em grande escala e, posteriormente, originarão os núcleos de significação. Para selecionar de maneira mais efetiva esses indicadores, os autores sugerem a verificação de sua importância e consonância com os objetivos propostos pelo estudo <sup>29</sup>.

Com pré-indicadores previamente organizados, inicia-se o seu “**processo de aglutinação**”, ou seja, segue-se a ordenação dos temas “pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição” (Aguiar & Ozella, 2006, p.230). O objetivo é reduzir e agrupar ao máximo os termos elencados. Destaca-se, porém, que este momento deve ser criterioso e analítico, uma vez que, de acordo com as condições determinadas, os indicadores assumem significados diferenciados. Assim, tendo em vista as condições onde se insere, o indicador pode referir-se a situações distintas ou apresentar significados diferentes e contraditórios, o pesquisador deve então atentar para estes fatores no momento em que estiver formulando este processo aglutinador, que vai nortear a nuclearização dos temas.

O material aglutinado deve então ser submetido a uma re-leitura e a um “**processo de articulação**” entre as temáticas, através de suas similaridades, contradições e complementaridades. A partir destes indicadores formar-se-ão, mais especificamente, os “**núcleos de significação**”. De acordo com Aguiar e Ozella, (2006, p. 231) “os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas”. Estes devem ser nomeadas e posteriormente analisados à luz das teorias que embasam o estudo. Assim, nesta pesquisa, a partir dos pré-indicadores e de sua posterior aglutinação, foi possível obter os seguintes núcleos de significação, conforme o quadro abaixo.

---

<sup>28</sup> Grifo dos autores.

<sup>29</sup> Ao realizar a “leitura flutuante” foi possível identificar os pré-indicadores listados no quadro nº 2, o qual ilustra todo o processo de constituição dos núcleos.

## Quadro 2:

### A formação dos Núcleos de Significação



É importante destacar aqui que este processo de constituição dos núcleos é dinâmico e não linear, apresentando idas e vindas constantes entre os três (3) momentos distintos, estando dividido aqui, apenas para fins didáticos. Assim, os resultados serão apresentados a partir dos quatro (4) núcleos formados, os quais são atravessados pelos temas trabalhados em vários momentos do estudo. A análise começa no interior dos núcleos, “por um processo intra-núcleo, avançando para uma articulação inter-núcleos” (Aguiar & Ozella, 2006, p. 231), deste modo, pode-se perceber as similaridades e também as contradições existentes no discurso do sujeito, além de observar o movimento que ele faz no decorrer de sua história. Destaca-se aqui, a

necessidade de ir além das falas do informante, buscando abrangê-lo de modo global, ao contextualizar o seu discurso com o meio social, histórico, econômico e político no qual encontra-se inserido.

Para a compreensão dos sentidos foi necessário realizar uma articulação entre os conteúdos dos núcleos, analisando-os em seu movimento integrador, sob embasamento teórico, mas também orientando-se pelo meio social e histórico, bem como pelo contexto do discurso em questão. Conforme Aguiar e Ozella (2006, p. 231) há um avanço “do empírico para o interpretativo, isto é, da fala para seu sentido”. Para compreender os sentidos, porém, é necessário analisar as necessidades do sujeito, aquilo que o mobiliza e constitui, pois elas orientam as maneiras de sentir, pensar, atuar dos indivíduos. Assim, através de um processo contínuo buscou-se identificar as dimensões, tendências, relações, procurando desvelar o significado de cada núcleo, comparando e organizando. Desta forma, através de um trabalho processual, complexo e não linear, as informações coletadas foram organizadas, reduzidas e interpretadas de acordo com os objetivos propostos na pesquisa, bem como com a literatura de apoio ao trabalho.

A triangulação consiste na utilização de diferentes maneiras para investigar o mesmo ponto (Alves-Mazzotti & Gewandsnajder, 1998). Assim, ela também foi de grande valia, pois ao usar a chamada triangulação de métodos, ou seja, a comparação de dados obtidos nas entrevistas com os percebidos na observação, pode-se obter uma visão global do contexto de trabalho destes profissionais e do “lugar” de onde eles estão falando, compreendendo melhor os sentidos e significados de suas falas.

Com essa forma de análise, espera-se ter conseguido alcançar os objetivos propostos e contemplar de maneira efetiva as características dos sujeitos e do local de investigação, construindo conhecimentos relevantes à ciência psicológica, bem como a esses profissionais, pautando-se sempre na ética, no compromisso e no respeito ao ser humano. Com base nos núcleos de significação elencados, aliados às observações e análises das falas dos sujeitos, os capítulos subsequentes, referem-se às compreensões realizadas sobre os núcleos, onde se buscou evidenciar os sentidos estabelecidos e outorgados pelos sujeitos, analisando-os à luz das teorias existentes, conforme as explicações tecidas no capítulo seguinte.

### 4.3 A Compreensão dos Sentidos do Trabalho

O objetivo deste estudo, conforme já destacado e reiterado, é compreender os sentidos que os bombeiros atribuem ao seu trabalho. Como pode ser observado nas concepções desenvolvidas até aqui, tanto o sujeito quanto a categoria “sentidos”, constituem-se pelo dinamismo e complexidade, assim, entendê-los requer ampla análise, estudo e observação. Segundo Zanella et al (2007, p. 31), a dimensão dos sentidos é polissêmica e polifônica, uma vez que eles são produzidos pelos sujeitos em relação, através da atividade, a qual é permeada pelas vivências individuais, bem como dos demais e circunscrita “pelas condições e características do contexto histórico em que vivem”.

No decorrer deste estudo, principalmente no capítulo 3 e no item 3.1, os sentidos e significados são analisados e conceitualizados segundo a vertente teórica e epistemológica que embasa suas análises, a fim de contextualizar o leitor e explicitar o lugar do qual se está falando. Deste modo, estas categorias - sentidos e significados - são compreendidas a partir das concepções desenvolvidas por Vygostsky (1991), como sendo a unidade das relações dialeticamente estabelecidas entre singular e coletivo, sujeito e cultura, possuindo, assim, inseparabilidade e unicidade, a qual é cindida apenas para fins explicativos, visando facilitar sua compreensão.

Com base nestas considerações, convém referir-se à Zanella et al (2007, p.31), quando afirmam que os sentidos apresentam um aspecto mais idiossincrático, referindo-se às dimensões mais subjetivas e particulares do sujeito, enquanto que os significados são necessariamente compartilhados, possuindo “uma relativa estabilidade, provisória em razão de sua condição social e histórica”. Além disso, os referidos autores apontam que os sentidos são expressos através da linguagem, a qual apresenta-se como “fenômeno do pensamento, que se interconecta com a memória., a percepção, a imaginação, enfim, com todos os processos psicológicos e a dimensão afetivo-volitiva que move as pessoas e conota as relações que estabelece com outros e consigo mesmo” (Zanella et al, 2007, p.31).

Frente às concepções apresentadas, faz-se necessário destacar que a análise das atividades humanas requer, necessariamente, um olhar voltado para os sentidos elencados pelos sujeitos em constante relação, considerando sempre a indissociabilidade existente entre sujeito, contexto histórico/social e suas possibilidades de atuação e construção da realidade. Deste modo,



ênfatisa-se que os capítulos subseqüentes referem-se exatamente aos objetivos propostos por este estudo, procedendo à análise dos sentidos que os bombeiros outorgam ao seu trabalho. Assim, cada capítulo e item, delinea e apresenta as significações erigidas por estes profissionais em vários momentos e sobre diversos assuntos, compondo por fim, o mapeamento dos sentidos e significados que eles atribuem ao seu ofício, conduzindo à sua compreensão de modo amplo e específico.

Devido à polissemia e complexidade dos sentidos que os sujeitos atribuem às suas vivências, não há possibilidade destas significações permanecerem restritas a um capítulo de análise específico, disseminando-se no decorrer dos vários itens apresentados. Ademais, de acordo com Zanella et al (2007, p.32), os sentidos “apresentam-se muito mais do que intencionalidade e clareza, há o efêmero, o imprevisto, o plural, o acontecimento em si, enfim, a própria existência em processo, constante devir.” e, portanto, devem ser considerado em toda sua amplitude e abrangência.

Como para compreender o sujeito é preciso sabê-lo inserido em determinado contexto sócio-econômico e profissional, inicialmente faz-se uma retrospectiva histórica sobre o surgimento dos Corpos de Bombeiros. Depois parte-se para a análise do quartel de Rio do Sul, observando sua estrutura e funcionamento, seu cotidiano de trabalho, sua organização, enfim, buscando contextualizá-lo e analisar as condições materiais que envolvem o trabalho dos bombeiros, a fim de apreender seu processo de significação de forma mais ampla possível. Na seqüência busca-se compreender “o homem por trás da máscara”, analisando suas escolhas e vivências, e por fim, são apresentados os significados do ser bombeiro e as concepções desenvolvidas por estes profissionais a respeito de trabalho e emprego, compondo assim, um panorama geral acerca desta realidade laboral imprescindível à vida do ser humano.

## 5. DISSIPANDO A FUMAÇA

*Desconfiai do mais trivial na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual.*

*Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.*

*(Brechet, 1982, p.26)*

### 5.1 A origem do Corpo de Bombeiros<sup>30</sup>

Desde os tempos mais remotos, o homem caracteriza-se por sua atuação sobre a natureza, na busca pela satisfação de suas necessidades (Marx, 1985). Neste contexto, a partir do momento Histórico em que os primeiros grupos populares abandonam as cavernas, faz-se necessário algo que lhes proporcione calor, proteção e bem-estar. A descoberta do fogo vem suprir esta carência humana vital de aquecimento, além de beneficiar o sujeito de outras maneiras, ao servir como proteção, combustível e contribuindo para melhorias em sua nutrição, através da possibilidade de cozimento dos alimentos.

De forma paradoxal, a utilização do fogo, material indubitavelmente útil ao ser humano, traz consigo perigos e possibilidades variadas dele voltar-se contra a natureza e o homem, podendo causar incêndios, destruições, prejuízos, tragédias e enfermidades. A constatação desta situação trouxe novas demandas aos sujeitos, clamando por vigilância, cuidado e atenção constante. Deste modo, já o homem primitivo, procurava regular o uso do fogo através do estabelecimento de vigílias em seus povoados, principalmente, quando se ausentava em busca de alimentos.

Ao longo da história da humanidade, a sociedade passou a estabelecer sua defesa contra incêndios de diversas maneiras. Já na antiga Roma a vigilância do fogo era exercida com rigor e cuidado, sendo que os habitantes das cidades eram obrigados por lei, a manterem em suas habitações uma tina constantemente repleta de água. Nesta época, os materiais utilizados para

---

<sup>30</sup>Texto embasado em informações retiradas de sites específicos de bombeiros, ou seja, dos endereços eletrônicos [www.cb.sc.gov.br](http://www.cb.sc.gov.br) e [www.bombeirosemergencia.com.br](http://www.bombeirosemergencia.com.br). Por este fato não são utilizadas referências bibliográficas neste capítulo.

extinção do fogo eram primitivos, constituindo-se somente de baldes de couro, escadas e machados, porém, já indicavam preocupação e a busca de seu controle.

Por volta de 1400, o Rei João I de Portugal criou na legislação normas relativas à prevenção e ao combate ao fogo. Na Grã-Bretanha, o estabelecimento de companhias de seguros deu lugar ao aparecimento de Brigadas de Bombeiros, sendo a primeira. No ano de 1833, Londres já contava com um Corpo de Bombeiros organizado, que tinha como função proteger a cidade dos desmandos do fogo. Em 1865, após a destruição do parlamento pelo fogo e depois de vários outros incêndios, os Corpos de Bombeiros passaram a ser responsabilidade do governo.

No Brasil, antes da criação do Corpo de Bombeiros no ano de 1856, os serviços de extinção de incêndios, mais especificamente no Estado do Rio de Janeiro, eram realizados pelos praças das Seções dos Arsenais de Guerra e da Marinha, pelos africanos livres da Casa de Correção e pela Repartição de Obras Públicas. A 02 de Julho de 1856<sup>31</sup>, por decreto Imperial foi criado o Corpo de Bombeiros Provisórios da Corte, que possuía em seu quadro efetivo cento e trinta homens (130). Seus equipamentos e utensílios eram simplórios e insuficientes, porém, foram aperfeiçoando-se com o decorrer do tempo.

Através destes dados, pode-se observar as alterações efetivas que as estruturas dos Corpos de Bombeiros vêm apresentando conforme as necessidades humanas. Deste modo, atualmente, os quartéis de Bombeiros constituem-se como estruturas complexas e organizadas, as quais possuem modernos materiais utilizados no combate a incêndios e nos diversos atendimentos que realizam. Porém, algumas instituições ainda contam com equipamentos arcaicos e obsoletos, carentes de substituição, implementação e melhorias. Grande parte destas organizações é de responsabilidade do Governo, entretanto, em muitas cidades do Brasil existem Corpos de Bombeiros Voluntários, para suprir as demandas derivadas da utilização do fogo e da eletricidade - isto é, do desenvolvimento das condições de existência do ser humano - sem ônus para o governo, sendo mantidos pela iniciativa privada.

Com o processo de desenvolvimento social, tecnológico e científico - caracterizado por avanços e retrocessos constantes - exigências distintas vão surgindo, demandando providências e adaptações diferenciadas por parte do ser humano (Dupas, 2000). Apesar das alterações no contexto serem importantes para melhorias na qualidade da vida dos sujeitos, elas trazem consigo

---

<sup>31</sup> Convém destacar que, após este acontecimento, todo ano no dia 2 de julho, comemora-se o dia do bombeiro em decorrência deste decreto.

uma série de questões inovadoras e variadas, que exigem intervenções e atitudes humanas diversificadas. Neste contexto, com a descoberta e utilização do fogo, e, posteriormente da eletricidade, fez-se premente a necessidade de profissionais treinados no combate a incêndios, além de instrumentos e ferramentas que pudessem auxiliá-los nessas ocasiões, fato que culminou no surgimento dos Corpos de Bombeiros. Assim, o próximo item apresenta alguns aspectos históricos referentes a desenvolvimento desta profissão no Estado de Santa Catarina.

## **5.2 O Corpo de Bombeiros em Santa Catarina<sup>32</sup>**

Desde o início do século XX, há registro de incêndios na cidade de Florianópolis. Neste período, vários prédios e instalações de grandes firmas comerciais da Capital foram destruídos pelo fogo. Nos dias que se seguiam às ocorrências, havia muitas discussões entre os cidadãos sobre a necessidade da criação de um Corpo de Bombeiros; todavia, cessados os temores, estas providências não eram mais cogitadas e o assunto ficava esquecido. Na época, a população dividia-se entre duas facções com pontos de vista totalmente antagônicos. A maior delas tinha como intento a substituição dos prédios antigos por outros de linhas modernas e arrojadas, não se preocupando com a destruição causada pelos incêndios. Já a outra vertente, entendia que os incêndios traziam prejuízos incalculáveis e que o progresso viria no seu devido tempo, defendendo assim, o cuidado e o controle do fogo.

A partir destas ocorrências e concepções, em 16 de setembro de 1919, foi sancionada, a Lei nº 1288, que criava a Seção de Bombeiros, que seria constituída por elementos da Força Pública. No entanto, somente sete (7) anos depois se deu a real instalação desta unidade, que contava com o serviço efetivo de apenas vinte e sete (27) praças. Dentre as principais ocorrências de incêndios na Capital, podem-se destacar os incêndios no Hospital de Caridade, em 1994; do supermercado Imperatriz no mesmo ano, da loja Casas Coelho no ano de 1998, e ainda, no ano de 2005<sup>33</sup>, no Mercado Público Municipal, importante prédio histórico da Capital, um dos principais ícones urbanos ([www.pm.sc.gov.br/website](http://www.pm.sc.gov.br/website)).

---

<sup>32</sup> Todo o capítulo é embasado em informações retiradas do endereço eletrônico [www.uefs.br/3bbm/historico.html](http://www.uefs.br/3bbm/historico.html), do site [www.cb.sc.gov.br/arq\\_html/historicophp](http://www.cb.sc.gov.br/arq_html/historicophp) e também na Emenda Constitucional número 33, da Constituição do Estado de Santa Catarina de 2003. Florianópolis. Recuperado em abril de 2008. Por este motivo não há referência à outros autores no decorrer do capítulo.

<sup>33</sup> Informações retiradas do site <http://www.pm.sc.gov.br/website>.

Desde seu surgimento, o Corpo de Bombeiro encontrava-se vinculado à Polícia Militar do Estado, formando uma unidade única. Assim, a atividade de bombeiro era como uma espécie de área ou ramo da Polícia, estando subordinada a esta e seguindo suas normas e regulamentos<sup>34</sup>. Em 13 de junho de 2003, a Emenda Constitucional número 33, da Constituição do Estado de Santa Catarina, promove a inclusão e revisão de alguns de seus artigos e capítulos, visando à emancipação do Corpo de Bombeiros de Santa Catarina da Polícia Militar, colocando-o como entidade distinta, com atribuições e funções diferenciadas. Assim, o artigo 55 desta Emenda (2003) promulga que “O Poder Executivo regulamentará a emancipação administrativa e operacional do Corpo de Bombeiros Militar, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, contados da publicação da emenda que institui este artigo, visando o seu aprimoramento e atualização.”

A este respeito *Ghandi*<sup>35</sup>, um dos entrevistados, afirma:

*“Pra mim, todos aqueles argumentos que eles utilizaram para separar o bombeiro da polícia, pra mim é óbvio, né?... No sentido de que realmente aquilo ali tem fundamento! Tipo, a questão da missão de cada um... Assim, são distintas, são bem... Uma tem a questão de policiamento... da preservação da ordem pública e tal. Não que nós não tenhamos no sentido da prevenção de combate a incêndio. Mas daí: um prende, o outro socorre...”*

Pelas informações coletadas no campo de estudo, bem como por pesquisas em sites específicos do Corpo de Bombeiros<sup>36</sup>, pode-se perceber o quanto esta emancipação foi marcante e decisiva para a organização e para a realização do trabalho destes profissionais ([www.cb.sc.gov.br/arq\\_html/historico.php](http://www.cb.sc.gov.br/arq_html/historico.php)). Na visão do Comando da corporação, em nota enviada aos Corpos de Bombeiros do Estado, no dia 13 de junho de 2006, a emancipação do bombeiro “proporcionou a autonomia administrativa e permitiu capilarizar nossos serviços, antes restritos a 35 municípios, para hoje, decorridos três anos, estarmos em 80 municípios, atendendo 68% da população catarinense”<sup>37</sup>. A partir daí, pode-se notar o quanto a separação da polícia foi

---

<sup>34</sup> É importante destacar que no Brasil, grande parte dos Estados ainda tem os Corpos de Bombeiros unificados à Polícia Militar.

<sup>35</sup> Convém destacar que os nomes de todos os sujeitos desta pesquisa são fictícios, sendo que alguns foram escolhidos por eles, enquanto que outros ficaram a critério da pesquisadora. Também é importante enfatizar que, todas as falas dos sujeitos transcritas na íntegra estarão em itálico e entre aspas, a fim de destacar e diferenciar dos autores referenciados.

<sup>36</sup> Informações retiradas do site [www.cb.sc.gov.br/arq\\_html/historico.php](http://www.cb.sc.gov.br/arq_html/historico.php)

<sup>37</sup> Nas palavras do então Tenente Coronel do Corpo de Bombeiros de Santa Catarina, Adilson Alcides de Oliveira.

importante para a história do Corpo de Bombeiros, bem como para o desenvolvimento desta profissão.

Segundo *Ghandi*

*“... Eu vejo que melhorou. Tem muitas outras coisas que a gente não precisa agora tá, ah, passando pela polícia, estas questões de investimento a nível estadual, não passa pelo crivo da polícia [...] Em virtude de uma emancipação das questões relacionadas a missão de cada uma, em virtude do crescimento, porque nosso crescimento, na polícia ele era pequeno, tanto que com a separação o numero de OBMs<sup>38</sup> cresceu...”*

A partir das falas apresentadas, pode-se ter uma noção acerca das mudanças que a divisão entre polícia e bombeiro teve para a Corporação, segundo os profissionais entrevistados, esta emancipação proporcionou maior autonomia, principalmente, referente ao repasse e à utilização dos recursos financeiros. Assim, o fato de haver maior agilidade na disponibilização das verbas vindas do Governo e a viabilidade de investirem da melhor forma e nos pontos considerados de maior carência contribuiu sobremaneira para a manutenção na qualidade dos serviços prestados pelos bombeiros, uma vez que as condições materiais de trabalho são fundamentais para o alcance dos objetivos de seu ofício. Outro, considerado como ponto positivo, é a possibilidade de elaboração um Regimento Disciplinar independente, o qual refere-se especificamente ao trabalho e às funções do bombeiro, sendo atualizado em consonância com o local e o contexto atual.

O fato é que as mudanças desencadeadas no contexto de trabalho dos bombeiros resultam em implicações sobre os sentidos que eles vão outorgar sobre o seu trabalho, assim, esta emancipação da polícia foi vista, pela grande maioria dos profissionais, como uma vitória e sob um olhar bastante otimista, ao ser tido como algo positivo, vindo ao encontro do desenvolvimento e crescimento desta instituição. Pode-se perceber assim, a presença de transformações variadas no contexto de atuação dos bombeiros, porém, estas modificações assumem características e peculiaridades específicas no campo de estudos desta pesquisa, qual seja, o Corpo de Bombeiros do município de Rio do Sul, cujo desenvolvimento será apresentado a seguir.

---

<sup>38</sup> OBM- Organização de Bombeiro Militar.

### 5.3 O início de uma História<sup>39</sup>

Em março de 1973, por determinação do Comandante do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, foram enviados a Rio do Sul, materiais e instrumentos de combate a incêndio, além de profissionais bombeiros, a fim de guarnecer os 22 Municípios que compõem a Região do Alto Vale do Itajaí. Assim, no dia 31 de março de 1973, a inauguração da Estação de Bombeiros de Rio do Sul, deu início à história da atual 3ª Companhia de Bombeiro Militar, ou seja, do campo do estudo em questão. Esta estação foi implantada no mesmo local onde até hoje se encontra localizado o quartel do Corpo de Bombeiros da cidade, que desde aquela época até os dias atuais vem apresentando um desenvolvimento e modernização cada vez mais acentuada tanto em sua estrutura de funcionamento, como nos equipamentos e aparelhos utilizados.

A cidade cresceu e se desenvolveu novas indústrias nela se instalaram e atualmente, a jurisdição do Corpo de Bombeiros de Rio do Sul compreende 29 Municípios e tem como responsabilidade atender uma população de 251.217 habitantes, englobando uma área de 7.865.99Km. Esta se encontra dividida basicamente em quatro Micro-Regiões, abrangendo as cidades de: Rio do Sul, Taió, Ituporanga e Ibirama. A Companhia de Bombeiro Militar – CBM -, nos últimos anos, vem descentralizando suas atividades, através da instalação de pelotões de Bombeiro Militar, na microrregião de Ituporanga e Taió e ainda de um grupo menor no município de Pouso Redondo.

Após a efetivação de alguns convênios firmados entre o Corpo de Bombeiros do Estado de Santa Catarina com o Município de Rio do Sul<sup>40</sup>, tornou-se possível a aquisição de novos materiais e equipamentos, bem como a viabilização da especialização do profissional Bombeiro Militar, melhorando, segundo informações disponibilizadas em campo, a qualidade do atendimento prestado para a comunidade do Alto Vale do Itajaí. Assim, as viaturas utilizadas foram atualizadas no decorrer do tempo, sendo que hoje o quartel possui uma frota de 10 (dez)

---

<sup>39</sup>As informações deste histórico foram organizadas a partir de relatos orais e escritos dos bombeiros, bem como através da análise de fotos e documentos históricos da instituição, realizadas pelos próprios profissionais do quartel (Comunicação pessoal, 4 de outubro de 2007).

<sup>40</sup>Lei Municipal nº 2.118, de 29 de Novembro de 1988, a qual possibilitou a implantação do FUNREBOM (Fundo de Reequipamento do Bombeiro Militar). Lei Municipal nº 2.499, de 12 de Dezembro de 1991, a qual definiu a forma de cobrança das Taxas de Vistoria para Funcionamento, e, pela Lei nº 2.941, de 11 de Novembro de 1994, que regulou e definiu os valores para cobrança da Taxa de Segurança Contra Incêndios. Informações disponibilizadas pelos Bombeiros e obtidas em documentos oficiais do histórico do Corpo de Bombeiros de Rio do Sul (Comunicação pessoal, 7 de novembro de 2007).

Viaturas: 01 Auto Tanque (AT), 02 Auto Socorro de Urgência (ASU); 03 Auto Transporte de Pessoal (ATP), 02 Auto Bomba Tanque Resgate (ABTR), 01 Auto Resgate (AR) e 01 Auto Moto (AM).

Segundo informações obtidas em campo, durante os 35 anos de existência do quartel, fatos importantes para o desenvolvimento dos serviços oferecidos foram registrados, entre eles, a substituição do velho Caminhão por novas viaturas e a ampliação do ramo de atividade, implementada com a Seção de Atividades Técnicas e o Serviço de Atendimento Pré-Hospitalar (APH). Convém destacar que, estas mudanças são oriundas do crescimento da cidade, bem como das determinações das leis federais que regem a corporação, estabelecidas a partir das demandas sociais contemporâneas. Estas, por apresentarem características peculiares, diferentes de outros momentos históricos, trazem consigo situações e exigências diferenciadas, que, conseqüentemente, vão gerar necessidades distintas e inusitadas.

Os serviços de atendimento pré-hospitalar (APH) constituem-se assim, como produto deste processo de inovação e mudança, levando à necessidade de aperfeiçoamento das condições laborais, bem como de profissionais específicos para atuar nessa área. Deste modo, esses atendimentos emergenciais, quando surgem, passam a ser atribuídos aos bombeiros, pois, de acordo com Marx (1985) o objetivo primordial do capitalismo é a obtenção de mais-valia, então, torna-se menos dispendioso a utilização de trabalhadores já existentes no mercado. Neste contexto, os bombeiros além de combatentes do fogo, passam a ser também profissionais do resgate e socorro<sup>41</sup>. Vale lembrar que este fato aumenta a abrangência e as especificidades de sua profissão, implicando sobre os sentidos que eles vão outorgar ao seu labor.

As alterações no universo e na estrutura de trabalho do bombeiro devem-se, portanto, ao processo de desenvolvimento social e tecnológico que ocorre concomitante ao da existência humana, desde seus primórdios. Segundo Marx e Engels (1996), a partir de sua capacidade teleológica, ou seja, da possibilidade que o ser humano tem de planejar e de transformar em atos suas idéias, o homem muda a si mesmo, a materialidade e o contexto onde está inserido. Assim, na busca pela satisfação de suas necessidades, ele cria e recria, ousa, transforma, aperfeiçoa,

---

<sup>41</sup> Em Santa Catarina, desde o início da década de 90 os bombeiros são responsáveis pelas atividades de Atendimento Pré-Hospitalar (APH). Somente há, aproximadamente, três anos o Governo Federal criou o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), o qual conta com uma equipe formada por profissionais de enfermagem e por médicos, mas que realiza praticamente as mesmas funções dos bombeiros, atendendo casos clínicos diversos, auxiliando-os na realização destas funções. Segundo informações disponibilizadas pelos bombeiros do campo de estudo (Comunicação pessoal, 18 de setembro de 2007).



constrói ferramentas e instrumentos que possam auxiliá-lo neste processo. Essas transformações, porém, vão implicar tanto sobre o contexto social global, quanto sobre a vida particular dos sujeitos, pois estes pólos apresentam-se como categorias inseparáveis e impossíveis de serem dicotomizadas (Aguiar & Ozella, 2006).

Esta situação contempla, de forma singular a realidade do quartel do Corpo de Bombeiros da cidade de Rio do Sul, uma vez que sua característica principal, segundo os sujeitos entrevistados, pode ser atribuída à freqüente busca por conhecimento e atualização. Conforme as palavras de *Mike*

*”É um trabalho que necessita muito conhecimento técnico, tático, necessita de uma constante busca por aprendizado e mais informação, até porque este sistema de atendimento pré-hospitalar é uma coisa que está sempre... É muito dinâmico, tá sempre mudando bastante, então a gente tem que estar sempre correndo atrás, pra está se atualizando...”*

*Luciano* também compartilha estas concepções quando diz

*“Temos plena convicção de que as mudanças são necessárias, para que a mentalidade de Prevenção seja difundida entre todos os cidadãos de nossa Região de forma adequada, para que possamos continuar levando nossa Bandeira de “Vidas Alheias e Riquezas a Salvar.”*

A partir destas palavras, pode-se perceber que o objetivo principal do trabalho dos bombeiros é a preservação e manutenção da vida humana, vindo na seqüência o cuidado com o patrimônio. As próprias diretrizes de atendimento que eles seguem preconizam que seu bem-estar e saúde, bem como o da população atendida, devem ser sempre prioridade. Eles são, inclusive, impedidos de realizar “ações heróicas”, qual sejam, atos que coloquem em risco sua própria vida para socorrer alguém ou preservar algum bem, pois, de nada adianta perder um profissional em detrimento de outro ser humano ou em prol de bens materiais. E, pela fala de *Luciano*, como também na de outros bombeiros, é possível notar que eles possuem essa compreensão acerca de suas possibilidades e limites de atuação, buscando, inclusive, atuar de forma preventiva, a fim de alcançar suas metas primordiais.

Aqui é necessário lembrar que o fato apresentado nem sempre teve estas características e finalidades. Conforme já discutido, a inclusão de novas funções ao trabalho realizado pelos bombeiros, acarreta uma série de alterações, entre elas, este aspecto ligado à vida humana, isto é,

em períodos anteriores, o foco de sua atuação era combater incêndios, preservando o patrimônio adquirido pelo homem e também sua saúde. Com a inserção nos serviços de atendimento emergenciais, estes profissionais passaram a ter como meta principal a vida do ser humano, o que propicia o desenvolvimento de significados diferenciados por parte da população, que tende a elevar o nível de cobrança e exigência, bem como dos sentidos edificadas pelos bombeiros a respeito de seu ofício, frente toda esta situação.

Tendo em vista os depoimentos dos bombeiros, nota-se que seu trabalho encontra-se permeado pela urgência, cuidado e atenção, exigindo atualização constante, tanto em seus conhecimentos quanto nos instrumentos utilizados, e eles, ao terem essa percepção, buscam contemplar essa realidade, visando alcançar os objetivos do seu ofício, bem como não sofrer riscos desnecessários e prejuízos em sua atuação profissional. O próximo capítulo apresenta o contexto onde estes profissionais encontram-se inseridos, enfatizando sua estrutura, funcionamento e seu cotidiano de trabalho.

## 6. O REFÚGIO DOS “HERÓIS”

*“ Resta esse desejo de sentir-se igual a todos,  
De refletir-se em olhares sem curiosidade e sem memória.  
Resta essa pobreza intrínseca, essa vaidade de não querer  
ser príncipe, se não do seu reino.”*

*(Moraes, 2007, p.259)*

### 6.1 Conhecendo o Quartel do Corpo de Bombeiros

Com relação à estrutura física, o quartel do Corpo de Bombeiros localizado na cidade de Rio do Sul, é composto por um edifício de dois pisos, sendo que no superior encontram-se as diversas áreas (B1, B3, B4<sup>42</sup> e Comando Geral), onde são realizados os atendimentos à população e atividades burocráticas, e o COBOM (Centro de Operações do Bombeiro Militar), que gerencia os trabalhos operacionais. Na área inferior, ficam os alojamentos dos soldados, um masculino (um único para todos eles, comunitário) e um feminino e também os quartos dos graduados (constituídos por suítes, separadas de acordo com o nível hierárquico)<sup>43</sup>, uma sala de televisão, uma sala de aula, utilizada principalmente para treinamentos e reuniões; banheiros, uma cozinha com refeitório, sala de ginástica, de higienização, uma para manutenção de equipamentos e, ainda, tem um ambiente reservado para guardar objetos variados.

Na parte posterior externa existe um serpentário, um campo de futebol, a torre - aérea reservada a treinamento em altura -, um canil, onde ficam os cães utilizados em resgates e buscas; um tanque para treinamento de mergulho, além de um local para guardar materiais aquáticos e, ainda, outra área disponível para simulação de resgates veiculares e de combate a incêndios. Tem também as garagens, onde se encontram as viaturas de socorro e os carros utilizados para outros serviços. Ao lado da companhia há ainda uma praça, a qual foi idealizada pelos bombeiros e é mantida por esta instituição, sendo, porém, destinada ao uso da comunidade riosulense.

---

<sup>42</sup> Ressalta-se que essas denominações derivam das siglas utilizadas pelo exército na divisão de suas sessões em S1(Sessão 1), S2,... Assim, B1, B2,... referem-se às sessões organizacionais do quartel, e a letra B é utilizada para indicar que é uma sessão do Corpo de Bombeiros.

<sup>43</sup> Nota-se, nesta divisão hierárquica dos alojamentos, a existência de relações de poder, a qual Foucault (1979) considera uma prática social, construída histórica e culturalmente, pela multiplicidade e variedade existente, exercida em todos os âmbitos, sendo que aqueles que detêm as leis, possuem um controle maior sobre ele, exercendo de forma mais efetiva. Este fato será evidenciado de forma mais efetiva no decorrer do texto.

A respeito da estrutura física do quartel, a grande maioria dos bombeiros afirma que, quando comparada a outros estabelecimentos, ela é excelente. *Ricardo* define as condições de trabalho, enfatizando que:

*“A nível de Santa Catarina nós estamos bem, bem evoluímos, as condições de trabalho são muito boa, equipamento, nós temos tudo equipamento de ponta, eu acredito que nós estamos muito bem, tendo em vista outros quartéis que eu já passei, acredito que aqui é muito bom.”*

*Mozzart* destaca este fato também:

*“As condições são ótimas, é isso que eu tenho pra dizer. Eu to num dos melhores quartéis do Estado, né? Tanto na qualidade de pessoal, quanto na estrutura física. É um dos melhores quartéis do Estado pra se trabalhar”.*

*Mike* tem a mesma opinião que os demais sobre as condições físicas de seu âmbito de trabalho, destacando que

*“Em Rio do Sul é excelente. Não tem do que reclamar. A gente tem equipamento, a gente tem material, a gente tem viatura. Eu considero, assim, 100% com relação a equipamento, material, a instruções, a gente tem bastante treinamento. Então, o que a gente precisa nessa parte tem, como eu to direcionado muito a uma parte de cães, eu vejo por esse lado. Em qualquer outro quartel eu tenho certeza, assim, que eles iam me corta um monte, assim, nas coisas que eu preciso. Porque é ração cara, é vacina cara, é manutenção dos cães muito cara”.*

Diante destas declarações, é possível compreender as condições dos meios de trabalho empregados pelos bombeiros e, conseqüentemente, os aspectos sociais nos quais estes sujeitos encontram-se inseridos. Conforme Marx (1983), ao saber que os meios de trabalho servem como referência das condições sociais sob as quais o trabalho é realizado, pode-se tecer considerações a respeito do contexto sócio-econômico do quartel da cidade de Rio do Sul, o qual apresenta - segundo a opinião dos entrevistados, bem como, de pesquisas realizadas pelo Comando Geral do Corpo de Bombeiros - condições e meios de trabalho bastante desenvolvidos em comparação com outras unidades, inclusive, a nível Federal. Ao ser evidenciada pelos sujeitos, esta situação indica que os aspectos materiais constituem-se como um fator positivo com relação ao “ser bombeiro”, ou seja, por terem uma estrutura física condizente com suas necessidades, bem como, por

poderem contar com o apoio de instrumentos e aparatos tecnológicos - o que facilita e agiliza a realização das funções desenvolvidas - sua profissão adquire um caráter e sentidos mais amenos e positivos.

Uma curiosidade, porém, foi despertada frente a estas questões discutidas. O que faz com que o quartel do Corpo de Bombeiros de Rio do Sul seja considerado uma referência em estrutura, funcionamento e, inclusive, em atendimentos? Esta é uma característica da instituição Riosulense, ou pode ser atribuída aos bombeiros como categoria? *Mozzart* ajuda a responder este questionamento com a seguinte declaração:

*“Eu acho que muito vai em função do efetivo e da equipe de trabalho, certo? Nós tivemos aqui sempre, por exemplo, uma equipe de graduados que se mantém ao longo do tempo, e cada um é empenhado na sua área e trabalhando na área que conhece, isso é o mais importante, você colocar pessoas que gostam da sua área, que faz aquela área bem feito. A partir do momento em que você começa a remanejar, a colocar esse aqui, ali, às vezes por birra, às vezes pra sacanear o cara, o trabalho começa a ser mal-feito. [...] você deve conquistar a admiração das pessoas pelo seu trabalho, pelo exemplo, né? E quando você tem uma equipe de trabalho boa, todo o serviço anda bem. E na maioria das unidades isso não acontece, então talvez aqui seja diferenciado porque aqui nós temos uma equipe muito boa, desde cima até embaixo. Eu sempre digo o seguinte: “Cada um tem sua parte pra fazer, né?” Pra coisa andar bem, basta que cada um faça sua parte, se cada um fizer um pouquinho a mais que sua parte, vai ficar muito melhor.”*

As falas dos sujeitos sugerem que o quartel Riosulense apresenta algumas particularidades no que se refere à estrutura física, ao seu funcionamento e organização, que não podem ser generalizadas ao fazer alusões à profissão bombeiro de maneira geral. O modelo de gestão, aliado à cultura local e à singularidade dos trabalhadores deste campo de estudo, forma sua composição global, tida inclusive, como um exemplo a ser seguido por outras instituições, pois segundo *César*, “*graças a Deus Rio do Sul é exemplo pro país*”.

*Ghandi* reitera estas concepções quando fala que o referido quartel serve de modelo para outras Unidades, sendo, inclusive destacado por estas Companhias, por apresentar uma estrutura bem montada,

*“tanto logística como humana”, [...] com vários locais pra treinamento, vários locais pra o trabalho, né? E o próprio fundo Municipal<sup>44</sup> já deixou a Unidade mais emancipada, vamos dizer assim, mais independente em vários aspectos, né? [...] tem a questão das pessoas, de, da questão de se dedicar e tal, [...] Então vai depender das pessoas de cada local...”*

As palavras de Sato (2002b, p.1151) auxiliam na compreensão desta ocorrência, pois

(...) apesar de termos muitas vezes toda uma categoria profissional submetida a exigências comuns em termos de organização do processo de trabalho, quando nos aproximamos dos locais onde trabalham vemos que cada local é um mundo singular, com seus problemas particulares,... pois as pessoas são diferentes, são relações interpessoais desigualmente construídas, são diferentes regras que vigoram.

Zanella (p.130, 2004) também traz contribuições quando esclarece que, “os sujeitos em relação atribuem sentidos diferentes àquilo que vivenciam”. Desta maneira, os sentidos que cada bombeiro outorga a seu trabalho encontram-se diretamente ligados a aspectos característicos, porém, apesar desta singularidade, ou seja, de cada profissional conotar sentidos próprios ao serviço que realiza, as significações variam em função das condições objetivas com as quais se deparam no seu dia-a-dia de trabalho. Assim, a realidade vivenciada no quartel riosulense vai implicar de forma específica sobre as significações estabelecidas. Este fato é evidenciado na fala de *Luciano*, pois, ao ter atuado em outro quartel salienta que

*“..., é bastante diferente, porque: é um quartel novo, junto com a Polícia Militar, muito difícil de trabalhar... A gente divide todas as dependências físicas, era tudo dividido, então era muito ruim de trabalhar... O quartel também, ele sofre*

---

<sup>44</sup> Aqui ele refere-se ao FUNREBOM – Fundo de Reequipamento do Bombeiro Militar, instituído pela Lei Estadual nº 7.541, em 30 de dezembro de 1988, a qual dispõe sobre as taxas de segurança contra incêndios, de vistorias, enfim, dos serviços disponibilizados pelo Corpo de Bombeiros. E posteriormente, complementada pela Lei Municipal nº2118/88, a fim de disponibilizar recursos para investimentos em equipamento e materiais necessários ao trabalho dos bombeiros (Comunicação pessoal, 21 de setembro de 2007).

*também de falta de efetivo mais do que aqui [...] sofre com a falta de estrutura, com a falta de afetivo...”*

A realidade apresentada pelo sujeito resulta em implicações variadas sobre o cotidiano de trabalho dos profissionais, conforme será visto adiante. Assim, pode-se perceber a importância de “mapear” o desenvolvimento destas configurações no campo de estudo, verificando como é tecida a intrincada rede de significações desenvolvida entre o trabalhador e o ofício que realiza. Pois, para poder compreender o significado do trabalho na vida de uma pessoa e os sentidos que ele “desperta” nesse sujeito, é preciso contextualizar seu local de trabalho, verificando, em um primeiro momento, os seus aspectos mais aparentes e visíveis, quais sejam, os materiais, para posteriormente, ater-se aos fatores subjacentes, singulares e subjetivos.

### **6.1.1 Organização e funcionamento do quartel**

O Corpo de Bombeiros da cidade de Rio do Sul constitui-se como a 2º Companhia de Bombeiro Militar, estando subordinada ao 3º Batalhão de Bombeiro Militar, localizado em Blumenau e ao Comando Geral situado na capital do estado – a cidade de Florianópolis. Esta instituição encontra-se organizada hierarquicamente sob o comando de dois Capitães, os quais contam com o apoio do 1º Sargento e de três 2º Sargentos, estes atentando mais à parte burocrática e administrativa do trabalho. Além destes profissionais, seu quadro de funcionários é composto por cabos e soldados, que respondem de forma mais específica pela parte operacional do trabalho, totalizando um efetivo de 43 bombeiros militares, com especialização nas áreas de atuação do bombeiro, os quais exercem as várias funções inerentes ao seu exercício profissional.

No quartel de Rio do Sul, os soldados e chefes de socorro (oficiais) encontram-se divididos em três guarnições<sup>45</sup> de serviço operacional (verde, azul e amarela), ou seja, grupos que realizam os atendimentos emergenciais. Elas são formadas por socorristas e resgatistas, tendo, aproximadamente, onze bombeiros em cada, porém, segundo as informações disponibilizadas pelos sujeitos, estas guarnições deveriam ser compostas por um número maior de profissionais. Nas equipes de trabalho<sup>46</sup>, cada bombeiro desempenha uma função específica, tendo em vista o nível hierárquico, as qualificações profissionais e até mesmo seus interesses particulares, porém,

---

<sup>45</sup> Termo utilizado para designar os grupos de bombeiros que efetuam o rodízio nos turnos de trabalho operacional.

<sup>46</sup> É importante destacar aqui, diferentemente de outras profissões onde o trabalho em equipe resulta de formas contemporâneas de gestão administrativa, o trabalho em equipe é inerente ao ofício dos bombeiros, os quais necessitam efetivamente uns dos outros para a realização de suas funções.

sempre com uma atuação em grupo. De modo geral, a parte administrativa e burocrática é de responsabilidade dos graduados, enquanto que as atividades operacionais são efetuadas pelos soldados. Porém, os oficiais também efetuam o trabalho operacional, e, dependendo da situação, os soldados têm a possibilidade de atuar no “*expediente*”, como é denominado por eles a área de serviço burocrático. Este fato demonstra certa flexibilidade nas relações estabelecidas, bem como, na organização do processo de trabalho.

A busca pela criação de alternativas para ordenar melhor o processo de trabalho, é visível neste quartel, pois, além da divisão em equipes de trabalho, os entrevistados afirmam que há um incentivo à qualificação dos bombeiros uma vez que o Comando repassa os cursos e treinamentos oferecidos em vários locais do país a toda corporação, estimulando seus profissionais a participarem, além de promoverem constantemente, na própria unidade, esse tipo de atividade pedagógica. Convém ressaltar que, esse fato ajuda a evitar a sobrecarga de profissionais, bem como resultados desfavoráveis de sua atuação e, conseqüentemente, prejuízos à população atendida, principalmente frente à diversidade de atividades desenvolvidas.

A heterogeneidade de atividades, portanto, constitui-se como uma característica do trabalho dos bombeiros, tanto na área administrativa, quanto nos serviços operacionais. Isto se deve, principalmente, ao fato de que as funções que eles desenvolvem encontram-se voltadas para cinco pontos básicos de atuação, quais sejam: a Seção de Atividades Técnicas; os Serviços de Atendimento Pré-Hospitalar; a área de Combate a Incêndios; Atividades de Prevenção e, também, aquelas envolvendo Busca e Salvamentos. Assim, em cada sessão da Companhia os bombeiros irão exercer funções específicas relativas ao seu ofício.

Na área do quartel chamada de B1, são realizadas as atividades burocráticas, sendo que este setor constitui-se como a secretaria da instituição e é responsável por solicitações internas, documentações em geral, processos administrativos, entre outros. De acordo com *Luciano* esta seção,

*“... é como se fosse... é [...] os recursos humanos de uma empresa. E também trabalha com horas extras, escala de serviço, é... Tudo o que um RH faz numa empresa, a gente faz aqui também no B1 da Companhia.”*

Já a área denominada de B3, é destinada à instrução e ensino, organizando assim, todos os assuntos referentes a cursos, palestras e projetos educativos. *Luciano* explica que:



*“A gente trabalha na instrução do público externo, escolas, empresas, né? Com palestras de combate ao incêndio, primeiros socorros. E também ao público interno, para... Também reavivar o que foi aprendido nas escolas, né? Também com instruções de combate ao incêndio, primeiros socorros, resgate veicular. Tanto com o efetivo militar, quanto com o bombeiro mirim e com o bombeiro comunitário.”*

O setor designado B4, refere-se ao almoxarifado, onde são realizados os cuidados e o controle de materiais, equipamentos e uniformes; e, ainda tem a área chamada de SAT, (Serviço de Atividade Técnica), a qual efetua a análise de projetos estruturais e de sistemas preventivos contra incêndios. A respeito deste setor, o *Mozzart* esclarece que:

*“O setor de Atividades Técnicas é o setor encarregado da parte, toda a parte de vistoria e análises de projetos em edificações, né? Não só isso, mas também a parte de campanhas de prevenção e etc, que são desencadeadas durante o ano, então são atribuições do setor de atividade técnicas. Só pra ilustrar, pra detalhar um pouco mais, por exemplo, hoje, nenhuma empresa é liberada se não tiver um atestado de vistoria do Corpo de Bombeiros. Nenhuma edificação, com exceção de residência, é aprovada pela prefeitura, tem seu alvará, se não tiver a aprovação do Corpo de Bombeiros, né? Então, atividades técnicas é o setor que faz todo esse trabalho.”*

O COBOM (Comando de Operações do Bombeiro) é outra área do quartel, que constitui a unidade operacional da companhia e tem por função organizar todo o trabalho de atendimento à população, sendo o local onde são recebidas as chamadas telefônicas, efetuados os cadastros no sistema - a fim de facilitar ocorrências futuras - e lugar onde são acionadas as sirenes de alarme, de acordo com o tipo de acontecimento. Os bombeiros que atuam no COBOM têm também a função de transmitir, via rádio, todas as informações necessárias e úteis aos socorristas e resgatistas<sup>47</sup> - o tipo de ocorrência, o local, o caso, endereço -. A respeito da realização desta função e deste trabalho específico, *Adriano* afirma que a rotina

---

<sup>47</sup> Convém ressaltar que, o termo socorrista refere-se aos bombeiros que atendem socorros diversos, trabalhando com a viatura ASU, enquanto que a expressão resgatista, indica o profissional que realiza operações de resgates e trabalha no AR-04 (Comunicação pessoal, 26 de agosto de 2007).

*“... como operador do COBOM, chega no quartel, né? Faz, olha as ocorrências, o quê que foi de destaque no dia anterior, pra poder passar pro pessoal (mídia). [...] Daí tu faz a escala de serviço. O pessoal pega... a gente já tem a escala pronta, mas tem cadastrar todo dia no computador pra saber qual que tá no dia, né? E faz a escala e fica atendendo na emergência 193. Fica pegando solicitação, daí gera ocorrência e despacha as viaturas pra determinado local, passa certinho o endereço, o quê que se trata, depois de tirar ocorrência, eles já tão à caminho.”*

Os soldados, ao saírem em atendimentos ou para qualquer situação, devem informar, via rádio, o horário e a quilometragem exata das viaturas. Assim, em cada etapa do atendimento, eles passam sua posição para o atendente do COBOM, descrevendo sua chegada ao local da emergência, o deslocamento ao hospital (quando é necessário encaminhar), o momento em que chegam ao pronto-socorro, a saída do hospital e o retorno ao quartel, sendo que, para a transmissão destes dados, são utilizados códigos próprios do regime militar. Ao operador do COBOM cabe lançar no sistema todas estas informações, com o objetivo de manter um banco de dados e ter acesso imediato a qualquer situação, caso haja dúvidas relativas à realização do processo.

Toda e qualquer atividade realizada pelos soldados deve ser devidamente cadastrada no sistema pelos socorristas, pelos resgatistas ou pelo operador do COBOM, com base nas fichas preenchidas no local da ocorrência, informando os detalhes relativos ao caso, que pode relacionar-se ao combate a incêndios, acidentes automobilísticos, atropelamentos, retirada de animais peçonhentos, exterminação de abelhas, casos clínicos, com possíveis encaminhamentos ao hospital; palestras, instrução. entre outros serviços referentes ao trabalho do bombeiro.

Os soldados entrevistados afirmam que, este processo visa à prevenção de futuras reclamações da população e, inclusive, de processos penais, pois ao possuírem todos os horários devidamente registrados no seu sistema, podem comprovar se o tempo que levaram para realizar o atendimento foi condizente com a distância e com a situação apresentada, tendo assim, argumentos para defender-se. Porém, pode-se perceber aqui, uma estratégia sutil de controle via instrumentos tecnológicos, uma vez que sempre é possível saber onde cada viatura e os profissionais encontram-se, bem como as atividades que estão realizando. Com relação a isto

Chanlat (2002, p.5) diz que “a chegada de novas tecnologias da informação parece ter tido como consequência produzir um sentimento de maior controle da hierarquia”.

A este respeito Sato (2002a) vem esclarecer que sempre houve formas de vigiar e controlar os trabalhadores, porém, na contemporaneidade, há o predomínio de métodos “modernos” de controle da força produtiva, os quais utilizam estratégias disciplinares mais tênues e imperceptíveis. Chanlat (2002), também compartilha desta opinião, ao destacar que estas técnicas primam pela sutileza, fazendo, inclusive, uso da tecnologia. Porém, Sato (2002a) enfatiza que estas táticas, apesar de serem mais sub-reptícias, continuam legitimando a dominação e exploração, buscando esquadrihar, vigiar e exaurir ao máximo as potencialidades do trabalhador, a fim de melhor atender as demandas do capital<sup>48</sup>.

É importante lembrar que, outra maneira de maximizar as capacidades produtivas do trabalhador é a divisão do trabalho por turnos. Deste modo, o horário de trabalho dos bombeiros segue uma ordenação em turnos de plantão, sendo que os soldados e cabos (socorristas, resgatistas e combatentes<sup>49</sup>), trabalham durante um período de 24 (vinte e quatro) horas e folgam as 48 (quarenta e oito) horas seguintes. Já os níveis superiores (sargentos, tenente e capitão) e os profissionais dos setores administrativos, fazem o horário de “*expediente*”, ou seja, das 13 horas às 19 horas, de segunda a sexta-feira, atuando nas seções denominadas B1, B2 e B3, as quais já foram apresentadas. Porém, estes profissionais precisam “*tirar serviço*” – expressão utilizada pelos bombeiros ao referir-se ao trabalho – a cada seis dias de trabalho, realizando um plantão de 24 (vinte e quatro) horas consecutivas. Deste modo, todos os bombeiros, mesmo os oficiais, acabam atuando no serviço operacional, atendendo às ocorrências emergenciais.

A respeito do trabalho em turnos, Guimarães e Provazi (2004) afirmam que, ele está presente nas formas de organização de trabalho desde o princípio da vida social, mantendo-se até os dias atuais em função das razões econômicas e tecnológicas do sistema de produção. Apesar de ser útil e até mesmo imprescindível ao processo produtivo, as autoras destacam que esta forma de organizar o trabalho pode implicar de modo negativo sobre as relações sociais e familiares dos trabalhadores, constituindo-se, inclusive, como um fator de risco à saúde dos profissionais, bem como à realização de suas tarefas. Borsoi (2007, p.112) concorda com as premissas apresentadas

---

<sup>48</sup> A articulação de novas e antigas estratégias de controle também emerge na análise do cotidiano de trabalho dos bombeiros, tal como será discutido no capítulo subsequente (7).

<sup>49</sup> O termo “Combatente” é utilizado para designar aquele bombeiro que possui treinamento específico no Combate à incêndio, como todos os profissionais desta área, mas exerce essa função de modo mais específico que os demais, buscando um aperfeiçoamento maior nessa atividade.

ao ressaltar que com este modelo de ordenação, os prejuízos aos profissionais podem ser os mais diversificados, indo “desde a imposição de um determinado reordenamento sociotemporal da própria vida, implicando alterações de ritmos de sono, vida familiar e social... até a constituição de determinada fragilidade corporal, que pode se expressar em mal-estares...”

A respeito destas considerações sobre o trabalho por turnos, a maioria dos bombeiros entrevistados diz que não se incomodam com os turnos ou com os horários de trabalho.

*“É, tem que tirar escala 24/48. Eu sempre preferi essa. Tem a opção do expediente, né? Como o [...] foi pro expediente, mas eu prefiro 24/48. Já me acostumei. Eu acho boa, tem 2 dias que pode ficar de folga, pode curtir a família nesses dois dias.”(Ricardo)*

*“É bom. Pra mim é um ótimo horário, né? Trabalha essas 24 horas, depois tem as 48 de folga. Dá pra descansar, dá pra... Viver tranqüilo e vir pro serviço tranqüilamente. É um horário bom”. (Adriano)*

Adriano afirma também que, quando eles têm algum compromisso – festa ou algo do gênero – no dia em que precisam trabalhar, eles estudam a possibilidade de trocar de serviço com outro bombeiro e, com a devida permissão do Comando, realizam esta permuta de dia de trabalho.

Mike, ressalta que, às vezes, o fato incomoda mais as pessoas próximas a ele, pois

*“... Às vezes quer que eu passe um final de semana lá - Ah, mas não posso trocar serviço, por isso, isso e isso. Não pode virar 48, aí tem uma série de coisas. Daí diz:”-Pô, como é que tu agüenta?”Mas, foi isso que eu escolhi pra mim e tenho que me adaptar”.*

Esta fala corrobora com as afirmações tecidas por Guimarães e Provazi (2004) sobre as implicações do trabalho por turnos na vida doméstica do trabalhador, uma vez que os familiares podem ressentir-se com as ausências prolongadas da pessoa, ou ainda em datas comemorativas e ocasiões especiais. Gustavo, que atualmente trabalha no serviço burocrático, e, portanto, segue a escala de “*expediente*”, tendo horários mais regulares, coloca que

*“A minha esposa, ela se adaptou de certa forma, se obrigou, mas, claro ela tá mais contente agora que eu não to tão no ritmo, né? [...] Trabalha um dia e folga 2, nesse ritmo aí. [...] Tudo é questão de costume, né?Sabe que o nosso serviço é esse e tem que se adaptar.”*

O mesmo sujeito também afirma ter mudado de função devido ao horário diferenciado que a área burocrática tem, pois

*“o que eu gosto é de trabalhar no operacional, mas o problema são os horários [...] Hoje to trabalhando no expediente e a cada 6 dias de expediente, no sexto dia no caso, eu faço às 24 horas de guarnição [...] O bom é que toda noite eu posso ir pra casa, não tem que ficar... O que é mais complicado no nosso serviço é a noite. A noite pra mim aqui é um inferno, não consigo mais nem dormir aqui.”*

Apesar das considerações tecidas, as autoras citadas enfatizam ainda que “encontram-se, também, trabalhadores que estão satisfatoriamente adaptados ao sistema de turnos não evidenciando maiores problemas...” (Guimarães & Provazi, 2004, p. 185). E este parece ser o caso dos bombeiros deste campo de estudo, pois, além de *Gustavo*, os entrevistados não evidenciaram nenhum desconforto, problema sério ou doença resultante do horário de trabalho e este, que estava descontente, procurou mudar sua situação trocando de horário, obtendo assim êxito em seu intento.

Com relação a estes aspectos, merece destaque o fato de que os bombeiros podem dormir durante o turno de trabalho – fardados e prontos para qualquer acontecimento -, sendo despertados pelo toque dos alarmes que sinalizam as ocorrências. Assim, não há necessidade deles permanecerem acordados e vigilantes, à mercê das situações, podendo descansar enquanto esperam. Desta forma, podem evitar uma das conseqüências do trabalho por turnos que é o cansaço e os “cochilos” durante o horário de trabalho, o que tende a diminuir a produtividade e aumentar o risco de acidentes. Como os bombeiros trabalham em prol da vida e da saúde humana, eles precisam estar descansados e atentos à realização de suas funções, a fim de evitar repercussões fatais.

De modo geral, o trabalho por turnos justifica-se tendo em vista o ganho econômico das organizações, através da produtividade incessante e contínua. Entretanto, no caso do Corpo de Bombeiros, (como vários outros serviços ligados à saúde e segurança) esta realidade é vivenciada em função das exigências de sua atividade laboral, isto é, as demandas atendidas não escolhem hora para acontecer e a população pode necessitar de sua intervenção em qualquer hora do dia ou da noite. Deste modo, uma das principais alternativas previstas para sua atuação profissional, é exatamente o trabalho por turnos e parece ser esta percepção, aliada aos benefícios da profissão, o

que faz com que os bombeiros, em sua maioria, sintam-se satisfeitos com seus horários de trabalho, afirmando não deixar isso implicar de modo negativo sobre sua saúde e nem sobre a realização de suas funções.

*“Eu acho bom! Porque, assim, eu gosto o dia que tem bombeiro também, né? Eu gosto de ficar me casa com minha família, adoro também, mas também o dia que tem que trabalhar eu venho contente, e não, tem gente que: “Ah! Amanhã tem que trabalhar!” Eu gosto, eu venho contente...” (Ricardo)*

*“Minhas 24 horas são plenamente gratificantes”. (Mike)*

As palavras de César corroboram as opiniões de seus colegas, bem como as afirmações tecidas acima, porém, vêm apontar um aspecto negativo e demonstrar que, em comparação com outros serviços de atendimentos a emergências, a escala de trabalho dos bombeiros poderia ser diferenciada e ter um pouco mais de benefícios, pois ele acredita que eles deveriam

*“Fazer uma escala, tipo a polícia rodoviária federal. Eles trabalham 24 horas e folgam 72. O que seria a escala certa, certo? Só nesse aspecto, porque o resto não tem o que... nem o que discutir”.*

A este respeito, convém lembrar que a ordenação da força de trabalho é marcada por alguns elementos determinantes para sua configuração, sendo que “uns são instrumentos habituais de que o capital se serve para estabelecer a organização social do trabalho [...]” (Minayo, 1985, p.71). Assim, no quartel do Corpo de Bombeiros de Rio do Sul, entre os meios utilizados para organizar os trabalhadores, além da divisão por turnos, têm-se a classificação hierárquica de tarefas e funções - que pressupõe lideranças e subordinados -, ambos os métodos característicos do capitalismo. Entretanto, todo este processo encontra-se estruturado a partir das premissas do militarismo, regime embasado numa disciplina rígida e em uma categorização hierárquica marcante, “... as quais remontam, no Brasil, ao Império, e são caracterizadas por rituais (continência, marchas, fardas, etc.) e punições (prisões)...” (Moreira et al, 1999, p.27).

A militarização possui como característica fundamental a hierarquia, a qual se encontra permeada por situações de desigualdade de condições e cria níveis distintos de dignidade entre os sujeitos ao tornar restrita a ascensão a escalões superiores, além de ser marcada pelo exercício indiscriminado do poder (Silva, 1998). A disciplina efetuada pelo regime militar atua segundo

Foucault (1991, p.159), como instância repressora do tempo, dos modos de ser, das atividades desempenhadas, sendo usada concomitantemente como forma de punição, através de “toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e pequenas humilhações”.

A separação por hierarquias é inerente ao militarismo, porém, o capitalismo, ainda nos seus primórdios, apropria-se deste modelo segregador, o qual possibilita o estabelecimento de divisões e classificações variadas entre os trabalhadores, elencadas a partir de cargos, funções e locais (Moreira et al, 1999). O Corpo de Bombeiros, por ser, além de militar uma instituição pública, segue esta ordem hierárquica - embasada em patentes - através da qual pode-se supor inúmeras relações de poder. Assim, as formações dos grupos hierárquicos levam ao surgimento de certas características particulares, as quais devem ser consideradas ao estudar-se as organizações que apresentam esta configuração, uma vez que as regras de convivência e ideais que permeiam as relações de trabalho têm implicações marcantes sobre seus integrantes.

Ao ingressar em uma instituição regida pelos pressupostos militares, os sujeitos, geralmente, são pressionados a destituírem-se de suas crenças e valores e a adotarem os prescritos pela organização, em seus regulamentos. Esta situação traz implicações para a vida pessoal e convivência social dos sujeitos, fato ilustrado pela fala de *Mike*

*“Eu achava errado. Lá eu via muito o pessoal não tá nem ai, chegava lá barbudo e tal. (Referindo-se ao tempo em que era bombeiro comunitário). Pô, se tu tá trabalhando numa instituição militar o mínimo que tu podes fazer é tentar se adequar àquela instituição...” (Mike)*

A partir de uma pesquisa realizada com bombeiros da cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Monteiro et al. (2007, p.559) apresentam um exemplo a respeito do regime militar que ilustra bem essa situação, pois

(...) um bombeiro falou que em empresas privadas, o empregado é chamado “colaborador”, alguém que, de alguma forma, está envolvido com um negócio de uma perspectiva que não só a de produzir. No regime militar, o empregado é chamado “servidor”, alguém que, como já diz o termo, está implicado em sempre servir.

Os soldados entrevistados no decorrer desta pesquisa, entretanto, afirmam que a convivência com as regras militares não é problema para eles, pois estão habituados com este convívio. Neste sentido, os sujeitos afirmam que têm que

*“... lidar com essas regras, com essas normas. A gente vai se preparando, já que é uma questão de mais respeito, né? Mas assim, é normal, depois que tu aprende, que tu aprende como lidar né? Se torna normal.”(Adriano)*

*“... é uma vida que eu escolhi se por acaso eu não tivesse gostado, eu tive a oportunidade, como eu te falei, de me formar em outra área, eu teria pedido a baixa e teria ido embora...” (Luciano)*

Estas falas revelam uma assimilação das normas inerentes ao militarismo pelos bombeiros, pois, através do convívio constante “isso reifica-se como algo eterno, dado, imutável, que lhe advém da própria incorporação à...” (Minayo, 1985, p.100) instituição. Assim, ao tornar-se um bombeiro, os sujeitos vão adquirindo noções acerca da realidade militar, vendo suas normas e determinações como algo intrínseco ao seu trabalho. As palavras de *Mike* corroboram com esta posição, uma vez que, por ter sido bombeiro comunitário antes de tornar-se militar, já foi habituando-se às regras instituídas, mesmo ao não concordar com algumas delas.

*“... foi isso que eu escolhi pra mim e tenho que me adaptar... Claro que tem muita coisinha que a gente acha que não é preciso, que é muito babadinho, só que fazer o que? É uma instituição que vem de anos assim e ta funcionando, então? A gente acaba se acostumando, então, é uma coisa ou outra que, de repente a gente não acha certa, a gente acaba entrando no sistema e dançando conforme a música e se acostuma e acaba achando certo pelo costume”.*

Segundo Marx (1985) o poder e o controle têm como um de seus objetivos maximizar a força produtiva dos sujeitos, visando obter maior exploração de suas capacidades. Por sua ação, busca-se o aniquilamento de revoltas e do desenvolvimento de uma compreensão crítica contra ele, impregnando quem é vigiado de tal modo, que este adquire a visão de quem o olha, tomando como suas as idéias difundidas cotidiana e ideologicamente. Foucault (1991, p.118) analisa essa situação ao trazer “a noção de docilidade” dos corpos, cuja finalidade é a execução de um controle intenso e ininterrupto sobre o corpo do indivíduo, visando à submissão, o aperfeiçoamento e o manejo máximo de suas aptidões, tornando-o assim manipulável, útil e dócil, produto do saber e



do poder. Talvez estes princípios sirvam de explicação sobre os motivos pelos quais os bombeiros encontram-se “adaptados” às regras militares, ou seja, por estarem impregnados com suas premissas de tal forma que sua organização não lhes provoque mais reações e manifestações contrárias.

As questões apresentadas *Ghandi* vêm sobremaneira ao encontro destas concepções, pois ele afirma que, por ter estudado em colégio militar, desde cedo passou a vivenciar essa realidade. Assim,

*“Com quinze anos de idade eu tava com uma “fardinha”, vamos dizer assim, né? Eu ficava lá em forma, as continências... então, isso aí, quer não queira, esses rituais aí, de militar é o que deixa o cara mais, né? Mas, é uma verdade, deixa o cara mais, assim, “reto”, né? Tu não vê muitas vezes pro lado, né? Tu não vê o que tá a tua volta e tal e fica mais, sei lá o termo exato pra isso...”*

Com base neste depoimento, pode-se perceber que pela ação doutrinante do sistema militar, aliada a atuações disciplinares contínuas, o corpo do sujeito tende a permanecer preso no interior de estreitos poderes, os quais impõem-lhe proibições, limitações ou obrigações, implicando em uma

(...) coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de as “disciplinas” (Foucault, 1991, p.126).

A partir dessas concepções, é possível analisar o projeto Bombeiro Mirim desenvolvido no quartel<sup>50</sup>, que treina crianças e adolescentes para o exercício profissional do

---

<sup>50</sup> Conforme explicações contidas na página 82.

bombeiro. Assim, ao estarem inseridos nesse contexto de trabalho, as regras e normas derivadas do militarismo também são transmitidas e exigidas desses “pequenos bombeiros”, vindo a “impregná-los” com suas premissas e determinações. Pelas palavras de *Ghandi* proferidas acima, pode-se perceber o quanto os rituais militares são constituintes e implicam sobre a constituição dos sujeitos, contribuindo, conforme Foucault (1991), para a “docilização” de seus corpos.

O Corpo de Bombeiros, portanto, encontra-se organizado de forma a manter a ordem e a disciplina, visando ao alcance de seus objetivos primordiais. Deste modo, estrutura e legitima estratégias a fim de organizar seu processo de trabalho, para tanto utiliza autoridade, poder exacerbado e punições, sistemas comuns às técnicas de administração militares. Porém, no decorrer da pesquisa, pode-se perceber a busca para articular e administrar as normas internas à corporação, com as vicissitudes do contexto no qual se encontram inseridos. *Ghandi* exemplifica estas questões quando comenta a rigidez do regime militar, afirmando que

*“hoje em dia não é tanto assim, ninguém é tão tolo assim, pra ser soldadinho de chumbo... Ah! Faz isso, né?... Pelo menos eu tenho visto o nosso estatuto e tal. O regulamento fala que a gente não pode cumprir uma ordem que é absurda, né?”*

É evidente o paradoxo existente nesta questão organizacional, pois, apesar de encontrarem-se sob a lógica do militarismo – e estarem acostumados com esta submissão, como foi percebido nas entrevistas -, pode-se observar o empenho sistemático dos administradores do quartel em implementar estratégias e técnicas de gerenciamento mais contemporâneas, flexíveis e condizentes com o contexto atual e com as características apresentadas pelos sujeitos, conforme as palavras de *Ghandi*. Assim, apesar de seguirem as premissas e o regulamento militar, percebe-se certa flexibilização em suas normas e regras. *Gustavo* ilustra esta situação quando diz que:

*“Já estive muito pior, hoje tá um nível muito bom de trabalho, até com os superiores, está uma coisa bem mais, menos militarizada, né? Porque antigamente, quando a gente entrou era um militarismo muito rígido, né? Hoje não, hoje é uma coisa mais light. O comandante vai em festa com a gente. Antigamente, soldado era soldado e ninguém se misturava. Porque os oficiais não se misturavam com os soldados, os sargentos... Hoje não,... mudou bastante e mudou pra melhor.”*

*Luciano* corrobora estas opiniões sobre as mudanças ocorridas no modelo de gestão, apesar do militarismo, ao declarar que:

*“Eu tenho quatorze anos de bombeiro, então eu vi a evolução da... [...] Antigamente era mais difícil, a gente não tinha acesso, né? O livre acesso, assim com os comandantes, com os tenentes. E hoje é bem fácil [...]. a gente chegar e conversar, expor algum problema. Nem sempre tu é atendido, por que da mesma forma que eu exerço um função, ele também exerce a dele e também não vai poder fazer tudo o que a gente pede. Mas pelo menos chega ali e ouvir a gente[...] eu acho que é[...] bem tranqüilo.”*

E o mesmo sujeito ainda estabelece comparação com as empresas privadas que seguem normas próprias do mundo corporativo e que muitas vezes possuem um regime disciplinar e hierárquico tão rígido e estático quanto o militarismo, pois segundo ele,

*“Então hoje, se um soldado quiser vim aqui conversar comigo, ele vem a porta ta sempre aberta. Já numa empresa, dificilmente ele vai chegar num gerente, ou num dono da empresa, que no caso, seria um comparativo, por exemplo, seria um tenente aqui, e chegar, conforme a liberdade que eles têm hoje para vim conversar... Também, um comparativo com as empresas [...]hoje as empresas estão tão rígidas ou mais, do que a hierarquia e disciplina militar”.*

Segundo este entrevistado, o Corpo de Bombeiros militar segue um estatuto e um regulamento, ainda derivado de sua antiga associação com a polícia militar, denominado Regulamento Disciplinar da Polícia Militar de Santa Catarina – RDPMSC -, o qual determina as regras, normas e punições, além de ditar procedimentos éticos. A partir deste documento regulamentar, Luciano diz que

*“A gente pode ser advertido, repreendido, ou até mesmo ficar preso. Só que para acontecer essas três coisas, a pessoa realmente, tem que... é[...] incidir muitas vezes no mesmo erro pra ser preso, por exemplo. Então, diferente de tempos atrás”.*

Este é outro fato que também demonstra uma espécie de “adequação” à realidade contemporânea, onde os direitos humanos dos sujeitos são destacados constantemente. Assim, percebe-se, através desta fala e de outras que, no Corpo de Bombeiros em questão, não há tanto abuso de poder e autoridade comuns ao militarismo, sendo que os bombeiros podem, inclusive, defender-se legalmente das acusações relativas ao seu exercício profissional, utilizando os serviços de um advogado. Também se observa uma flexibilização do regulamento e suas sanções,

principalmente a partir da separação da polícia militar. Neste sentido *Luciano* diz que já existe um projeto propondo alterações e a criação de um Regulamento específico para os bombeiros militares, que está em processo de aprovação na Assembléia Legislativa, pois o atual

*“... ele é de 1980, então ele tem muita coisa que já ta ultrapassada, né? Mas a gente ainda responde pela RDPMSC da polícia militar. Mas tem um projeto de lei que quer reformular a ele e quer tirar a privação da liberdade, por exemplo, a prisão não existir mais, né? Porque a gente sabe que se o cara está preso ele tem que ter cometido um crime ...”*

Tal flexibilização de normas, posturas adotadas pelas chefias e similaridade de condições de trabalho dos bombeiros sob o regime militar, também foi observada no estudo realizado por Monteiro et al (2007) a respeito desta categoria profissional. Entretanto, estes autores afirmam que “ao mesmo tempo em que muitos oficiais do comando procuram evoluir e buscar um relacionamento mais aberto com a corporação como um todo, muitas regras e burocracias do funcionamento institucional permanecem iguais há anos” (Monteiro et al, 2007, p.563). Este fato corrobora com a necessidade premente de uma reformulação no regulamento, a fim de adequá-lo da melhor maneira possível à realidade contemporânea.

Sobre as considerações tecidas até aqui, pode-se remeter a Foucault (1979), quando ele destaca que o sistema capitalista não conseguiria manter-se até hoje utilizando apenas a coerção e repressão. Segundo este autor, o poder - que perpassa todas as relações e modos de produção - constituiu como agente fundamental do capitalismo, uma vez que apresenta a capacidade de adestrar e orientar os sujeitos, porém, assume as características específicas de cada época e dos diversos tipos e intenções de dominar. Neste contexto, Coutinho (2006) salienta que diferentes formas de controle são desenvolvidas na contemporaneidade, passando a conviver em simultaneidade no interior de uma mesma organização, variando em função dos objetivos, dos espaços e dos trabalhadores imbricados no processo. Elas incluem desde os modos mais clássicos e formais de coação até o desenvolvimento de uma linguagem constante, a qual leva o sujeito a apropriar-se de tal modo das concepções que o controle exercido passa a ser tido como algo “natural”, inerente àquela instituição ou a si mesmo<sup>51</sup>. A fala do sujeito *Adriano* vem ao encontro destas concepções, pois ele diz que

---

<sup>51</sup> Convém destacar que, esta discussão será desenvolvida de forma mais específica e profunda no item 7.1, referente ao cotidiano de trabalho, uma vez que as estratégias de controle encontram-se expressas na capilaridade, nas relações cotidianas. Aqui, apenas fez-se referência a esta idéia, tendo em vista sua consonância com o assunto desenvolvido.

*“Na escola também tu vai se habituando, sabe? Eles te dão toda aquela preparação que não é que nem na vida de civil né? Quartel militar é uma vida que tem mais regras assim, né? Não é como a vida civil, mas a gente já fica... Já é preparado na escola pra saber como tem que se comportar, né?”*

Pode-se perceber que a organização disciplinar do quartel, como em qualquer empresa privada, segue normas e regras próprias, necessárias ao seu funcionamento. Porém, o militarismo, regime antigo, rígido e frequentemente visto como arcaico repressivo e coercitivo (Silva, 1998), como modo de organização do trabalho, é tido pela maioria dos bombeiros como importante e necessário ao desenvolvimento eficiente de suas funções. Segundo *Mozzart* isso acontece

*“Porque dentro da hierarquia militar a coisa funciona muito melhor, na questão de respeito, na questão de, por exemplo, de você ter que responder, ter que fazer o que tem que fazer, nessa parte funciona bem, muito melhor do que fosse uma instituição civil,[...] Só que eu digo sempre o seguinte, além de militares nós somos profissionais, então, nós temos que ser respeitados como profissionais.”*

Estas palavras indicam as “vantagens” do regime militar vistas pelos bombeiros, fato que também expressa e remete à “docilização” dos corpos (Foucault, 1991), conforme já apontado anteriormente. Apesar disto, pode-se perceber na fala de *Mozzart*, bem como nas apresentadas abaixo, as contradições existentes no modo como os sujeitos da pesquisa significam o militarismo, uma vez que para *Mozzart* ele “*funciona bem*”, porém, para *Ghandi* e *Ricardo*, respectivamente, ele “*não tem coerência*” e até “*atrapalha um pouco*”.

Neste sentido, as palavras de *Ghandi* vêm demonstrar que, como a maioria dos métodos de gestão e disciplina, o regime militar apresenta pontos negativos, onde as normas precisam ser regamente cumpridas e as prioridades e prazos são estabelecidos, muitas vezes hierarquicamente, devendo ser respeitado, independente da opinião dos trabalhadores. De acordo com este sujeito

*“... tem coisas assim que não entram na minha cabeça, não é que não entra na minha cabeça, mas é que, pô! Não tem coerência, não tem, dizem: “– Não, tem que fazer e pronto! É pra ontem!”*

*Ghandi* destaca, assim, o caráter impositivo que o regime militar frequentemente apresenta, definindo e estabelecendo rotinas, regras, organizações e procedimentos. Pode-se perceber, a partir destas compreensões, que o militarismo ora é visto pelos sujeitos como útil e

adequados às necessidades laborais, ora é tido como impositivo, limitador, burocrático e arbitrário. Porém, no decorrer das entrevistas, foi possível observar o cuidado e a sutileza que os sujeitos tiveram ao criticá-lo, fazendo referências mais tênues e veladas, enquanto que a defesa deste sistema foi efetuada de forma mais expansiva e explícita, o que demonstra receio em expor suas opiniões e ser, de alguma maneira, penalizados. As palavras de *Ricardo* exemplificam estes aspectos paradoxais:

*“O militarismo, às vezes, ele atrapalha um pouco. Às vezes, põe ordem por um lado, mas por outro ele atrapalha, quando demora muito as coisas, uma burocracia, né?”*

A este respeito, é importante destacar que a organização burocrática é uma característica que aparece em vários setores do serviço público, inclusive nos não militares. Assim, ela não pode ser atribuída somente a este tipo de instituição, pois é utilizada por diversas instâncias. Esta ocorrência é apresentada por Weber (1971 como citado em Chanlat, 2002, p.3), quando afirma que em determinado momento histórico “a burocracia se impõe pelo fato de atender às exigências de uma sociedade racional movida ao mesmo tempo por imperativos de eficiência e imperativos democráticos (a igualdade de todos diante da lei e dos serviços)” (Chanlat, 2002, p.3). Segundo este autor, ela ancora-se em princípios como integridade, imparcialidade, saber, competência e na ética do bem-comum<sup>52</sup>, sendo largamente empregada pelas esferas públicas ao ter - quando utilizada segundo os seus princípios éticos - grande serventia nos processos organizacionais.

O regime militar, conforme enfatizado por *Ricardo*, encontra-se, assim, permeado pelas premissas burocráticas. Entretanto, ao realizar uma análise mais aprofundada, pode-se perceber certa incompatibilidade entre os princípios defendidos pela burocracia e aqueles utilizados pelo militarismo, pois, apesar de possuir regras e normas comuns a todos os militares e visar o “bem-comum”, este modelo preconiza a diferenciação de direitos e deveres a partir das patentes hierárquicas que cada profissional possui, fugindo, assim, dos preceitos burocráticos de igualdade de condições. Talvez por este motivo ela tenha a tendência a ser vista como um

---

<sup>52</sup> Sobre a ética do bem-comum, Chanlat (2002, p.3) destaca que ela caracteriza-se pela “riqueza comum” e estabelece direitos igualitários, tanto no plano material, quanto no imaterial, a todos os cidadãos. A partir das premissas deste conceito, busca-se realizar o mesmo tratamento a todos os cidadãos, independente de classe social, cor, credo, condições financeiras, etc... A ética do bem-comum é apresentada novamente e ilustrada com a realidade dos bombeiros no decorrer deste estudo.

“entreve” ao desenvolvimento do processo de trabalho, ao ser utilizado de forma arbitrária e contrária às próprias premissas, mais em conformidade com o modelo militar.

O fato é que as vivências sob o regime militar - independente do ângulo em que ele é visto pelos sujeitos - de uma forma ou de outra vão implicar sobre os trabalhadores e seus modos de ser, atuando na maneira como eles estabelecem relações, bem como no modo como dão sentido ao mundo e ao seu trabalho. Principalmente, porque o militarismo tende a ser perpassado por uma idealização de sujeito embasada em princípios rigorosos, com condutas e comportamentos firmes, poderosos, envolto por fardas e atos padronizados, evocando o homem sério, forte, corajoso, fechado a demonstrações de afeto e fraqueza (Silva, 1998). Na corporação de Rio do Sul, como já mencionado, estas normatizações são transmitidas e cobradas, inclusive para os civis, através dos projetos desenvolvidos no quartel, como o de Bombeiro Mirim e o Bombeiro Comunitário, o que faz com que os sujeitos participantes vão apropriando-se e adquirindo noções acerca da realidade militar.

Neste sentido, os entrevistados destacam que além do desenvolvimento das funções pertinentes e pré-estabelecidas em legislações específicas ao ofício do bombeiro, eles encontram-se envolvidos nestes outros projetos desenvolvidos no quartel. Assim, lembram que, em 1991, o quartel de Rio do Sul deu início ao Projeto Bombeiro Mirim, do qual participam crianças entre 12 (doze) e 14 (quatorze) anos de idade com o objetivo específico de aprenderem sobre as Atividades Preventivas, Combate a Incêndio e Atendimento Pré-Hospitalar, visando também o fortalecimento das ações voltadas para prevenções contra acidentes diversos e a conscientização de sua necessidade e importância. Os bombeiros enfatizam que desde a fundação até os dias atuais, já foram formadas 575 (quinhentos e setenta e cinco) crianças no Curso de Bombeiro Mirim que, além de receberem as orientações específicas sobre o trabalho do bombeiro, são instruídos para o exercício da cidadania.

Os entrevistados contam também, que no ano de 2004 teve início o Projeto Bombeiro Comunitário, cujo objetivo é capacitar pessoas da comunidade para atuarem, de forma voluntária junto aos Bombeiros Militares da cidade, realizando atividades pertinentes a esta profissão, tais como: primeiros-socorros, combate a incêndio, resgate veicular, entre outras. Desde sua implantação, já foram formadas 93 (noventa e três) pessoas, sendo o efetivo ativo, um total de 73 (setenta e três) Bombeiros Comunitários, os quais, após a formatura, comprometem-se a trabalhar

no quartel, como subordinados aos militares e sem remuneração, por um período de vinte e quatro horas mensais, conforme sua disponibilidade.<sup>53</sup>

Um fato constantemente destacado pelos profissionais no decorrer das entrevistas, é que o projeto acima se fez necessário frente à insuficiência de bombeiros efetivos. Assim, as palavras de *Ricardo*, destacam o papel que os bombeiros comunitários representam para a instituição, pois:

*“Precisaria mais, um pouco mais de soldados... A gente tá dependendo dos voluntários, que eram só um apoio, hoje a gente depende deles?”*

Conforme *Luciano*:

*“o efetivo nosso é pouco, estamos [...] com deficiência de efetivos... Deveria ter no mínimo vinte pessoas trabalhando no operacional hoje, né? E trabalha com onze, com oito...”*

*Gustavo* corrobora com esta necessidade quando afirma que, o que poderia ser melhor em seu trabalho está relacionado exatamente ao número de profissionais.

*“Poderia ter mais efetivo, nós estamos trabalhando com poucas pessoas, devia ter mais pessoas pra trabalhar, pra ter uma guarnição mais completa, pra ter um, de certa forma, um atendimento melhor. Hoje, a nossa sorte é esses bombeiros comunitários que vem ai de vez em quando e tiram algumas horas e tal. Às vezes nós chegamos a ter que baixar uma viatura, deixar ela parada por falta de pessoal. Então o que é muito complicado é falta de pessoal para o trabalho. Isso complica”.*

E *Luciano* conclui dizendo,

*“Então, o efetivo, acho que é o calcanhar de Aquiles para a guarnição aqui de Rio do Sul.”*

Observa-se que, apesar do quartel de Rio do Sul servir como referência em termos de condições materiais e de qualidade no atendimento – conforme já pontuado – também possui alguns problemas, sendo que o número de funcionários efetivos, definitivamente, é um deles. Esta situação singular da corporação, porém, contempla um contexto social mais amplo, no qual, em

---

<sup>53</sup> Convém enfatizar, a existência, em alguns municípios do Estado, de bombeiros voluntários, sendo que estes têm seu trabalho remunerado, diferindo assim, dos comunitários – que realizam o trabalho gratuitamente - e fugindo ao sentido do termo ligado ao voluntariado. Estas informações foram disponibilizadas em campo através de conversas informais com os bombeiros.



detrimento das alterações nos contextos de trabalho e da crescente “invasão” das premissas do setor privado nos setores públicos, a tendência é que ocorra uma redução no número de funcionários e, conseqüentemente, um aumento no nível de trabalho destes sujeitos, fato que pode prejudicar o atendimento à população (Chanlat, 2002).

Por ser uma instituição pública, a solução destas dificuldades encontra-se além do alcance da administração local, uma vez que o aumento do quadro de profissionais depende de concursos, os quais são disponibilizados pelo Governo Estadual. Aqui é necessário lembrar também, que os recursos advindos do Fundo Municipal (FUNREBOM), podem ser utilizados apenas para a aquisição de materiais, instrumentos e veículos, sendo vetado seu emprego para outros fins, como o pagamento de funcionários. Porém, mesmo frente às impossibilidades, estes profissionais buscam estratégias para suprir suas necessidades operacionais, como no caso da concretização do projeto Bombeiro Comunitário.

Segundo Chanlat (2002, p.1) “o Estado cumpre sempre funções centrais na vida coletiva mesmo no contexto de liberalização que conhecemos...”. Deste modo, ao estarem inseridos numa realidade de trabalho subordinada ao Estado, os bombeiros precisam seguir suas premissas, porém buscam encontrar formas diferenciadas de suprir certas necessidades laborais dependentes de políticas públicas, como o caso da carência de funcionários. Assim, além do Projeto Bombeiro Comunitário, outra estratégia utilizada para solucionar a falta de trabalhadores, conforme já apresentado no decorrer deste capítulo, é a organização do trabalho em turnos e também a divisão destes sujeitos em diversas áreas operacionais, arranjadas de acordo com o serviço realizado.

Sabendo-se que, para compreender os trabalhadores e seus modos de significação é preciso conhecer e remeter a estas questões organizacionais e à sua abrangência na vida dos sujeitos, faz-se necessário considerar os métodos de ordenação do processo de trabalho e a cultura derivada das ações humanas nos contextos laborais. Destarte, no campo de estudo em questão, este conhecimento adquire fundamental importância, sobretudo, frente à heterogeneidade de atividades desempenhadas pelos bombeiros, bem como às peculiaridades que envolvem sua atuação profissional. Assim, o próximo capítulo, almeja descrever o cotidiano de trabalho destes trabalhadores, bem como apresentar suas especificidades, buscando compreender as exigências e vicissitudes de sua atuação profissional, as quais se encontram intimamente ligadas aos sentidos que eles conotam ao seu ofício.

## 7. O DIA-A-DIA DE UM “HERÓI”

*“Resta esse constante esforço para caminhar dentro do labirinto.  
Esse eterno levantar-se depois de cada queda.  
Essa busca de equilíbrio no fio da navalha.  
Essa terrível coragem diante do grande medo,  
E esse medo infantil de ter pequenas coragens.”*

*(Moraes, 2007, p.259)*

### 7.1 O cotidiano de trabalho dos bombeiros e suas exigências

Segundo Coutinho (2007), a configuração do cenário contemporâneo incita as empresas a buscarem modelos diferenciados de ordenação de seu processo produtivo e de gestão da força de trabalho. Esta realidade, conforme Chanlat (2002) acaba abrangendo tanto as organizações do setor privado, quanto as públicas. O Corpo de Bombeiros de Rio do Sul, caracterizado como uma organização pública apresenta diferenças e similaridades com as do setor privado, bem como limitações de atuação e características próprias, entretanto, também vivencia as premissas do contexto de produção atual e busca uma “acomodação” às suas prescrições. Assim, a classificação hierárquica e a ordenação em equipes de trabalho constituem-se como um modo de organizar o cotidiano de trabalho e seus profissionais.

Conforme as explicações tecidas no capítulo anterior, o serviço no quartel é desempenhado pelas guarnições de plantão, as quais se encontram subordinadas à autoridade de um Chefe de Socorro. Este profissional responde por tudo que acontece no decorrer do turno de trabalho e, de acordo com *Mozzart*,

*“O responsável por todo o andamento do serviço e do plantão é o chefe de socorro”.*

O mesmo entrevistado destaca ainda que, este profissional

*“[...] acompanha o movimento da guarnição o dia inteiro... inclusive, por exemplo, o chefe de socorro, quando ele sai do plantão ele tem que fazer um livro de parte, né? Que é o livro das atividades diárias, né? Então, ele que assina, ele eu vai dizer o que ocorre, as operações que ocorreram, quantas ocorrências deram, pra passar isso pro comando da unidade, sempre...”.*

Com relação a estes aspectos, Sato (2002a) embasa-se em Foucault (1979) para afirmar que as sociedades capitalistas, desde seus primórdios utilizam-se abundantemente de

técnicas e instrumentos para o controle dos sujeitos, o qual se encontra intimamente ligado ao poder em seus vários aspectos. Desta maneira, através da coerção, da autoridade e disciplina, procura-se a otimização do desempenho por meio da organização espacial, da individualização e do uso de mecanismos de gestão disciplinar dos corpos, os quais incidem sobre o desenvolvimento das ações pessoais e não apenas sobre o produto final de seu trabalho. A função do chefe de socorro, neste sentido, parece estar ligada a estas questões de supervisão e controle sobre os profissionais.

Conforme *Luciano*

*“Cada chefe de socorro tem seu estilo de trabalhar. Eu prefiro estar sempre com a guarnição, porque se ocorre algum problema lá, tem que ter alguém para dar suporte para eles. Então eu, como todo chefe de setor, estou aqui na minha sessão trabalhando, mas quando dá uma ocorrência eu saio sempre junto com as viaturas, em caso de acidente. Em casos clínicos não, porque só vai uma viatura, né?”*

A distribuição de tarefas, bem como a divisão em equipes de trabalho sob a supervisão de um “responsável”, remete aos modelos de ordenação da força de trabalho típicos do capitalismo. A este respeito, Chanlat (2002, p.5) destaca que “... uma fragmentação das equipes de trabalho não deixa de ter conseqüências sobre a qualidade das prestações efetuadas...”. Entretanto, no Corpo de Bombeiros, esta realidade não é perceptível, uma vez que cada membro do grupo - não apenas o Chefe de Socorro - possui uma visão global do serviço a ser realizado. Isto se deve ao fato de que, na escola de preparação, os bombeiros precisam passar por treinamentos em todos os setores de atendimento, somente após esta etapa eles podem especializar-se nas áreas com as quais possuem maior afinidade e interesse.

Com base nessas informações, pode-se concluir que o ofício do bombeiro, apesar de seguir os modelos de organização capitalistas, devido às suas peculiaridades e ao primar pela complexidade, não apresenta as características de fragmentação das atividades - na qual o trabalhador não possui conhecimento acerca do produto final de seu trabalho - típicas do capitalismo. Isto ocorre porque, apesar de cada bombeiro desempenhar funções e tarefas específicas, todos possuem conhecimento geral do processo, sabendo como ele se desenvolve e tendo, inclusive, possibilidades de auxiliar em vários momentos e atividades. Conforme *Adriano*

*“Bombeiro tem que ser um tem que ajudar o outro, né? É um serviço em conjunto. Que nem uma engrenagem, cada um tem que ajudar o outro”.*

É possível notar aqui que, apesar da rígida separação hierárquica e da disciplina imposta pelo regime militar, uma das estratégias de organização do cotidiano de trabalho dos bombeiros constitui-se exatamente pelas características de cooperação e mútua-ajuda, uma vez que elas são imprescindíveis à realização das funções desempenhadas. Assim, a despeito de estarem divididos em equipes e exercerem funções específicas – socorristas, resgatistas, combatentes, motoristas, mergulhadores – a profissão bombeiro abrange o conhecimento, interesse e a atuação em todas as suas áreas, conforme as necessidades e em consonância com as metas a serem alcançadas.

*Mozzart* esclarece um pouco mais estas questões quando diz que é preciso preparo para exercer as funções. Segundo ele

*“... a gente faz curso em todas as áreas. Todos os cursos que tem na área de bombeiro tu tens possibilidades de fazer. [...] até porque quando você está à frente da tropa, quando você está como chefe de socorro, você tem que saber o que que o pessoal está fazendo e saber como fazer, né? Você não pode simplesmente tá mandando, se não tiver uma noção do que o pessoal está fazendo [...] mas você tem que saber o que está acontecendo e o que que deve ser feito.”*

De acordo com Foucault (1979), a disciplina surge no século XVIII por necessidades do sistema de produção nascente, qual seja: o capitalismo; contudo, contemporaneamente, ela atua de modo efetivo em todas as áreas de trabalho, organizando e controlando as forças produtivas, ainda que de forma mais oculta e sub-reptícia. Segundo Sato (2002a), estas questões remetem às disputas de espaço e poder, circunscrevendo um período social e histórico, além de um modo de produção específico. Deste modo, como o Corpo de Bombeiros vivencia e insere-se em uma sociedade capitalista, dificilmente iria escapar à sua lógica de relação de poder. Entretanto, os fatos apresentados anteriormente indicam que, embora eles vivenciem uma realidade capitalista de produção, compartilhando algumas de suas concepções, o contexto laboral dos bombeiros apresenta também rupturas e diferenciações com estas premissas, assumindo características próprias em função do contexto, dos serviços prestados, bem como, dos objetivos finais de seu trabalho.

A respeito destas considerações, Coutinho (2007) destaca que frente à crise estrutural desencadeada no sistema capitalista a partir dos anos 70, novas formas de organização do processo produtivo foram surgindo, a fim de retomar a expansão do capital. Neste contexto, as variadas estratégias gerenciais vêm como uma maneira de tentar alcançar este objetivo, dando mais ênfase às políticas de recursos humanos. A autora afirma que “diante da falência de estratégias tradicionais de controle coercitivo dos trabalhadores, as organizações estariam desenvolvendo estratégias mais sutis, com vistas à dominação subjetiva de seus integrantes” (Coutinho, 2007, p.58). Neste sentido, é possível observar que estes mecanismos já estão sendo adotados pelas instituições militares, principalmente, frente à eficácia de sua utilização.

O discurso diferenciado que permeia as esferas de trabalho e os modelos de gestão contemporâneos tornam-se incompatíveis com as técnicas externas de controle, fazendo-se necessária a utilização de formas mais sutis de esquadramento, mas que garantam, em última instância, o alcance dos objetivos organizacionais (Sato, 2002a). Desta maneira, as estratégias de controle atuais buscam estar presente em todo tempo e lugar e de forma concomitante em local algum, seguindo os moldes do Panóptico de Foucault, sendo um modelo de observação sem personificação e corporeidade. Segundo Coutinho (1999), em função dessa necessidade, surgem, entre outros, os discursos relativos à qualidade e excelência no trabalho, bem como à identificação com a empresa, fato que coloca sob o trabalhador, a figura de controlador do processo de produção.

As empresas da atualidade buscam “estabelecer novos compromissos com os trabalhadores, nos quais o rígido controle do processo de trabalho passaria a ser substituído por estratégias mais sutis de motivação” (Coutinho, 2007, p. 62). Deste modo, os profissionais são estimulados a identificar-se com a empresa, com suas metas e valores, o que ocasiona uma despersonalização do processo, uma vez que a organização - caracterizada pela impessoalidade - passa a servir como ponto de referência ao sujeito em detrimento de alguma figura humana, geralmente a das chefias. No campo de estudo - mesmo sendo uma organização pública - pode-se perceber traços desta situação, uma vez que os entrevistados revelam uma forte identificação com a sua profissão e com a instituição da qual fazem parte, o que tende a facilitar os métodos de controle e supervisão.

*“[...] Hoje, pra mim, ser bombeiro é mais do que, é mais do que trabalhar [...] Pra mim é mais. É como vestir uma camisa de time, sendo parte daquele próprio time, né? É neste sentido ser bombeiro pra mim.” (Ghandi)*

As palavras de *Ghandi* ilustram sobremaneira o caráter de dupla identificação que permeia a atividade profissional do bombeiro, uma vez que durante todo o processo de investigação foi possível observar as duas dimensões com as quais estes trabalhadores identificam-se, quais sejam: o grupo de trabalho, a corporação, bem como, com sua profissão, com a categoria “bombeiros”<sup>54</sup>. Assim, eles “vestem” a camisa da instituição da qual fazem parte, buscando realizar uma série de ações rumo ao alcance dos objetivos por ela estabelecidos, por iniciativa própria, ou seja, independente de qualquer ação disciplinar coercitiva. Sobre estes aspectos, pode-se referir à Chanlat (2002), quando ele apresenta o conceito de “ética do bem-comum”, conforme já destacado anteriormente, o qual, ao guiar as ações e condutas dos profissionais - principalmente da esfera pública - buscando promover um tratamento igualitário a todos os cidadãos, desperta, inclusive, o orgulho pela profissão. Este fato pode constituir-se como fonte de identificação destes profissionais com o trabalho que realizam, levando-os a exercer suas atividades do melhor modo possível, evitando “denegrir” a imagem do quartel, bem como a sua profissão como um todo.

No passado, as organizações industriais embasavam-se na disciplina e nas ressalvas normativas militares para elaborar suas estratégias administrativas, bem como as regras e normas de conduta. Atualmente, nota-se uma inversão nessa situação, pois, algumas organizações públicas – como parece ser o caso do quartel em questão - embasam-se nas formas de gerenciamento existentes na contemporaneidade, buscando referenciais na iniciativa privada para administrar suas instituições. Assim sendo, ocorre uma transferência de princípios, procedimentos e valores procedentes da empresa privada para o setor público, fato que provoca modificações variadas em seu funcionamento e organização. Dessa maneira, de acordo com Chanlat (2002, p.4), na sociedade contemporânea, vigora um “novo modelo de gerência pública orientada para o desempenho e a produtividade,” tal qual o setor privado.

---

<sup>54</sup> Estes aspectos serão analisados de forma mais profunda no capítulo 9, o qual trata dos Sentidos do Trabalho de modo específico, apesar destes sentidos estarem permeando todo o trabalho.

Os próprios entrevistados tecem comparações entre seu ofício – que corresponde à área pública e encontra-se subsumido à lógica militar - e as empresas do setor privado. Com relação a isso *Mozzart* diz que

*“Eu acho que isso é o principal em qualquer empresa, você fazer o seu trabalho da melhor forma...”*.

Também *Luciano* afirma que

*“Se a gente verificar, botar na ponta do lápis hoje, a situação que a gente vive aqui, é mais cômoda do que em algumas empresas. É [...] tem empresa aqui em Rio do Sul que tem uma hierarquia, uma disciplina mais rígida do que a militar.”*

As palavras de *Luciano* sugerem que, apesar do quartel de Rio do Sul de ser uma organização sob o regime militar – o que lhe confere características distintas de outros setores públicos – seus métodos administrativos, por vezes, são mais “suaves” e flexibilizados do que certas empresas privadas, o que indica que as mudanças ocorridas em decorrência da “invasão” das premissas privadas nos setores públicos, podem assumir diferentes aspectos e configurações, resultando tanto em melhorias, como em empecilhos à realização do trabalho.

Com relação aos aspectos resultantes das “novas” conformações das esferas públicas de trabalho, pode-se citar a tendência a aumentos na carga de trabalho dos profissionais, resultante principalmente, da redução nos índices de funcionários – fato destacado pelos bombeiros entrevistados – e, também, pelo incentivo à produtividade. Outro ponto refere-se aos níveis de autonomia, os quais, apesar do discurso diferenciado de incentivo às iniciativas, são ainda bastante tolhidos, principalmente no campo deste estudo, o qual, especialmente por estar sob o regime militar, restringe posturas autônomas, ao estabelecer uma rígida hierarquização dos trabalhadores às normas e regras vigentes, distanciando-se assim, das premissas promulgadas pelo setor privado, bem como dos novos modelos de gestão.

É possível perceber neste momento da discussão, o paradoxo existente entre as novas e antigas premissas organizacionais, uma vez que, na contemporaneidade, o “... novo cenário do trabalho apresenta-se como um mosaico no qual o velho e o novo mesclam-se” (Sato, 2002a, p. 32). A autora em questão alerta ainda que o objetivo das organizações contemporâneas é “tecer em nossas mentes uma nova construção da realidade do mundo do trabalho” (Sato 2002a, p.32), porém, através de uma análise da situação, é possível notar a presença e a convivência simultânea

de preceitos, posturas, regras e atuações inéditas e antigas, compondo o mesmo momento e local de trabalho, conforme pode ser observado empiricamente no quartel do Corpo de Bombeiros.

Em um mesmo local de trabalho, portanto, é possível encontrar desde os mais elevados índices de tecnologia, automação e métodos modernos de gestão, até a atividade mais repetitiva e braçal, e, a organização e regime disciplinar mais arcaico, que prescinde das formas de “controle simbólico, nos moldes do panóptico de Foucault” (Sato, 2002a, p.33) e conduz à aplicação de técnicas disciplinares mais rígidas e externas. Apesar das alterações nos meios e modos de produção, como também nos discursos e posturas dos sujeitos, o processo de trabalho mecânico e excludente, em muitos lugares, continua similar ao criticado por Marx (1985) na obra *O Capital*, ao caracterizar-se pela exploração e alienação contínuas do ser humano, uma vez que os objetivos capitalistas continuam os mesmos, mantendo-se à margem das modificações.

Coutinho (2007), neste sentido, vem enfatizar a presença concomitante de práticas novas e antigas em um mesmo contexto laboral, mas ela busca destacar o papel atuante que o sujeito tem nesse processo, ao ser agente de mudança e construtor da realidade na qual se encontra inserido, não se constituindo um mero coadjuvante do processo. Sato (2002a) também se envereda nesses caminhos e questiona o que é de fato inédito e o que é velho no panorama atual de produção, a fim de diferenciar a realidade concreta e objetiva dos discursos proferidos abundantemente, os quais, ao estarem repletos de formulações compostas pelos caracteres ideológicos dominantes, buscam desenvolver nos trabalhadores concepções ligados às novas premissas de trabalho, enquanto que a realidade aponta situações completamente opostas às divulgadas.

Com base nas concepções desenvolvidas até aqui, pode-se perceber que a realidade de trabalho vivenciada no quartel de Rio do Sul, contempla sobremaneira esta intersecção entre premissas novas e antigas, uma vez que seus gestores procuram utilizar os métodos contemporâneos de organização, porém, de modo concomitante, ainda seguem uma ordem hierárquica e um regulamento disciplinar ultrapassados. Observa-se assim, que o cotidiano de trabalho pode apresentar múltiplas e variadas configurações, as quais são formadas a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos e destes com sua realidade laboral e com o contexto no qual se encontram inseridos (Chanlat, 2002).

O cotidiano dos bombeiros, ao contemplar estas premissas, encontra-se marcado pela heterogeneidade, além de ser composto por alterações bruscas no ritmo e na sua dinâmica do



trabalho. Em alguns momentos, aparentemente, reina a calma e a tranqüilidade, sendo que os profissionais conferem materiais e viaturas, preenchem fichas, conversam e dedicam-se a atividades de estudo, limpeza e lazer. Porém, esta situação modifica-se ligeiramente, colocando-os em alerta, ao tocar do telefone - geralmente indicando alguma emergência - e, altera-se drasticamente, quando soam as sirenes. Neste instante, rompe-se com a calma do local, pois os bombeiros passam a agir com urgência e rapidez, deslocando-se em direção às viaturas. É notável nestes momentos, a agilidade e a pressa com que os profissionais se movimentam a fim de atenderem os chamados e cumprirem prontamente com suas obrigações.

As mudanças constantes na rotina e no contexto de trabalho dos bombeiros parecem ser tidas para eles como algo “natural”, inerente ao seu cotidiano laboral e na maioria das vezes, não sendo consideradas como problemáticas, mas vistas, inclusive, como um aspecto positivo de seu ofício. Segundo *Mike*:

*“Eu gosto de tá no corre-corre! Sirene, correria, adrenalina. Então, isso é a minha vida!”*

Através destas palavras, bem como de outros depoimentos dos entrevistados, pode-se perceber que as características intrínsecas ao cotidiano de trabalho como bombeiro - ligadas à emoção, adrenalina, dinamismo -, freqüentemente, é um dos fatores que os motiva e leva à opção por esta profissão, ou seja, o que faz com que eles, independente da forma como ingressaram na corporação, continuem trabalhando e optando por este modo de vida e atuação profissional.

A atuação em situações de emergências, como é o caso dos bombeiros, apresenta, portanto, suas próprias especificidades. Assim, é importante destacar que, como toda atividade laboral, apesar de existirem fatores tidos pelos bombeiros como pontos positivos de seu trabalho, determinadas situações são consideradas “*difíceis de lidar e conviver*”, mas apesar disto, são conjunturas com as quais precisam relacionar-se cotidianamente em seu exercício profissional. Estas particularidades laborais merecem a devida atenção a partir das implicações que podem acarretar para os sujeitos, pois, como *César* afirma, no trabalho como bombeiro

*“Tu não sabe o que tu vai encontrar. Entende? Tu acha que tu vai vir aqui e, “- Ah! vou ser bombeiro, vou colocar uma fardinha, vou andar de carro pra cima e pra baixo”. E a realidade é outra. No princípio, você vai lá faz o curso, tem a teórica, tem a prática lá só que não tem o contato. Com vítimas, com sangue, com chuva com[...] Entendes? A partir da hora que você cai na real ali, cai na*

*ocorrência é totalmente diferente. Você, dá uma emoção muito grande, você não pode agir pela emoção, você tem que agir pela razão”*

Estas palavras vêm ao encontro das concepções desenvolvidas por Araújo (1998) quando enfatiza que o trabalhador procura imprimir marcas pessoais em seu cotidiano de trabalho e deter o controle sobre seu ofício, inclusive, investindo-o de afetos. Assim, quando é impossibilitado dessas expressões, o profissional tende a encontrar vias para difundir seus sentimentos, podendo ser através de intrigas, fofocas, seduções, sátiras, repressões. Codo *et al* (1993) dizem que a tendência das relações produtivas é organizar-se de tal modo que acabam levando a uma ruptura entre trabalho e afeto, sendo que este último deve ser restringido à família e aos domínios do lar. É preciso, porém, atentar a este fato, uma vez que esta tentativa de dicotomização entre sentimentos e razão, pode conduzir os profissionais à perda de referenciais. Mas, como afirma Araújo (1998, p.290) “a despeito de todas as rupturas e restrições os afetos permanecem se recriando”.

Monteiro et al (2007, p161) ratificam estas considerações quando atestam que “todo o trabalho é investido de afetividade por parte do indivíduo que o realiza, sendo que esta é a base do psiquismo, elemento essencial na conduta e reações individuais.” O ofício do bombeiro, apresenta assim, elevados índices de elementos afetivos, tanto pela carga de emoção, adrenalina e pelos sentimentos de orgulho e satisfação que evoca<sup>55</sup>, quanto pelo fato de que em seu cotidiano, deparam-se constantemente com a presença da morte e de cenas fortes e impactantes. Além disso, eles vivenciam momentos de tensão e nervosismo, perigos reais, cobranças exageradas, enfim, uma série de fatores que clamam pela elaboração de estratégias variadas, visando uma convivência melhor com estas situações e com emoções desencadeadas no processo.

Ricardo especifica um pouco mais estes sentimentos e vivências, quando diz que ter que socorrer crianças é o momento mais complicado de sua atuação, pois “*é, uma coisa que te marcar assim, depois da ocorrência*” e “*deixa bem chocado...*” Ele destaca que isso acontece porque

*“... eu penso assim, não é que a gente não dá bola pro adulto, mas adulto a gente vai lá, pega, a gente aceita mais, né? Agora criança a gente não aceita, né? [...]De repente até porque a gente tem os filhos? E sabe como que é a perda de um filho, né?”.*

---

<sup>55</sup> Estes aspectos são desenvolvidos de forma mais ampla e efetiva no item 9.1.

Adriano também traz este aspecto como sendo um dos mais difíceis de conviver, pois segundo ele

*“... o mais complicado assim, é quando tu pega, por exemplo, um acidente, um incêndio, alguma coisa assim, ou com alguém conhecido ou com uma criança. Tipo assim, é o que mais mexe contigo, sabe?[...] Dá aquele baque assim, na hora, né? Não vai deixar de agir com profissionalismo, né? Mas dá aquela mexida, sabe?”*

Mike é outro bombeiro que busca compreender este acontecimento ao colocar este fato como sendo

*“... não uma dificuldade, assim de exercer, mas que é uma coisa mais delicada de trabalhar é. [...] trabalhar com criança acidentada, criança com ferimento grave, isso mexe, acaba mexendo [...] É uma loucura, assim. Aquilo (o óbito de uma criança acidentada) me abalou a estrutura, assim. Eu acho que o mais difícil é isso, tu trabalhar com algo que mexa com teu psicológico diretamente como, como criança mexe comigo”.*

Sobre estes aspectos destacados, Sawaia (1995, p. 164) afirma que “os sentimentos são orientadores da vida cotidiana, eles guiam os contatos humanos, ao mesmo tempo em que são orientados por estes”. Assim, as palavras proferidas por Mike e pelos demais entrevistados conduzem, a reflexões acerca das emoções desencadeadas no decorrer de sua atividade laboral, as quais podem causar implicações negativas sobre sua saúde como um todo, fato ratificado por Monteiro et al (2007) quando destacam que em seu trabalho o bombeiro enfrenta um desgaste, não só físico como emocional. Deste modo, é importante que se traga à luz as situações e relações travadas cotidianamente pelos bombeiros, bem como os sentimentos que elas incitam, analisando aquilo que pode ser prejudicial a estes trabalhadores.

Dejours (1999) apresenta compreensões semelhantes a estas<sup>56</sup>, quando destaca que, além do padecimento físico, o sofrimento mental também pode ser oriundo das relações instituídas entre os trabalhadores e seu ofício. Para este autor, a organização do processo de trabalho - intimamente atrelada aos princípios capitalistas - choca-se fortemente com as histórias pessoais dos funcionários, indo contra suas prerrogativas mais íntimas, o que pode ocasionar uma

---

<sup>56</sup> Apesar de não compartilhar o mesmo referencial teórico e epistemológico que Sawaia (1995) e Monteiro et al (2007), este autor também traz contribuições fundamentais sobre este assunto, as quais vêm ao encontro dos conceitos e das premissas desenvolvidas até então.

espécie de “descompensação”, um interstício profundo entre os objetivos organizacionais e as expectativas particulares de cada profissional. Neste sentido, o referido autor apresenta as “estratégias defensivas” - tanto individuais como coletivas - como sendo uma maneira encontrada pelo sujeito para conviver com estes aspectos e estreitar o espaço das fissuras existentes entre a ordenação prescrita de seu trabalho e a sua realização prática, ou seja, seu trabalho real.

Pode-se remeter à Fischer (1985, 24) para esclarecer que “... se a negociação coletiva permite estabelecer planos gerais de proteção à saúde, é o exercício cotidiano de liberdade que permitirá ao trabalhador construir seu modo de vida no trabalho...”. Ora, se a lógica das organizações é originada pelos determinantes do modo de produção capitalista, através de suas possibilidades de atuação o sujeito cria uma maneira singular de conviver com esta realidade. Assim, “a prevenção de agravos à saúde do trabalhador por meio do replanejamento do trabalho, via negociações cotidianas, reconduz ao trabalhador a gerência de sua saúde” (Fischer, 1985, p. 24), buscando administrar da melhor maneira os aspectos laborais com os quais ele encontra dificuldades em conviver e lidar.

Através da realização das entrevistas, foi possível notar que os bombeiros, apesar de apontarem aspectos de seu trabalho que podem conduzir a sofrimentos físicos e psicológicos, não apresentam, em nenhuma de suas falas, evidências de danos efetivos à sua saúde em decorrência da atividade laboral. Porém, este fato não significa que as situações desgastantes com as quais convivem cotidianamente, não possam resultar em padecimentos, sendo pois, merecedoras da devida atenção. Conforme as considerações tecidas por Sato (2002b, p.1148)

A depender da forma como o processo de trabalho é organizado, o cotidiano no local de trabalho é configurado por contextos nos quais os modos de se trabalhar, de se relacionar, de lidar com o tempo, com o espaço e os equipamentos são sabidamente danosos à saúde.

O cotidiano de trabalho dos bombeiros, portanto, encontra-se marcado por aspectos e situações características e peculiares, as quais precisam ser levadas em consideração quando se almeja entender os sentidos que estes profissionais conotam ao seu ofício. Desta maneira, é

imprescindível a análise e compreensão dos fatores subjacentes ao trabalho do bombeiro, através de uma miríade de olhares, a fim de que se possa formar um panorama complexo e amplo acerca de sua realidade de vida e trabalho, a qual implica diretamente e forma os seus “modos de ser” como sujeito trabalhador.

A partir destas considerações, pode-se inferir que as implicações negativas exercidas pela atividade profissional sobre o trabalhador, frequentemente, encontram-se ligadas aos sentidos que eles atribuem ao seu ofício, pois, apesar de vivenciarem a mesma estrutura e organização do processo de trabalho, cada profissional relaciona-se com as questões laborais de modo próprio e subjetivo. Desta maneira, situações consideradas difíceis de lidar, podendo resultar em padecimentos para alguns, podem ser tidas como algo “normal” ou “banal” para outros.

Este fato é ilustrado pelas falas dos sujeitos, onde cada um aponta aspectos diferentes com os quais têm dificuldades em conviver. *Gustavo* apresenta então, outra situação “complicada” em seu trabalho, a qual se encontra ligada às atividades noturnas.

*“Acho que mais complicado, assim, é incêndio na madrugada, incêndio na madrugada ou se pegar um desmoronamento, soterramento, à noite. A noite dificulta muito, né? Tanto estando clima bom, como com chuva. A noite perde muito foco de visão, é bem complicado, mesmo que a gente tenha equipamento, tudo, né? É bem mais complicado”.*

*Luciano* aborda um foco um pouco diferente, ao afirmar que o mais difícil em seu ofício

*“É botar uma pessoa num saco de cadáver. Acho que é bem[...] bem difícil. [...] é uma vida, né? Tu sabe que é um pai de família, né? Tu sabe que tem alguém esperando aquela pessoa em casa. Acho que é uma das atividades que torna nossa profissão difícil... Mas que alguém tem que fazer, né? E no caso somos preparados para fazer, inclusive isso.”*

Além disso, ele enfatiza também que neste caso,

*“É uma frustração de não [...], por exemplo, não ter chegado cinco minutos mais cedo para poder tirar aquela pessoa.”*

As situações apresentadas levam a considerações acerca do nível de exigência que estes profissionais colocam sobre si mesmos ao trabalharem com vidas humanas, procurando criar estratégias variadas para lidar com determinados acontecimentos, a fim de alcançar os objetivos

essenciais de seu trabalho, os quais estão profundamente entrelaçados com suas significações a respeito do ser humano. Assim, quando *Luciano* diz que “*somos preparados para fazer, inclusive isso*”, pode-se perceber uma das táticas utilizadas para conviver cotidianamente com certas situações complicadas, ou seja, ele ressalta o fato de que são treinados e que faz parte de suas funções lidar com cadáveres, pois “*alguém tem que fazer*”. Deste modo, através do preparo e do aprendizado ele busca relacionar-se da melhor forma possível com estas ocorrências, a fim de que elas não resultem em prejuízo a si próprio, e, principalmente, aos objetivos primordiais de seu trabalho.

Outros bombeiros vêm ao encontro destas concepções, ao apontarem o aspecto relativo ao aprendizado como essencial.

*“... se você tem dificuldade em alguma área, em alguma coisa, você tem que ir atrás e buscar e se aperfeiçoar nessa área pra tentar resolver, né? Eu não vejo dificuldade em lugar nenhum, se eu ver dificuldade, eu corro atrás e resolvo”.*  
(Mozzart)

*“É um trabalho que exige realmente conhecimento, exige uma vontade de correr atrás, porque ninguém é obrigado a fazer curso nenhum, só que se tu não fizer também não adianta, vai sair numa viatura, vai pegar uma ocorrência que tu nem sabe o que tem que fazer. Então, tu tem que ta sempre se atualizando, correndo atrás e agarrando o que aparece, os cursos que aparecem...”* (Mike)

Estas falas vêm ilustrar as considerações tecidas a respeito da importância do aprendizado, o qual parece ser tido pelos bombeiros tanto como uma estratégia para lidar com determinados aspectos de seu ofício, como também uma forma de alcançar os objetivos finais de trabalho, qual seja, o bom atendimento à população. Neste sentido, *Luciano* destaca que a atividade realizada pelos bombeiros é essencial, porém, independente do treinamento, não é qualquer pessoa que consegue realizá-la. Assim, para ele é

*“... Uma profissão necessária, porque, na realidade ela ocupa uma área da sociedade que nem todo mundo pode, ou nem todo mundo conseguiria trabalhar...”*

Através destas palavras, *Luciano* evidencia o fato de que as pessoas, por suas características individuais, possuem, conforme Sato (1999), um “limite subjetivo” isto é, às vezes

as exigências do trabalho são maiores do que o sujeito pode suportar, fazendo com que seu ofício seja considerado frustrante, penoso ou desgastante. *César* apresenta situações que, de certo modo, confirmam estes aspectos quando diz

*“Até teve colegas meus que incluíram comigo e pediram a baixa, não se adaptaram. Era muito sangue, desmaiava e não se adaptavam. Foram colocados em outras funções, era obrigado a tirar serviço [...], na viatura não se adaptou, deu baixa e foi embora.”*

Pode-se perceber que quando os “limites subjetivos” dos profissionais são ultrapassados, ou seja, quando eles não conseguem suportar determinados elementos constituintes de seu trabalho, a solução final acaba sendo a mudança de profissão. Porém, antes de chegar a este extremo, os trabalhadores criam uma série de estratégias para relacionar-se e para conviver com certos aspectos referentes ao seu ofício. Assim, eles desenvolvem “ações adaptativas” (Sato, 2002b, p.1148), buscando lidar da melhor forma possível com aquilo que pode lhes trazer implicações negativas e atrapalhar a prática de suas atividades. Portanto, observa-se que os trabalhadores procuram uma adequação do seu local de trabalho, às suas características e necessidades individuais e a seus próprios limites, com o intuito de prevenir situações desgastantes, nocivas à sua saúde, bem como prejudiciais à realização de suas funções. Essas ações podem desenvolver-se de modo individual e, posteriormente, ser cooptada pelos demais trabalhadores, tornando-se deste modo, coletivas.

A respeito dos aspectos apresentados, Sato (2002b, p.1148) destaca que

... os trabalhadores criam formas de resistir à racionalidade imposta à organização do trabalho tal como planejada pelo corpo gerencial, denunciando que os trabalhadores buscam constantemente melhorar a sintonia entre eles e os contextos de trabalho. Eles o fazem individual e coletivamente.

As palavras de *Mike*, neste momento, possibilitam tecer algumas considerações sobre as estratégias utilizadas pelos bombeiros para não deixar que as dificuldades cotidianas

prejudiquem sua saúde e seu trabalho. Assim, ele diz que reza bastante pedindo que não precise atender nunca familiares e pessoas amigas e também que

*“... Tu tenta, né? Tirar como se fosse uma situação normal. Claro que tu vai ficar com aquela ... aquele sentimento, aquela, aquela sensação ruim, só que não tem como tu trazer muito à tona, porque tu acaba pirando”.*

Mike apresenta uma estratégia particular de conviver com determinada situação – através da fé e de orações – a qual, porém, tem respaldo nos referenciais culturais do contexto no qual se encontra inserido. Deste modo, segundo Sato (1999), essas ações adaptativas constroem-se de forma social, sendo dependentes dos conhecimentos erigidos e socializados no interior das organizações, bem como dos contextos de trabalho em sua concretude. E elas acabam tornando-se parte deste cotidiano e de sua realidade, sendo, posteriormente, difundidas pela linguagem e pelas atividades realizadas nos contextos sociais e laborais.

O ser humano possui como características fundamentais a pluralidade e a multiplicidade de ações, escolhas e possibilidades. O homem não é mero receptáculo das determinações sociais, pois pode atuar e agir sobre o contexto onde está inserido, uma vez que é também seu produtor. Este fato confere aos trabalhadores condições de alterar certos aspectos individuais e coletivos relacionados ao seu ofício. Essa possibilidade de intervenção no conteúdo de seu trabalho constitui-se nas “ações adaptativas” mencionadas por Sato (2002b), as quais se caracterizam por práticas visando à “adequação” ao cotidiano laboral, onde o trabalhador busca deter algum controle sobre seu exercício profissional. Através destes atos os sujeitos almejam um “ajustamento” com seu ofício e do trabalho para com eles, através de uma dialética de adaptação entre trabalho e trabalhador.

A este respeito é possível também remeter-se à Dejours (1999) quando ele apresenta as “estratégias coletivas de defesa”, as quais surgem na busca do ser humano para administrar a discrepância existente entre a organização prescrita e o trabalho efetivamente realizado. Segundo este autor, “se as relações sociais de trabalho são principalmente relações de dominação, o trabalho, no entanto, pode permitir uma subversão dessa dominação [...] para a administração da defasagem entre a organização prescrita e a organização real do trabalho” (Dejours, 1999, p.97). Conforme o autor, a ordenação de estratégias defensivas coletivas, dissemina-se entre os trabalhadores e são utilizadas por todos como forma de combater o medo, a insegurança e o sofrimento no trabalho. Assim, elas



Contribuem de maneira decisiva para a coesão do coletivo de trabalho, pois trabalhar é não apenas uma atividade, mas também viver: viver a experiência da pressão, viver em comum, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação, do sofrimento (Dejours, 1999, p.103).

Neste momento, é possível perceber os pontos em comum, existentes entre as “ações adaptativas” analisadas por Sato (1999) e as “estratégias coletivas de defesa” apresentadas por Dejours (1999). Ambas constituem-se como formas criadas pelos trabalhadores para conviver com determinados elementos de seu trabalho, ou seja, elas indicam a busca do trabalhador por uma “acomodação” às prescrições de seu ofício que podem constituir-se como empecilho à realização das atividades, bem como, serem fatores difíceis de lidar e conviver, podendo resultar em padecimentos. As ações adaptativas, porém, podem ser tanto individuais como coletivas, enquanto que as estratégias coletivas – como a própria denominação demonstra – são sempre desenvolvidas pelos grupos de trabalhadores. Mesmo assim, é plausível o estabelecimento de um paralelo entre as concepções desenvolvidas por Sato (1999) com as de Dejours (1999), uma vez que elas são percebidas de modo constante nas falas dos bombeiros, as quais apontam tanto o desenvolvimento de estratégias individuais como coletivas para o enfrentamento de dificuldades em seu cotidiano de trabalho.

Dejours (1999), a respeito das estratégias coletivas de defesa, destaca a sua associação à virilidade, ou seja, “a virilidade vem pois sustentar a luta contra as manifestações do medo prometendo prestígio e sedução a quem enfrenta a adversidade e ameaçando *a contrário* <sup>57</sup>quem foge de perder sua identidade sexual de macho” (Dejours, 1999, p.100). Sobre estas considerações, é possível apresentar um fator elencado por alguns bombeiros como sendo peculiar e inerente à sua profissão, o qual se encontra ligado aos perigos e riscos que eles correm durante seu cotidiano de trabalho. Segundo *César* a profissão do bombeiro

*“É perigosa. Nossa profissão ela... Lida com risco, né? Com doença. Mexe com sangue. Lógico, tem luva, tem tudo, mas [...] Nem sempre é seguro, né? Tá*

---

<sup>57</sup> Grifos do autor.

*sempre como um grupo de risco, né? Também a gente tá sempre se colocando em risco em caso de incêndio. Você pega um incêndio, você pode se queimar, você pode cair, você pode se acidentar com a viatura então[...] é sempre algum risco...” (César)*

E ele continua explicitando estas ocorrências e explicando a maneira como lidam com elas ao dizer que

*“... no começo, queira ou não queira, pode ser o maior herói, mas vai tremer na base. Só com o tempo mesmo que você vai indo, vai se adaptando, hoje em dia é normal. Eu pego uma ocorrência, tem um dilacerado e coisa ali, já é normal pra nós, né? Porque o pessoal tá esperando nós, não adianta ficar sapateando, enrolando. Mas até hoje, qualquer ocorrência que você chega, primeiramente, não sei se é adrenalina, mas dá o “baque”. Dá o baque, você pára, pensa, aí você[...] executa” (César)*

Percebe-se aqui que, uma forma utilizada por este profissional para lidar com situações chocantes em seu trabalho, é o desenvolvimento de um controle emocional, ou seja, ele procura não deixar a emoção aflorar, buscando agir de modo lógico e racional, não demonstrando medo ou receio. Isto vem ao encontro das concepções desenvolvidas por Dejours (1999, p.101) a respeito do “discurso viril”, o qual encontra apoio no raciocínio lógico e nas demonstrações de coragem e virilidade.

*Mike* também concorda com o colega e apresenta a sua forma de lidar com essas situações perigosas e com o medo, utilizando-o como forma de proteção. Ele diz:

*“... até tem aquele medo, porque a partir do momento em que não tiver medo, a gente acaba sendo imprudente, imperito, negligente, então o medo sempre tem que ter, só que é aquele... Até porque a gente trabalha com riscos aceitáveis, né? E tem que utilizar esse medo pra ti não abalar e fazer uma besteira, pra ti não fazer de repente, querer ser o super-homem, quer ser o herói, vamos dizer assim, que muita gente pensa que tu é, e não acabar te prejudicando.”*

Esta fala ilustra as concepções desenvolvidas por Dejours (1999) sobre as estratégias coletivas de defesa, as quais apontam que a banalização das percepções que os trabalhadores têm do risco, constitui-se como o principal modo de conviver com esta realidade. Assim, quando *Mike* diz que “a gente trabalha com riscos aceitáveis”, esta parece ser uma maneira encontrada por ele

para minimizar o perigo e enfrentar aquilo que poderia lhe causar medo, pois no exercício de sua profissão existem constantemente ameaças reais à sua integridade física e psicológica. O mesmo sujeito destaca, ainda, as formas usadas para “banalizar” o sofrimento e as emoções desencadeadas em alguns atendimentos:

*“... às vezes a gente chega no quartel, [...] dá uma ocorrência, pô, gravíssima! A gente chega no quartel brincando e tal, rindo, mas isso eu acho que é uma fuga que cada um tem pra não acabar enlouquecendo, levando ao pé da letra ali, aquela dor, aquela tristeza, porque se a gente chegar e se abalar no momento que precisam da gente, não tem, não tem quem venha nos, nos resgatar ou trabalhar com a gente. É a gente mesmo”.*

Estas palavras revelam um paradoxo entre a utilização do medo como forma de ser mais cuidadoso e prudente – diferindo assim das estratégias defensivas geralmente desenvolvidas pelos coletivos masculinos que lidam com perigos - como também remete à negação do medo e do sofrimento, através da utilização da racionalidade e da sátira como estratégia para conviver com estas situações. Sobre isto Dejours (1999) destaca que para trabalhar em um contexto que impõe fortes pressões sobre a realização de seu ofício (tempo, ritmos, mortes, tragédias, dor, medo, condições climáticas, relacionamentos interpessoais e do trabalho,...) os sujeitos criam algumas táticas ligadas ao escárnio sobre o temor e negação de certas percepções. O autor trata destas questões ao falar sobre os trabalhadores da construção civil, porém, elas podem ser estendidas a outros coletivos que convivem com riscos reais, como é o caso dos bombeiros.

Vale destacar aqui que eles diferem de outros coletivos – como os da construção civil - ao não exporem-se propositalmente a riscos reais ou proporem desafios como forma de combater o medo, eles podem até banalizá-lo, mas precisam ter noção dos perigos e tomar as devidas precauções. Esta forma de atuação encontra-se ligada às próprias diretrizes de seu trabalho<sup>58</sup>, as quais preconizam que a integridade do profissional deve vir em primeiro lugar, ou seja, ele não pode expor-se a riscos desnecessários para auxiliar alguém, devendo realizar os procedimentos sempre com segurança para si, para os colegas e para a vítima. Por seguirem o regime militar, as atuações “heróicas”, que colocam o trabalhador em risco no salvamento das vítimas, podem, inclusive, ser passíveis de repreensões e punições. Assim, se for comprovado que houve uma

---

<sup>58</sup> Fato comentado anteriormente, na página 61.

exposição ao perigo de forma imprudente ou para demonstrar coragem e virilidade, eles terão que responder ao fato de acordo com o regulamento disciplinar que rege seu ofício.

*Adriano* vem ilustrar um pouco mais essas questões, além de possibilitar explicações para o desenvolvimento de determinadas ações e/ou estratégias defensivas, quando diz que

*“Não pode deixar, tipo, se abater, sabe? Pela situação que tá passando, acima de tudo tem que ser profissional.”( Adriano)*

A ênfase no fato de “*ter que ser profissional*” parece remeter à necessidade de negar o medo, o risco, de banalizar o sofrimento, enfim, de criar estratégias para não consentir que estes sentimentos interfiram na realização de seu trabalho. Assim, eles utilizam o profissionalismo como motivo, justificativa para não deixarem essas questões implicarem sobre seu ofício, desenvolvendo uma ação adaptativa que pode tanto ser individual, quanto coletiva. Deste modo, pode-se ressaltar que, no decorrer de seu trabalho, os bombeiros desenvolvem tanto estratégias coletivas de defesa (Dejours, 1999), como ações adaptativas, particulares e grupais, conforme Sato (1995).

*“Eu sempre tento levar pro lado mais profissional. Eu não tento me colocar na situação da vítima, sabe? Porque se não tu, né? Se abate. Eu tento sempre levar pro lado profissional, quanto mais rápido, eu tento num acidente, ou coisa assim, né? Fazer o máximo pra preservar a vida dela”(Adriano).*

O discurso dos bombeiros, também traz à tona outros aspectos referentes ao seu ofício, onde se pode perceber uma espécie de sentimento de solidão. Eles parecem assumir uma postura de auto-suficiência, por acreditarem não ter a quem recorrer, pelas exigências veladas de coragem - ligadas à virilidade - ou ainda por acharem que não podem solicitar auxílio a outrem, uma vez que eles são os responsáveis pela ajuda. Sobre estes aspectos, Monteiro et al (2007, p.558) afirma

O quanto pesa carregar esse título de “bombeiro”, e muito mais o de “militar”, que, aos olhos da sociedade (e deles próprios), é aquele que é forte, que não deve se queixar de nada, que deve suportar tudo. Enfim, o bombeiro é chamado para resolver tudo! É chamado para

acabar com problemas, então, como ele pode também ter problema?

As palavras de *Gustavo* ajudam a ilustrar estas afirmações:

*“Onde a tragédia tá, todo mundo quer sair e o bombeiro tá lá pra, pra dominar, né? Pelo menos a expectativa é que sempre esteja assim, né? [...] Que a gente consiga dominar as coisas e não ser dominado, como aconteceu com, lá com o dia 11 de setembro, nos EUA, que morreu mais de 350 bombeiros, né? Foram lá para dominar uma situação e no fim foram dominados pelo destino”.*

Antunes (1997) vem corroborar essas concepções ao lembrar que, apesar de todas as mudanças ocorridas no contexto de trabalho atual - incluindo a “desproletarização” da produção, alterações nas formas de controle, os discursos diferenciados - as metas, os objetivos primordiais do capitalismo permanecem os mesmos, onde o sujeito trabalhador continua sendo o principal responsável pelo desenvolvimento do trabalho e, conseqüentemente, por erros, falhas, doenças e acidentes ocorridos no decorrer deste processo, sendo culpabilizado por estas ocorrências, devendo, pois, ser devidamente responsabilizado e penalizado.

O profissional militar, neste contexto, tende a ser visto como forte, enérgico, capaz de resistir às intempéries e a qualquer ocorrência. No caso dos bombeiros, esta cobrança pode tornar-se ainda maior, a partir do momento em que trabalham de modo direto com a população, a qual exige, não apenas um serviço bem realizado, mas às vezes, devido ao desespero, à desinformação, à ignorância, esperam que eles executem verdadeiros “milagres”, em situações onde, mesmo com todo conhecimento, preparo e uso da mais alta tecnologia, não há nada mais a ser feito.

*Ricardo* demonstra possuir uma compreensão acerca de suas limitações como ser humano e também entender os motivos que geram as cobranças da sociedade, quando diz que

*... às vezes a gente deixa a desejar pelo que a pessoa está esperando. De repente, dá um incêndio, espera que o bombeiro esteja lá em 2 minutos, né? Mas não tem como, né? O caminhão, alguma coisa chegar tantos quilômetros em 2 minutos, não tem como [...] Então, às vezes gera um pânico. Chega lá no local: -Ah! Mas vocês são bombeiros. “Eles esperam mais do que uma pessoa normal pode fazer”.*

*Gustavo* também tece sua opinião sobre as relações estabelecidas com a população, demonstrando uma compreensão sobre o ponto de vista de quem está sofrendo, ou seja, sobre os

motivos das exigências, argumentando as maneiras que utilizam para resolver eventuais contratempos e impasses com as pessoas atendidas.

*“... eles acham que o bombeiro tem que chegar lá em dois minutos, mas é um caminhão pesado, com uma carga grande de água, então, geralmente os nossos incêndios dão em locais de difícil acesso... também assim ó, toda pessoa que tá em aflito, que tá passando por um momento difícil e solicita o nosso serviço, cada minuto é uma eternidade. Então, claro vai cobrar, vai cobrar, só que a gente tem sistema, hoje, computadorizado que pode fornecer qualquer informação, tempo de deslocamento, duração da ocorrência, tudo né? Então, a gente tem tudo em registro e não tem o que argumentar.”*

Esta fala, bem como a anterior, demonstra a busca por um entendimento acerca das reações das pessoas atendidas, fato que pode auxiliar os bombeiros a lidarem melhor com estas exigências. Outra forma encontrada por estes profissionais para conviver com este aspecto exigente de seu ofício é destacada por *Gustavo* quando ele diz que

*“[...] Faço tudo na frente dos familiares, reanimar, tentar reanimar, só que não deu certo[...]“Então o que que a gente faz? Coloca na viatura e tenta reanimar, todo esforço é válido. Se der resultados só vão saber depois no hospital.”*

Nota-se novamente aqui, a presença de uma “ação adaptativa”, conforme as palavras de Sato (2002b), através da qual os trabalhadores buscam uma adequação das normas e regras gerenciais à sua atuação cotidiana. Então, tentar reanimar a vítima mesmo quando o regulamento prevê que não é mais necessário, é uma maneira encontrada por esse profissional para evitar cobranças ou reclamações da população, bem como, para certificar-se realmente de ter feito tudo que podia e “*estar com a consciência tranqüila*”.

*“... eu acho que eu tento dar o máximo de mim, às vezes, que termino ou atendo uma ocorrência, aí eu pego e faço uma auto-análise: Será que eu podia ter dado mais de mim?... Então, pra depois eu não me sentir culpado, por ter dado o máximo, com segurança, claro, não botando em risco nem a mim, nem meus companheiros,...” (Ricardo)*

Estas palavras refletem outra forma encontrada pelos bombeiros para lidar com as cobranças e exigências que existem sobre sua atuação profissional, tanto da população atendida

quanto entre eles próprios, a fim de evitar sofrimentos derivados de sentimentos de culpa e cobranças exacerbadas, as quais são bastante comuns e frequentes.

*“Às vezes tem. Já senti isso (refere-se a cobranças) E existe isso muito numa atividade que é chamada atividade de mergulho. Isso é bastante comum, por quê? Porque, principalmente os parentes da pessoa que estão em cima, quando vê um parente lá, ela quer que o bombeiro desça e que 2 minutos após ele suba com a pessoa. E não é assim, não é fácil, não é fácil mergulhar, às vezes não tá aqui, tá longe, não se enxerga, é tranqueira, então é uma série de problemas que existem. Mas quem está em cima, acha que tem que descer[...] Então o principal problema nessa questão de cobrança da comunidade é nessa área de mergulho.”(Mozzart )*

Com relação a estas situações, Adriano enfatiza que, as cobranças não podem interferir na realização dos trabalhos, sendo que eles não devem deixar-se “influenciar” pelos apelos da população e ir além de seus limites e possibilidades, ou deixar de seguir o que preconiza suas diretrizes de atendimento, uma vez que,

*“... a gente só auxilia, na realidade, não tem, tipo, o que não ajudar. Na medida do possível o que cabe a nós e o que tá ao nosso alcance a gente faz, né?”*

É fato que a multiplicidade cultural e social existente conduz a diferenças marcantes em todos os âmbitos, incluindo os de trabalho (Sato, 2002b). Porém, os trabalhadores buscam engendrar condições de transcendência dessas situações, através da possibilidade de negociação e da criação de estratégias adaptativas ou de resistência, pois, como lembra Sato (2002b), eles não são seres passivos ou inanimados frente aos acontecimentos. Deste modo, a diversidade não pode ser motivo de legitimação, subordinação e exploração do sujeito.

O trabalho do bombeiro, portanto, segundo (Monteiro et a, 2007, p.560), caracteriza-se como sendo

(...) uma profissão muito exigida: física, emocional, psicológica e socialmente falando, e, através desse diagnóstico, percebemos o amor e o sofrimento envolvidos no dia a dia desses trabalhadores, o que torna

esse trabalho ora uma paixão, ora um verdadeiro esforço  
pela sobrevivência, (...)

Neste contexto, é preciso compreender estas questões e sua abrangência na vida do trabalhador, entendendo-o como um ser singular, mas ao mesmo tempo social e histórico, o qual sofre influências contínuas das situações vivenciadas, bem como do meio onde está inserido - e do qual também é produtor - e das relações estabelecidas. O próximo item visa apresentar a forma como os bombeiros estabelecem cotidianamente suas relações de trabalho (com os colegas, chefes e também com a população atendida) partindo de suas compreensões e vivências deste processo relacional.

## **7.2 As Relações Estabelecidas**

Para Marx & Engels (1996) o homem constrói-se como sujeito real, pelas ações que efetua sobre as condições materiais encontradas e sobre aquelas que produz no decorrer de sua vida, bem como pelos relacionamentos que ele institui com os demais. Vygotsky (1989) embasa-se nestas concepções para afirmar que o ser humano constitui-se socialmente, através das relações que estabelece nas mais variadas esferas de atuação – pessoal, familiar, profissional-. Destarte, a análise dos relacionamentos que o sujeito efetua é fundamental quando busca-se compreender seus modos de ser e estar no mundo, bem como a elaboração de suas significações.

A esfera profissional, neste contexto, é rica no estabelecimento de relacionamentos, porém, faz-se necessário evidenciar, a diferença básica existente entre as relações cotidianas de trabalho e os relacionamentos interpessoais travados no contexto laboral. Segundo Fischer (1985, p.19),

As relações do trabalho constituem a particular forma de relacionamento que se verifica entre os agentes sociais que ocupam papéis opostos e complementares no processo de produção econômica: os trabalhadores, que detêm a força de trabalho capaz de transformar matérias – primas em objetos socialmente úteis, adicionando-lhes



valor de uso; e os empregadores, que detêm os meios para realizar este processo.

No caso dos bombeiros, essas relações cotidianas de trabalho seriam aquelas estabelecidas entre eles e a população atendida, e, ainda, com o Estado representado por seus superiores hierárquicos. Uma vez que se encontram subordinados a estas esferas, as quais detêm os meios de produção.

A partir das concepções desenvolvidas acima, torna-se inviável qualquer redução destas relações cotidianas de trabalho à esfera dos relacionamentos interpessoais estabelecidos no âmbito do trabalho, correndo-se o risco de resultar em afirmações ideológicas, simplistas e reducionistas. As relações interpessoais, segundo Fischer (1985) são uma das formas de expressão do modelo de relações cotidianas do trabalho existente, assim, elas assumem um papel basilar na configuração dos relacionamentos estabelecidos, não sendo possível, contudo, situá-las como iguais ou colocá-las em um mesmo patamar.

A autora destaca ainda, que “independente da complexidade de aspectos assumidos em cada situação peculiar, as relações do trabalho são determinadas pelas características das relações sociais, econômicas e políticas da sociedade abrangente” (Fischer, 1985, p.19). Para compreender a forma como se dá o desenvolvimento destas relações no interior de uma organização, é preciso, portanto, analisar os vários fatores que compõem sua configuração, contemplando o espaço político e social em que estão inseridas, as políticas organizacionais e administrativas, a forma de organização do processo de trabalho, bem como as vivências e relações cotidianas estabelecidas entre os seus agentes. Lembrando sempre, que este conjunto de fatores atua de maneira fundamental sobre a constituição dos trabalhadores como sujeitos, sobre os relacionamentos interpessoais travados e, sobre os sentidos que eles vão atribuir ao seu trabalho.

Barbosa (2005), ao discutir as relações de trabalho e os recursos humanos nos contextos profissionais, vem ao encontro das concepções apresentadas até aqui, porém, este autor - sem retirar o mérito do arcabouço teórico concebido por Fischer (1985) décadas atrás - procura delinear um panorama contemporâneo acerca destas considerações, enfatizando o papel do ser humano no processo de trabalho. Deste modo, ele destaca que na atualidade, de uma forma ou de outra, as empresas são instigadas a buscar uma “adequação ao novo contexto produtivo [...]. Seja pela via tecnológica, seja pela via gerencial, diferentes caminhos e/ou ferramentas são utilizados visando, em última instância, a melhor adequação das pessoas ao lócus de trabalho” (Barbosa, 2005, p.122).

A partir deste ponto, convém analisar como se dão os relacionamentos estabelecidos no cotidiano dos bombeiros do campo de estudo, bem como as relações do trabalho ali existentes, uma vez que ambas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de suas funções e, como não poderia deixar de ser, sobre a formulação das significações que eles têm acerca do seu ofício. Deste modo, as falas dos entrevistados indicam que eles consideram, em sua maioria, seus relacionamentos - interpessoais e do trabalho<sup>59</sup> - muito bons.

*”... não tenho dificuldades, na média acho que meu relacionamento é bom com eles. São pessoas, também que aceitam fácil as coisas, né?”( Ricardo)*

Gustavo traz à tona algumas justificativas a respeito destes aspectos positivos nos relacionamentos quando afirma que:

*“Ah, na guarnição é assim... É de um jeito tranqüilo, o pessoal todo mundo se dá bem, né? É aquela coisa, tu não vê ninguém de cara amarrada. É assim, é bem descontraído...”*

Mas, além disso, ele enfatiza que

*“... colega de trabalho tem bastante, agora amigo mesmo são poucos... Tem gente que quando tu precisa eles te dão amparo, mas a grande maioria são colegas, colega é uma coisa, não é aquela pessoa que vai lá na tua casa, te visitar, ou, não colega. Amigos tem poucos, mas tem. E tem e os que tem são bons.”*

César reforça estas concepções, mas lembra que para as relações serem consideradas boas é “Lógico, tem que conquistar, né?”. Deste modo, ele coloca a manutenção de relacionamentos harmônicos como uma conquista constante, uma vez que os bombeiros convivem por longos períodos de tempo e suas funções exigem confiança, cooperação e companheirismo.

*“... Os companheiros que trabalham comigo, até hoje nunca ninguém reclamou... “- ó tu não ajudou nisso, tu não ajudou naquilo”. Eu sempre ajudo e sempre faço o que eu sou capaz, o que eu não tenho competência pra fazer, eu peço pra alguém que tenha...” (Gustavo)*

Sobre isso, Codo et al, (1993) destacam que as atividades desenvolvidas pelo sujeito resultam em profundas e variadas implicações sobre sua constituição, a qual ocorre através do estabelecimento de relações ininterruptas, onde cotidianamente conota-se valor, afeto,

---

<sup>59</sup> A partir deste ponto, sempre que houver referências aos termos relações e relacionamentos estarão sendo feitas alusões tanto às relações interpessoais estabelecidas no ambiente laboral, como às relações cotidianas do trabalho, no sentido mais amplo, desenvolvido no texto segundo as concepções de Fischer (1985).

significações e importância aos objetos e pessoas, inclusive, nos ambientes de trabalho. O contexto profissional representa, assim, um papel muito importante no decorrer deste processo constituinte, uma vez que grande parcela da população precisa trabalhar por um longo período de tempo, convivendo, muitas vezes, mais com os colegas de profissão do que com as pessoas de seu círculo domiciliar familiar, mantendo laços tão fortes com os parceiros de trabalho, que chegam a assemelhar-se com os vínculos familiares. *Mike* ilustra esta situação e também concorda com seus colegas sobre a qualidade das relações instituídas, quando diz que

*“... O quartel é minha segunda casa. Então, às vezes, eu to cheio de problemas em casa, eu venho pra cá e a minha guarnição - desde que eu to em Rio do Sul, eu trabalho com a mesma guarnição - a gente tem um entrosamento muito bom, então eu acabo esquecendo, sabe?[...] o pessoal aqui é muito parceiro, muito companheiro[...] É uma segunda família, vamos dizer, uma segunda casa, uma segunda família”.*

Nestas palavras pode-se perceber também o quanto a esfera do trabalho “invade” o âmbito familiar, parecendo inclusive, não haver, por parte dos bombeiros, distinções efetivas entre estes pólos, pois estes sujeitos, em diversos momentos comparam o local de trabalho à sua vida domiciliar. Este fato parece ocorrer, principalmente pela convivência prolongada que eles precisam estabelecer em função de suas atividades laborais – 24 horas seguidas –, bem como pelo caráter de mútua-ajuda e cooperação que as mesmas apresentam. Segundo Sato (2002b, p.1151) os sujeitos “articulam a vida fora do local de trabalho com a vida no trabalho”. É, portanto, bastante recorrente nas falas dos sujeitos esta ligação estreita existente entre o contexto profissional e a sua vida pessoal.

*“É como a gente fala, o quartel é a segunda casa da pessoa e pra mim é assim mesmo. É a minha primeiro, uma coisa que mais gosto é primeiramente minha família e depois é o meu trabalho. Então hoje, se eu não trabalhasse eu seria uma pessoa totalmente frustrada, porque eu gosto e gosto muito do que faço.”(Gustavo)*

Estas falas ilustram o papel que o trabalho assume na vida dos sujeitos, pois *Gustavo* afirma que em primeiro lugar está sua família, seu ambiente doméstico, porém, sem seu trabalho ele não estaria satisfeito, demonstrando necessitar dele para ser feliz. Seu colega reforça essa concepção quando diz que

*“... Ah! O meu trabalho representa tudo, né? É onde eu sobrevivo, é onde eu vivo, que eu passo mais tempo aqui do que em casa...” (César).*

Outro fato que contribui para o estabelecimento destas relações específicas no quartel e também para os sentidos atribuídos ao trabalho são os relacionamentos estabelecidos entre chefias e subordinados. Segundo Adriano eles

*“Tratam com respeito, a gente também tem que saber tratar com respeito”.*

*“... é boa, não tenho reclamação... Mas, só que tem os mais chatos, né? Que eles pegam no pé. Mas, é pessoal de cada um deles, né? Então, não dá pra generalizar e condenar a pessoa a um tipo ideal, né? A gente consegue lidar com as pessoas, tem que entender um pouco o lado delas também.”(Ricardo)*

Um dos entrevistados, que exerce um cargo de chefia, traz maiores esclarecimentos sobre o desenvolvimento destas relações ao afirmar que:

*“... uma coisa é o seguinte: você tem que respeitar o profissional e outra, você tem que saber como tratar cada um dos funcionários [...]”*

Vale lembrar aqui, que estas relações encontram-se envoltas por níveis assimétricos de poder, ampliados em virtude da rígida divisão hierárquica existente no quartel - derivada do militarismo que organiza e orienta seu cotidiano<sup>60</sup> - levando os sujeitos à criação de estratégias variadas para conviver e relacionar-se da melhor maneira possível com estes acontecimentos.

Sobre estas considerações, um aspecto merecedor de destaque, encontra-se ligado à “flexibilização” das normas militares apresentadas pelos sujeitos, pois, conforme pode ser observado em suas falas<sup>61</sup>, o comportamento adotado pelos superiores com relação às diretrizes de seu regulamento disciplinar, tende a ser mais condizente com a realidade contemporânea, buscando respeitar o sujeito e seus direitos. Este fato pode constituir-se como fonte de explicação sobre os bons relacionamentos estabelecidos entre os bombeiros e seus superiores hierárquicos no quartel de Rio do Sul, uma vez que ao adotar uma postura mais flexível, os oficiais conseguem, além de obediência, o alcance dos objetivos e o respeito de seus subordinados.

Segundo Foucault (1979) o poder possui uma funcionalidade econômica, qual seja, a de primar pela manutenção das relações produtivas capitalistas, reproduzindo uma dominação

---

<sup>60</sup> Sobre estes aspectos referentes ao militarismo ver item sobre a organização e o funcionamento do quartel 6.1.1.

<sup>61</sup> Ver as falas a respeito das regras militares no item 6.1.1.

ligada à apropriação das forças de produção, isto é, buscando exaurir o máximo das capacidades de trabalho do trabalhador. Não obstante, as relações de poder se dão com base nas dinâmicas relacionais de força, sempre em determinado momento histórico. As posturas adotadas pelos comandantes do quartel de Rio do Sul refletem, pois, esta situação, uma vez que exercem o poder instituído pelo lugar que ocupam na rede hierárquica, em conformidade com a realidade na qual se encontram inseridos, precisando adotar posturas diferenciadas de tempos atrás.

*Ghandi* traz, porém, outra face das relações chefias x subordinados, representada pelos relacionamentos estabelecidos entre os oficiais das várias cidades do Estado, ou seja, entre os Comandos dos diferentes quartéis existentes, a qual se encontra permeada pela disputa acirrada por destaque, prestígio e poder. Esta compreensão pode levar a considerações acerca do fato de que quanto maior o nível hierárquico, mais difícil são as relações instituídas, pois

*“As relações entre os oficiais é mais complicada [...] ela [...] é muito cheia de frescura. Um vai ali e puxa a perna do outro, né? Dependendo da hora que tu tá e quando tu vai chegando mais lá em frente, mais lá no final da carreira, têm muitos oficiais ligados à questão política [...] e tentam tomar o teu lugar e te passar pra trás...”*.

*Ghandi* ratifica que, apesar de todas as relações travadas no contexto de trabalho serem passíveis de disputas por lugares, notoriedade e poder,

*“... entre oficial isso aí é bem mais comum... Não sei se é pelo fato de o pessoal sendo oficial e [...] estar muito em evidência, no controle...”*.

O mesmo sujeito lembra, porém, que as características ligadas à competitividade, exclusão e concorrência, aparecem em vários relacionamentos interpessoais, não apenas entre os superiores hierárquicos. Foucault (1979) embasa esta compreensão, quando afirma que o poder é exercido por todos e permeia a totalidade das relações estabelecidas, destacando sua abrangência e o fato dele constituir-se por um feixe relacional relativamente amplo, organizado, mas também, frequentemente, piramidalizado e hierarquizado.

Segundo Marx (1982) é fato que as relações de trabalho no capitalismo ocorrem através de exercícios frequentes de poder. Neste sentido, Foucault (1979) lembra que as redes de poder em suas várias faces, se articulam em realidades distintas e heterogêneas, sendo que ele é exercido em âmbitos variados e de diversas maneiras, não estando ligado apenas a lugares e funções formalmente instituídas, mas ainda, às possibilidades de atuação do sujeito. Deste modo,

as situações apresentadas por *Ghandi*, podem conduzir a especulações sobre a influência que o poder - tanto formal como informal - exerce nos relacionamentos estabelecidos entre os sujeitos, merecendo, pois, a devida atenção.

Fischer (1985, p.23) corrobora com a necessidade de atentar aos níveis de poder e às relações instituídas entre os trabalhadores, ao dizer que

A diversidade de relações do trabalho estabelecidas numa mesma empresa ou setor não se baseia exclusivamente nos argumentos objetivos tomados como justificativa, mas é resultante também do modo como o trabalho e a apropriação da força de trabalho pelo capital são percebidos e valorizados por ambos os agentes em interação, os trabalhadores e os empregadores, ou os profissionais que administram (...)

A partir das concepções desenvolvidas pela autora, pode-se perceber que os relacionamentos constituídos entre os “organizadores” do processo de trabalho, ou seja, daqueles que exercem cargos de chefia e seus subordinados, representa um papel fundamental para o estabelecimento das relações cotidianas de trabalho, sendo, inclusive, decisivas para estas relações e implicando sobre a maneira como esses profissionais vão lidar com seu âmbito profissional. Assim, *César* conta que

*“Sempre me dei bem. Porque [...] até, às vezes não precisa gostar, entendesse? Porque dentro da vida militar, que nem eu te falei, você tem que se adaptar... o Comando é passageiro, os meus amigos vão ficar aí. Então, você tem que se adaptar. É igual a uma prefeitura...”*

Pode-se observar aqui, que o sujeito compara seus superiores aos gestores públicos - que cumprem seus mandatos por tempo determinado, tendo que deixar o cargo para um sucessor - pois, este fato também pode acontecer no Comando Geral da instituição, o qual é previamente determinado por instâncias hierárquicas estaduais. Assim, ver o Comando como algo passageiro, com que eles precisam adaptar-se, pode ser uma maneira encontrada pelos bombeiros para lidar com estas relações, evitando sofrimentos e as implicações negativas que elas podem acarretar

sobre seu trabalho. A fala de *Ghandi* também ilustra um pouco esta situação, pois, ele também cria estratégias para conviver com certas pessoas, a fim de evitar perturbações

*“... se não gosto do cara, não faço questão nenhuma de trocar uma idéia com ele. Não faço questão, [...] então, “- ó faz de conta que nem me viu e sai”. Nem cruzar quero, pra não causar incomodação...”*

Conforme Marx (1982), ao estar profundamente entremeadado nas práticas capitalistas de produção, o trabalho tem sua organização estabelecida como forma de contemplar os objetivos do capital, os quais raramente vão ao encontro das necessidades humanas. Neste sentido, Sato (2002b) retoma de autores clássicos da ergonomia, as noções de “trabalho prescrito” e “trabalho real”, lembrando que o primeiro refere-se à ordenação e normatização do contexto laboral pelas gerências, visando o alcance das metas e o segundo constitui-se como a maneira efetiva pela qual os trabalhadores executam e replanejam seu trabalho, que possui tanto “a finalidade precípua de amenizar os esforços do trabalho, como para manifestar a resistência política ao poder e controle gerenciais ou ainda, para tornar factível aquilo que foi planejado por outrem” (Sato, 2002b, p.1148).

A partir destas concepções, pode-se perceber o interstício existente entre o trabalho prescrito pelas organizações e o real, efetuado cotidianamente nos contextos laborais. Deste modo, esta fissura constitui a forma que os trabalhadores encontram para realizar seu ofício, adequando-o às suas necessidades, a fim de evitar situações de sofrimento efetivo devido às suas conseqüências. Isto se deve ao fato de que o homem não é um ser passivo diante dos acontecimentos, agindo sobre a realidade no qual se encontra inserido e criando formas de melhor conviver com determinadas circunstâncias. Wunsch Filho<sup>62</sup> (2002), a respeito desta possibilidade de atuação humana sob os acontecimentos, diz que “as negociações cotidianas colocam-se na dimensão das liberdades individuais, que proporcionam a contínua definição e redefinição de múltiplos coletivos, particulares, nos espaços de trabalho”. Assim, a partir da habilidade que o homem tem de arquitetar e produzir sua vida, pelo replanejamento de seu cotidiano de trabalho, ele passa a possuir um controle e autonomia maior, almejando a preservação de sua saúde e do bem-estar no ambiente laboral.

Codo et al (1993) destacam que no decorrer do processo de trabalho o trabalhador sofre pressões relacionadas ao horário, às hierarquias, ao tempo, às relações e sobre sua

---

<sup>62</sup> Victor Wunsch Filho, debatedor do artigo escrito por Leny Sato (2002b).

perspectiva profissional. Deste modo, cada trabalhador emerge no grupo, tendo “visibilidade” na adesão como categoria, na união com os demais e juntos constroem um local na sociedade capitalista. No espaço profissional categorizado, isto é, ao assumir a identidade de determinado grupo de trabalhadores, eles passam a possuir caráter e expressão social de trabalhador. Assim, a unificação dos profissionais como pertencentes a uma categoria específica, auxilia no desenvolvimento das ações adaptativas destacadas por Sato (2002b). A referida autora lembra, porém, que

Apesar de termos muitas vezes toda uma categoria profissional submetida a exigências comuns em termos de organização do processo de trabalho, quando nos aproximamos dos locais onde trabalham vemos que cada local é um mundo singular, com seus problemas particulares, (...), pois são pessoas diferentes, são relações interpessoais desigualmente construídas, são diferentes regras que vigoram (Sato, 2002b, p.1151).

A ocorrência destas uniões entre os trabalhadores, permeadas pelas características singulares de cada local de trabalho, ajudam a compreender a relação paradoxal existente na Companhia, onde há a formação de grupos pequenos, diversificados e a adesão dos profissionais bombeiros como categoria. De acordo com Sato (2002b) os trabalhadores buscam a criação de vínculos entre si como forma de lidar com certas situações impostas pelo modelo de gestão, assim, através da coesão grupal os profissionais elaboram regras próprias, diferentes daquelas previamente estabelecidas, criando racionalidades distintas para organizar o seu cotidiano de trabalho.

Sobre estes aspectos, Coutinho (2007, p.59) lembra que “o trabalhador não apenas se submete às pressões organizacionais, mas também resiste a elas...”, tendo capacidade de atuação sobre seu trabalho. O próximo capítulo apresenta os sujeitos participantes da pesquisa, bem como, as características peculiares dos bombeiros, possibilitando um conhecimento mais amplo acerca destes trabalhadores e de suas condições de trabalho, além de uma contextualização sobre esta realidade.



## 8. O HOMEM POR TRÁS DA MÁSCARA

*Das coisas que eu gosto nunca falo,  
E tenho sonhos lindos que não digo a ninguém.  
Não conheço o bom amigo  
E ante os seres humanos só me calo.  
Não temo a morte nem nenhum abalo,  
Mas não vivo a buscar muito perigo.  
Vejo, na face irrosa do inimigo,  
O ódio e mesmo assim tenho de encará-lo.*

*(Costa, 2007, p.106)*

Quem são os bombeiros? Homens<sup>63</sup> fortes, corajosos e ousados, que enfrentam as intempéries e os perigos com destemor? Figuras altruístas, capazes de morrer na realização de seu trabalho? Anjos que velam a segurança dos mortais? Heróis com poderes “sobrenaturais”, hábeis à realização de feitos incríveis e impossíveis? Aqueles que chegam quando todos estão indo? Os que entram nos locais de onde todos querem sair? Ou sujeitos de carne e osso, que são pais, filhos, irmãos, namorados, amigos, homens com sentimentos, emoções e razões, que sofrem, choram, erram, acertam, suam e sangram como todo ser humano?

Eles surgiram em meados do século XIX, “homens, de carne e osso” (Monteiro et al, 2007, p.560), trabalhadores que sentem, gemem e padecem como qualquer outro frente às agruras de seu labor. Porém,

No imaginário social, a palavra “bombeiro”, na maioria das vezes, aparece carregada de um sentido de heroísmo e salvação. De fato, ao ser tarefa de um bombeiro todo e qualquer tipo de salvamento (...), fica subjacente ao título um certo brilho de “super-herói”, um “super-homem” invencível, a solução nas piores tragédias, quando tudo está perdido (Monteiro et al, 2007, p.560).

---

<sup>63</sup> A opção pela palavra “homem”, ocorreu pelo fato de que a inserção de mulheres nesta área de atuação ainda é relativamente pequena. No quartel de Rio do Sul, não há “bombeiras” efetivas, apenas no Projeto Bombeiro Comunitário é que existem mulheres atuando.

Estas concepções foram desenvolvidas frente à atuação profissional do bombeiro, a qual, talvez devido às características peculiares apresentadas, ou pelo seu caráter de auxílio e proteção, ou ainda por estar subordinada ao rígido regime militar, há tempos encontra-se permeada por uma série de idéias que evocam e exalta o heroísmo, a força, o auxílio, a coragem, enfim, adjetivos que circundam de mitos e fantasias um trabalho legítimo, exercido por homens concretos, que lidam cotidianamente com situações reais e verdadeiras.

Os recursos midiáticos, neste sentido, desempenham papel fundamental uma vez que ajudam a divulgar e a transmitir a imagem desta profissão como sendo exercida por super-heróis. Exemplos clássicos desta situação são freqüentemente encontrados em reportagens de jornais e revistas. Entre elas, pode-se citar o Jornal de Santa Catarina<sup>64</sup>, quando, ao noticiar um curso de bombeiros, anuncia: “Escola Forma Heróis da Vida Real”. Outra nota, divulgada recentemente pelo jornal Diário Catarinense<sup>65</sup>, relatou um acidente envolvendo a morte de bombeiros, enfatizando a seguinte manchete: “Os Heróis Mortos”. Estas notícias revelam e ilustram claramente o papel da mídia na mitificação do trabalho dos profissionais bombeiros, implicando na criação de sua imagem profissional.

A mídia procura valer-se de recursos para validar suas concepções, assim, traz o discurso científico como forma de legitimar suas notícias. Este fato é ilustrado, no momento em que utiliza as palavras do médico psiquiatra sobre a morte de bombeiros, afirmando que “São heróis de carne e osso. Quando eles se vão, o cidadão comum se vê frente a frente com uma tragédia grega [...] São pessoas modelares e antagônicas ao egoísmo que todos estão cansados de ver por aí” (Diário Catarinense, 2007, outubro, 11, p.6). A fala de outra psiquiatra e psicanalista que apresenta concepções similares, também serve de embasamento ao discurso midiático, pois ela afirma que “quando centenas de bombeiros e policias morrem no cumprimento do dever, todos ficamos órfãos. Se a morte atinge até mesmo o super-herói, que afasta as ferragens de um caminhão com as próprias mãos para salvar vidas, o que resta aos mortais?” (Diário Catarinense, 2007, outubro, 11, p.6).

Os exemplos citados ilustram, sobremaneira, os mitos e concepções que perpassam o trabalho dos bombeiros, o que traz à tona novamente a questão: “Quem são os bombeiros?” Heróis? Homens? Funcionários Públicos? Trabalhadores? O presente estudo propõe, buscar

---

<sup>64</sup> Jornal de Santa Catarina, jornal do dia 4 de maio de 2005.

<sup>65</sup> Diário Catarinense, jornal do dia 11 de outubro de 2007.

respostas para estes e outros questionamentos, procurando compreender o trabalho e a atividade do bombeiro, a partir de suas falas, vivências e significações.

### **8.1 A escolha por ser bombeiro**

Segundo Marx (1985) a intencionalidade, ou seja, a capacidade de planejar as ações, é característica exclusivamente humana. Convém destacar que esta habilidade de planejamento é essencial na elaboração de projetos para o futuro, através dos quais o sujeito formula planos de atuação sobre a realidade, visando alcançar seus objetivos e proporcionar sua sobrevivência. Assim, todo sujeito vive na dialética, na pluralidade contextual e se constrói à luz de um projeto, pela práxis do cotidiano.

De acordo com Soares (2002), o projeto constitui-se em uma síntese entre objetividade e subjetividade, pois o homem planeja inserido em determinado espaço social e histórico, com base nas relações e situações vivenciadas, que influenciam na construção e manutenção de seus objetivos, os quais são definidos individualmente. O projeto compreende assim, o futuro desejado e o passado vivido, sendo modificado ao longo da existência do indivíduo, de acordo com a realidade na qual se insere no decorrer de sua história.

Ao planejar e realizar suas escolhas, o homem opta de acordo com a construção que fez de si mesmo, das condições materiais vivenciadas, das relações estabelecidas, bem como dos sentidos que atribui aos acontecimentos vividos. No âmbito profissional, as opções geralmente se dão implicadas em determinado contexto, principalmente aquele que está mais próximo de sua realidade e de suas vivências. O processo de escolha da profissão pelos bombeiros entrevistados ocorreu frente a estes aspectos, abrangendo o seu meio sócio-econômico e cultural, os relacionamentos travados e as condições reais em que se encontravam.

Diante disto, constatou-se que a maioria dos bombeiros entrevistada afirma que escolheram a profissão ao acaso, aproveitando as oportunidades do momento, estando, de certa forma, ligada a um projeto maior de sobrevivência, mas sem ser especificamente planejado e delimitado. Assim, eles acabaram ingressando circunstancialmente na profissão, isto é, diante da inevitabilidade da necessidade de trabalhar.

*“... eu ia prestar concurso pra polícia civil, mas daí eu perdi o ônibus, [...] comentando com um primo meu que era polícia civil, ele disse: “- ó que eu sei*

*tem concurso pro bombeiro, por que tu não faz?”[...] Sexta-feira, 4 horas da tarde, fiz a inscrição, daí segunda-feira fiz o teste e aí passei”. (Ricardo)*

Na fala deste sujeito, pode-se perceber que não houve um planejamento em busca de uma profissão, na verdade, seu trabalho atual deu-se como uma segunda opção. Porém, agora *Ricardo* afirma gostar do que faz, a ponto de não querer trocar sua atividade por nenhum outro trabalho.

*“... A princípio eu fiz pra fazer[...] e eu vi que aquilo lá fechou comigo, gostava e hoje se eu sair do bombeiro não sei nem o que fazer.”*

O concurso para bombeiro foi feito como um substituto do projeto inicial de *Ricardo*, mas apesar deste fato, nota-se que houve uma modificação efetiva neste projeto a partir do exercício laboral. Deste modo, desde a inserção neste universo profissional, ele a projetar sua vida através de seu trabalho, uma vez que cotidianamente continua optando por esta profissão, não tendo planos ou anseios de mudar.

Outro sujeito entrevistado, *Gustavo*, diz que: *“Escolhi ao acaso...”*. Porém, conta que esta opção foi permeada pela necessidade e desejo de obter estabilidade empregatícia, o que demonstra que ela não foi tão ocasional assim, uma vez que ele tinha como projeto uma profissão que proporcionasse maior segurança. Este anseio vem ao encontro do cenário de trabalho contemporâneo caracterizado pela informalidade, instabilidade e precarização das relações trabalhistas e onde a procura por carreiras públicas ainda é expressiva, por ser a alternativa mais estável (Coutinho, Diogo & Joaquim, 2007). Assim, ao ir em busca de cargos nos setores públicos, freqüentemente, o sujeito escolhe sem saber ao certo no que consiste o trabalho e suas implicações, visando unicamente contrapor aquilo que observa na realidade atual através de um emprego estável.

Segundo *Gustavo*

*“Quando abriu o concurso em 94, por incrível que pareça, antes de eu saber a respeito do concurso eu nunca nem sabia onde que era o bombeiro na cidade, eu não tinha interesse algum. E fui mesmo pela necessidade e não por dom, acredito que o dom já existia, mas eu não sabia”.*

O ser humano constitui-se como uma síntese inacabada, uma construção constante, aberta, em freqüente movimento. Neste sentido, todos têm, ontologicamente, a possibilidade de atuar, transcender e alterar situações vivenciadas, o cerne da questão é que na maior parte do

tempo o homem não age intencionalmente, ao encontrar-se mergulhado na espontaneidade, interagindo e vendo o mundo a partir dela, sendo assim, absorvido pelos acontecimentos, não transcendendo sua situação, nem escolhendo-se de forma crítica (Maheirie, 1994). A escolha da profissão, muitas vezes, dá-se envolvida neste processo, onde os sujeitos não refletem sobre as implicações e vivências decorrentes de seus atos e de suas atividades profissionais, atendo-se à estabilidade e ao aspecto financeiro<sup>66</sup>, sem observar o quanto isso pode custar-lhe em termos de satisfação e até mesmo de saúde.

Soares (2002) aponta a existência de determinantes nas escolhas<sup>67</sup> feitas pelo sujeito, lembrando que nem sempre ele percebe a presença destas determinações, não tendo ciência de sua importância e forma de atuação no seu processo de escolher. Assim, as escolhas profissionais efetuadas de maneira casual - sem serem projetadas ou previamente analisadas - podem tanto gerar resultados positivos, como resultar em angústias profundas para o trabalhador, quando não consegue conviver com a profissão escolhida.

Entre os entrevistados, pode-se perceber que, apesar de suas escolhas muitas vezes não terem feito parte de seu projeto de futuro, elas levaram-nos a trabalhos que gostam e que não trocariam por nenhum outro. *César* é mais um exemplo de como uma opção não projetada inicialmente, teve bons resultados:

*“Na realidade eu não decidi. Nem queria ser bombeiro. Foi por acaso. [...] eu era taxista, vim trazer um cara pra se inscrever. E nesse dia, era o último dia de inscrição. E o cara pediu pra mim se eu não queria me inscrever pra ser bombeiro. Eu disse: “- não [...] e tal”. E me inscrevi. E coincidiu que eu passei o cara não veio fazer. [...] E um tempo depois, o cara era taxista e eu era bombeiro.”*

O projeto de ser bombeiro, entretanto, já fazia parte da história de vida de alguns destes sujeitos, demonstrando que nem todos escolheram ao acaso. Segundo *Luciano*:

*“Eu tinha um irmão mais velho que já era bombeiro... Então por influência dele [...] Me tornei um”.*

---

<sup>66</sup> A necessidade de um trabalho estável e remunerado são concepções típicas do contexto capitalista de produção, conforme abordagem desenvolvida no item 2.3 deste estudo.

<sup>67</sup> Esta autora destaca que toda escolha encontra-se permeada por determinantes específicos (situação sócio-econômica, aspectos familiares, condições físicas,...) ligados ao meio no qual o sujeito encontra-se inseridos e que exercem implicações sobre o processo de escolha.

A partir desta situação (a escolha feita por *Luciano*), é possível tecer algumas considerações sobre a construção do projeto de vida de cada sujeito. A este respeito Soares (2002, p.76) afirma que “o projeto é (...) o momento que funde num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado, esperado”. E *Luciano*, demonstra em sua escolha este movimento entre o passado (profissão do irmão) e o futuro almejado (ser igual a ele), realizando ações em busca de seus objetivos e metas.

*Ghandi* também demonstra a presença de um projeto de vida como bombeiro e de uma escolha rumo à esta realização, afirmando que

*“Quando eu tava fazendo academia... Eu já tinha interesse pra área de bombeiro [...] Eu sempre tive essa intenção, sempre falei, deixei claro, né? Só que quando eu saí da academia, chegaram e disseram: -“ ó, vocês tem essas unidades pra escolher!”[...] E não tinha bombeiro! Só tinha polícia”*<sup>68</sup>.

Este caso demonstra, de forma efetiva, a presença dos determinantes da escolha citados por Soares (2002), bem como das implicações que o meio exerce sobre as opções do sujeito. Pois, apesar de *Ghandi* projetarem-se como bombeiros, fatores alheios à sua vontade, conduziram-no por caminhos não projetados inicialmente. *Ghandi*, entretanto, nunca desistiu de seu projeto inicial, utilizando, segundo suas afirmações, o seu trabalho como policial para estabelecer contatos e adquirir experiência e conhecimentos úteis ao exercício de bombeiro. Além disso, em diversas ocasiões tentou retomar seus objetivos primordiais, porém sempre tinha algum empecilho ou situação específica interferindo e direcionando suas escolhas. Ele conta que

*“Em 97 ou 96, abriu um concurso interno pra fazer o curso de especialista em bombeiro. Só que daí eu tava casado já um ano e falei com minha esposa[...] e eu vi que ela não quer mudar e aquela coisa toda, né?[...] E acabei que não fiz.”*

Ele continua destacando que

---

<sup>68</sup> Faz-se necessário lembrar aqui que, conforme as explicações desenvolvidas no item 5.2, O Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar formavam uma só instituição, tendo uma escola de formação única. Isto até 13 de junho de 2003, quando a Emenda Constitucional número 33, da Constituição do Estado de Santa Catarina, determinou o desmembramento entre as duas profissões (Comunicação pessoal, 18 de setembro de 2007).

*“Eu trabalhava com um Capitão aqui, que eu me dava muito bem com ele, né? E aí quando eu falei que queria ir pro bombeiro ele disse: “- Não! Pára! Tu tá ficando louco?”[...] Daí ele me infernizou e daí, “- então eu não vou!” Daí acabei não fazendo.”*

Estas ocorrências evidenciam os percursos e “ajustes” que, às vezes, o sujeito tem que fazer em seu projeto, adequando-o às determinações do contexto e das relações estabelecidas, bem como destacam as influências que certos determinantes têm sobre as escolhas pessoais, conforme pode ser percebido nas palavras proferidas pelo Capitão. Porém, através das opções e ações realizadas rumo a objetivos previamente traçados, é possível alcançá-los, ainda que demore um pouco mais que o desejado ou seja necessário fazer algumas modificações. Neste sentido, *Ghandi* afirma que: *“Às vezes o cara passa um pouco pra chegar em algum lugar”*.

Segundo Maheirie (1994, p.121)

Conhecer um homem é situá-lo em suas significações, que estão presentes na totalização em processo, que é a história. Em cada ação, em cada superação de uma situação, das relações concretas, emergem as significações, mediatizadas pelo e em função do projeto.

A partir destas concepções é importante destacar que, apesar de muitos bombeiros terem optado pela profissão de forma eventual, eles acreditam ter obtido êxito em sua profissão e hoje, não desejam trocá-la. Sobre isto Soares (2002) diz que, o projeto se constitui na articulação entre fatores individuais e sociais, sob a ação da dinâmica temporal, implicando sobre a forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o mundo. Neste sentido, as relações que estes bombeiros travaram com o seu universo profissional, culminaram em projetos de vida diferenciados, intimamente permeados pelos relacionamentos estabelecidos com âmbito laboral e pelos sentidos que eles atribuem e outorgam ao seu trabalho.

As palavras e também as reações de todos os entrevistados quando questionados sobre o que os faria desistir de ser bombeiro, vem ao encontro das afirmações tecidas acima, uma vez que a totalidade de bombeiros entrevistados permaneceu em silêncio e ficou sem ação frente esta questão. *Mike*, após longos momentos de reflexão afirmou que:

*“Não sei [...] Não sei. Alguma coisa teria, teria que ser muito, muito crítico mesmo, um extremo muito forte mesmo, pra eu desistir, mas eu não consigo nem citar alguma coisa que poderia me fazer desistir. É difícil”.*

Outros entrevistados, como *Gustavo*, expressam não imaginar uma profissão diferente, que os faria desistir de ser bombeiro e com a qual pudessem se identificar

*“De repente se eu sofrer um acidente ou alguma coisa assim, mais grave. Não que eu desistiria, mas eu não poderia mais ser. Porque pra mim então hoje, é difícil, eu não me vejo em outra coisa, entende? Ah, teve concurso pra policia rodoviária, mas, ah eles ganham mais, mas não me vejo nisso, eu seria um policial frustrado se eu fosse pra lá.”*

*“... jamais vou desistir de ser bombeiro. A não ser que eles me dizem “- ó, a partir de hoje tu não é mais bombeiro.”(César)*

Diante destes depoimentos, pode-se observar que, apesar de terem realizado uma opção por sua profissão, na maioria das vezes, de forma ocasional, através das relações e pelas vivências estabelecidas, atualmente o trabalho adquire um outro sentido para estes sujeitos, sendo parte integrante e essencial de sua vida, sem a qual eles nem pensam mais em viver. Este fato demonstra que, o trabalho faz parte de um projeto de ser destes sujeitos, o qual, conforme Soares (2002), encontra-se embasado tanto no passado - através de sua história com a profissão - quanto no futuro, o qual além de buscar a sobrevivência, está ligado a sentimentos de orgulho e satisfação com a atividade que exercem.

## **8.2 “De homem do fogo a profissionais da emergência”**

A profissão bombeiro possui um lugar social específico, estando, porém, em constante construção e vinculando-se a uma série de singularidades e peculiaridades. Ela surgiu em virtude das necessidades humanas e, no percurso do contexto histórico, vai agregando funções diferenciadas e adquirindo papéis variados. Isto ocorre, principalmente, devido à lógica societal capitalista, a qual proporciona espaço para o surgimento de problemáticas emergenciais diferenciadas, decorrentes, sobretudo, da ganância humana. Acidentes aéreos e de trânsito, enchentes, desabamentos, incêndios florestais, doenças derivadas do estilo e ritmo de vida atual,



compõem, assim, o panorama atual, fazendo mister a presença de profissionais específicos ao atendimento de situações de emergência (Martins, 2004).<sup>69</sup>

Tendo em vista as condições materiais, ligadas à disponibilidade de verbas e insumos para a realização efetiva destes atendimentos pré-hospitalares, os bombeiros, apesar de serem profissionais vinculados à segurança pública, desde a década de 90, são chamados a responsabilizar-se por estes serviços emergenciais. As palavras de *Mozzart* retratam bem estes acontecimentos e levam a considerações sobre as implicações que elas podem acarretar ao bombeiro inserido neste contexto. Segundo ele,

*“[...] o bombeiro antigamente era o homem do fogo [...], quando eu comecei, aí se começou nessa área de resgate e também, logo em seguida a parte de atendimento pré-hospitalar. [...] isso exigiu que o bombeiro modificasse, se aperfeiçoasse. Antigamente era muito mais comum, [...] o cara ficar dentro do quartel 24 horas sem fazer nada, [...] esperando um incêndio. Atendia ocorrência, fazia sua faxina no quartel e mais nada. [...], hoje não acontece isso. Cada um tem suas atividades, que vão aumentando, o pessoal tem que correr atrás de aperfeiçoamento[...]. Então modificou bastante, mas pra melhor.”*

Nestas palavras, pode-se perceber a presença das características do cenário de trabalho contemporâneo ligadas à necessidade constante de qualificação e aperfeiçoamento profissional, visando a manutenção e competição no mercado de trabalho, seguidas pelas cobranças por polivalência e flexibilidade. De acordo com Coutinho (2007, p.58) “cada vez mais vem sendo enfatizada a necessidade de um novo trabalhador: qualificado, autônomo, criativo, polivalente”. Assim, ao estarem inseridos nesta realidade laboral, os bombeiros não conseguem evadir-se de suas exigências, tendo que seguir a lógica que permeia seu âmbito profissional.

As características concernentes ao contexto contemporâneo, de competitividade e concorrência exacerbada são sentidas de várias maneiras no cotidiano de trabalho dos bombeiros. Pode-se observar este fato nas palavras de *Mozzart*, quando afirma que

*“[...] hoje o bombeiro tem que tomar um cuidado bastante grande, em se aperfeiçoar cada dia mais pra não perder o status e a condição que tem hoje, né? Porque hoje está criando muita rivalidade, está criando muitos órgãos de competição. É, é bombeiro militar, é bombeiro voluntário, é bombeiro de*

---

<sup>69</sup> Aspectos detalhados anteriormente no referencial teórico.

*empresas, é SAMU, né? Então hoje está se criando muitos órgãos com a mesma finalidade [...], então só vai sobreviver quem se aperfeiçoar, né? Realmente buscar um aperfeiçoamento pra atender melhor a comunidade. Porque o objetivo sempre qual é? É você atender melhor, da melhor forma [...] a comunidade que paga os impostos e que precisa atender. [...]E o bombeiro tá nessa situação[...] Então, se continuar fazendo o trabalho que vem fazendo até agora e buscando essa técnica, esse aperfeiçoamento, com certeza vai permanecer”.*

Esta fala reflete, sobremaneira, os princípios em evidência no cenário de trabalho atual, regidos pelo discurso da competência, o qual apregoa a competitividade e o desempenho eficiente das funções como forma de não ser substituído pelos demais profissionais. Esta situação faz com que os trabalhadores sintam-se impelidos a um aperfeiçoamento e desempenho constante, a fim de competir e manter-se no mercado de trabalho, evitando assim, a substituição. Outra face da contemporaneidade que contribui para estas ocorrências é a crescente “invasão” das premissas do setor privado nos âmbitos públicos. Deste modo, surge um “novo modelo de gerência pública orientada para o desempenho e a produtividade” (Chanlat, 2002, p. 4), fato claramente ilustrado pelas palavras proferidas por *Mozzart*.

Uma situação paradoxal faz-se presente aqui, pois, apesar das palavras proferidas por *Mozzart* refletirem o discurso da competência (Coutinho, 2007) e os novos modelos de gerência descritos por Chanlat (2002), pode-se perceber que apesar desta nova lógica organizacional que incorre nos serviços públicos, a ética do bem comum - principal característica destes setores - ainda permanece de forma marcante como diretriz e base de seu trabalho, uma vez que os bombeiros colocam como objetivo primordial de seu ofício a satisfação da população atendida, procurando atender a todos indistintamente. Conforme *Ricardo*

*“... eu sou funcionário, eu me sinto funcionário dependente da sociedade. Eu acho que eu tenho primeiro que atender a sociedade, isso é número 1. O que eu tenho na minha mente é atender bem as pessoas que solicitam qualquer coisa pra nós aí, calamidade, cortar uma árvore ou acidente com cachorro trancado, alguma coisa [...]Eu tento ir lá e dar a solução, né? E vi o que tem que fazer. Alguma coisa eu faço.”*

Chanlat (2002), sobre estes aspectos analisados, destaca que a ética do bem comum encontra-se intimamente ligada ao que embasa “a honra de uma profissão” (Chanlat, 2002, p.6). Assim, ele questiona e evidencia o fato de que várias categorias profissionais, como médicos, professores, e, inclusive bombeiros, são motivados e impulsionados por esta ética no desenvolvimento cotidiano de suas ações, o que justifica o discurso promulgado pelos sujeitos da pesquisa a este respeito. O autor ainda ilustra essas afirmações ao destacar a morte de centenas de policiais e bombeiros, no salvamento dos demais, por ocasião dos atentados às Torres Gêmeas. Lembrando ainda que, “estes últimos<sup>70</sup> tornaram-se verdadeiros heróis num país que costuma mandar pra os infernos seus serviços públicos” (Chanlat, 2002, p.6).

O serviço de atendimento às emergências realizado pelos bombeiros, encontra-se assim, enredado na intrincada rede de contradições sociais decorrentes do capitalismo contemporâneo, sendo que estes profissionais juntamente, com demais trabalhadores do atendimento pré-hospitalar, vendem sua força de trabalho como qualquer outro sujeito, porém as diferenças advêm das práticas efetuadas no mercado de trabalho, ou seja, das especificidades das atividades realizadas, bem como dos resultados finais de sua atuação. Eles contribuem à lógica capitalista ao preservarem e manterem a força de trabalho em “perfeitas condições de uso”, através da atuação rápida e eficiente, na hora e local das ocorrências, porém, suas metas estão, além disto, valorizando o ser e a vida humana.

Frente às alterações “sem precedentes na história do capitalismo”, em função dos aspectos já mencionados, os “diferentes atores sofreram reconfigurações e mutações” (Barbosa, 2005, p.122). Assim, a ética promulgada pelos setores públicos, caracterizada pela “imparcialidade, o tratamento igualitário e o interesse geral correm o risco de desaparecer a longo prazo em benefício de mecanismos cada vez mais mercantis” (Chanlat, 2002, p.6). O Estado, outro ator do cenário social, também apresenta mudanças distintas no contexto atual e, uma delas constitui-se na nova ordem denominada de “Estado mínimo”, a qual apregoa “o esgotamento de seu papel como agente promotor do bem-estar social”(Barbosa, 2005, p.122). Este fato retira a responsabilidade que o Estado tem para com os cidadãos e coloca-a de forma cada vez mais efetiva sobre as entidades particulares e privadas, ocasionando mudanças diferenciadas.

Sobre estes aspectos Tolfo e Coutinho (2007) destacam que a privatização e o enxugamento das empresas estatais podem ocasionar implicações variadas sobre os trabalhadores

---

<sup>70</sup> Referindo-se aos bombeiros.

inseridos nesse processo, os quais precisam enfrentar uma realidade diferenciada de trabalho e vida. No Corpo de Bombeiros este fato não se concretizou, porém, suas repercussões puderam ser sentidas em vários aspectos, principalmente a partir a emergência de instituições privatizadas e de bombeiros voluntários e, além da participação cada vez mais reduzida do Estado no cumprimento de seu papel.

Pode-se notar que, primeiramente, ampliou-se o campo de atuação dos bombeiros, colocando os atendimentos às emergências sob sua responsabilidade, depois, há um deslocamento destes serviços para os setores criados recentemente, como é o caso do SAMU. Segundo a opinião de alguns bombeiros do campo de estudo, seria mais prático, útil e vantajoso que os investimentos fossem feitos no Corpo de Bombeiros, uma vez que já possuem treinamento, experiência e materiais adequados à realização destes atendimentos, ao invés de disponibilizar verbas para um novo campo e área de atuação. Sobre isso, *Ricardo*, diz que O Estado deveria apoiar mais, principalmente financeiramente, os serviços que eles prestam, uma vez que

*“... o bombeiro podia prestar muito mais serviço tendo o apoio do Estado. Poderia prestar bem mais serviço à comunidade, mas isso falta a contrapartida do Estado. Olhar o bombeiro não como um, só gasto, mas sim como um benefício da sociedade. Eu acho que isso que falta.”*

Esta fala aponta que apesar da lógica do “Estado mínimo”, apregoada atualmente como uma forma de superar as crises no capitalismo, o Corpo de Bombeiros, por ser ainda uma entidade estatal, dependente de insumos governamentais, necessita deste apoio e amparo. Assim, os serviços prestados pelos bombeiros podem ser bem melhores,

*“... na hora que tiver um Estado mais voltado à sociedade e menos pra interesses políticos e mais pra sociedade. Essa é minha idéia.” (Ricardo)*

Ao colocar a responsabilidade dos atendimentos emergenciais sob incumbência dos bombeiros, é preciso, pois, disponibilizar recursos para a realização de um trabalho eficiente e eficaz, que realmente atenda seus objetivos primordiais, qual seja, a preservação e manutenção da vida humana, ou, sob o prisma capitalista, a conservação da força de trabalho. O que ocorre, porém, é que primeiramente o Estado determinou sua atuação nesta área distinta – de atendimentos emergenciais - e somente depois atitudes práticas vão sendo tomadas, no sentido de providenciar condições adequadas.

*“... hoje deveria ser melhor valorizado a parte política do governo. Eu acho, o bombeiro na verdade eles pensam, só despesa,[...], mas não olham o lado de que presta serviço pro povo, né? Então, eles deviam se preocupar mais com isso. Eu acho que o bombeiro podia prestar muito mais serviço tendo o apoio do Estado. Poderia prestar bem mais serviço à comunidade, mas isso falta a contrapartida do Estado.”(Ricardo)*

Estes fatos ocasionam formas diferenciadas de conotar sentido ao trabalho, pois apesar de estarem inseridos em uma realidade capitalista, regida por aqueles que possuem os meios de produção, os serviços que os bombeiros prestam dependem de políticas públicas e de trâmites estatais. Neste sentido, os entraves tendem a aumentar, tendo em vista a “distância” existente entre os bombeiros e seus superiores, no caso, o Poder Público. Além disso, ao estarem subsumidos ao regime militar, as normas trabalhistas adquirem uma especificidade ainda maior. Estas situações podem, entre outros aspectos, dificultar o processo de negociação das condições de trabalho e implicar sobre a realização das atividades profissionais.

De acordo com Marx e Engels (1996), as maneiras utilizadas pelo homem para gerir sua existência variam em decorrência da realidade social e natural com a qual ele depara-se, bem como das condições que precisa elaborar para sua sobrevivência. Assim, “o que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção”. (Marx & Engels, 1996, p.28). Tendo em vista a realidade vivenciada, de acordo com as entrevistas, os meios de trabalho e as condições materiais necessárias à realização do ofício dos bombeiros - viaturas, instrumentos, aparelhos, instalações, salários, funcionários –, precisam estar adequadas ao seu contexto, ajustando-se às suas necessidades e estando em consonância com os objetivos de seu trabalho, a fim de melhor atender às demandas populacionais.

É importante destacar que, além dos aspectos materiais necessários para a elaboração do trabalho, existem condições variadas sob as quais seu ofício encontra-se subsumido e com as quais eles precisam lidar e conviver. É essencial, assim, analisar como estes profissionais se relacionam com seu trabalho frente às maneiras sob as quais precisam atuar, pois além de lidarem com um conjunto adverso de situações – clima, tempo, pressa, tragédias, perigo, cobranças, sofrimento – eles tem que conviver e adaptar-se às condições de trabalho presentes, as quais nem sempre estão em consonância com suas necessidades fundamentais e com os objetivos de seu ofício. Deste modo, o próximo capítulo busca compreender, frente ao contexto de trabalho

apresentado, bem como a todas as situações desenvolvidas até aqui, o que significa para estes profissionais seu trabalho, seu emprego e sua profissão, enfim, apreender quais os sentidos do trabalho para os bombeiros, o que significa o “ser bombeiro” para estes trabalhadores.

## 9. “BOMBEIRO NÃO É HERÓL...”<sup>71</sup>”

*O Universo não é uma idéia minha.  
A minha idéia do universo é que é uma idéia minha.  
A noite não anoitece por meus olhos.  
A minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.  
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos  
A noite anoitece concretamente  
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.*

*(Caeiro, 2006, p.68<sup>72</sup>)*

### 9.1 O que significa “Ser Bombeiro”

Frente às compreensões desenvolvidas até este capítulo, é basilar a idéia sobre o local central que o trabalho ocupa na esfera social e o papel essencial que ele representa na constituição dos sujeitos. Assim, é imprescindível que a atividade profissional seja tomada sob o foco das implicações que acarreta para os indivíduos, observando como ocorre a rede de tecimentos dialéticos estabelecida entre o homem e seu ofício. Neste contexto, devido à necessidade e importância da intervenção imediata no âmbito das emergências e desastres, torna-se fundamental compreender os sentimentos e vivências dos profissionais que atuam nesta área específica. Tendo em vista o foco deste estudo, o objetivo é analisar os sentidos do “ser bombeiro” (Monteiro et al, 2007, p.560), ou seja, entender como estes profissionais relacionam-se com seu trabalho e as significações que eles desenvolvem no transcurso deste processo.

Para entender o homem e seus modos de significação, porém, há necessidade de analisá-lo inserido no processo constante e ininterrupto de produção e reprodução, oriundo do sistema capitalista, bem como, as implicações que este movimento acarreta à sua constituição como sujeito. É preciso, pois, “espiar” por detrás da fumaça que encobre a atuação do bombeiro e compreender como esses trabalhadores dão sentido às ações executadas no trabalho, frente ao contexto contemporâneo de produção, às suas condições materiais de existência e às exigências típicas de sua profissão.

A atividade profissional dos bombeiros encontra-se intimamente atrelada às concepções socialmente determinadas, uma vez que por serem funcionários públicos e prestarem

---

<sup>71</sup> Afirmação do sujeito da pesquisa *Mozzart*.

<sup>72</sup> Caeiro em Pessoa, 2006. Para maiores informações ver referências.

seus serviços à sociedade, estão subordinados às demandas sociais e políticas e aos desígnios estabelecidos por estes âmbitos (Oliveira & Toassi, 2005). Ademais, sua atuação é intimamente dependente de políticas públicas, que, freqüentemente, são deficientes e despreocupadas com outras necessidades, que não sejam aquelas relacionadas diretamente aos objetivos primordiais do capital (Martins, 2004). Deste modo, estes aspectos vão ser constituintes dos modos de ser, bem como dos sentidos que os bombeiros vão atribuir ao seu trabalho. Convém lembrar que, no subcapítulo 3.1<sup>73</sup>, após uma análise epistemológica acerca das categorias *sentidos* e *significados*,<sup>74</sup> definiu-se a vertente teórica sob a qual este estudo foi pautado. Assim, de modo geral, sentidos refere-se a aspectos mais subjetivos e particulares, enquanto os significados estariam atrelados aos conhecimentos socialmente edificados. Porém, é necessário ressaltar a relação de dupla constituição dos termos e sua indissociabilidade.

Pelas falas dos entrevistados, pode-se perceber que os sentidos que outorgam ao seu trabalho, encontram-se inexoravelmente permeados pelos significados socialmente produzidos. Deste modo, suas compreensões apresentam diferenças e similaridades, numa ciranda ininterrupta e dinâmica entre o singular e o plural, sendo que ora os sentidos de cada bombeiro assemelham-se entre si, ora são bastante distintos. Assim, um mesmo sujeito, em seu discurso, apresenta concepções e significações diversificadas do trabalho, refletindo estas situações. Portanto, pelos depoimentos disponibilizados é possível tecer considerações sobre o que significa para os sujeitos, o “ser bombeiro”, seus sentidos a respeito da profissão, suas concepções, enfim, como percebem, sentem e vêem o trabalho que realizam e a categoria à qual pertencem.

*“É gratificante. Estar numa profissão, vamos resumir, estar numa profissão que você tem um salário, certo? Que você gosta de fazer e que você está agradando as pessoas, porque você está no trabalho do auxílio, não existe coisa melhor. Mas, é. É raro uma profissão que você goste, que te dê um salário que você não reclame e que as pessoas gostam que você faça.” (Mozzart)*

*“Aqui na companhia, trabalhar como bombeiro é[...] é a realização de uma vida, é um sonho que eu tinha e consegui. Como também era um sonho, pra mim, me formar em direito, nunca tive oportunidade, venho de uma família humilde,*

---

<sup>73</sup> Ver página 33.

<sup>74</sup> Grifos da autora para dar melhor visibilidade aos termos.



*aqui no bombeiro deu a [...] parte financeira, a parte psicológica pra eu fazer uma faculdade. Entende? Então pra mim o bombeiro hoje é tudo”. ( Luciano)*

Estas palavras demonstram a abrangência que o trabalho tem na vida do ser humano e as maneiras pelas quais o sujeito se constitui através do exercício profissional. Para este bombeiro o trabalho foi a forma pela qual ele teve acesso ao estudo e, quando ele destaca que possibilitou, inclusive, “*parte psicológica pra eu fazer uma faculdade*” (Luciano), pode-se perceber o alcance e a amplitude que a esfera do trabalho teve para este indivíduo ao proporcionar-lhe confiança, segurança, incentivo, coragem, enfim, benefícios além dos financeiros. Entretanto, os dois sujeitos apontam a questão da remuneração, aliada a outros elementos intrínsecos do ser bombeiro. Este fato remete à lógica do trabalho assalariado, remunerado, derivada do modo capitalista de produção. Assim, ao estarem inseridos neste contexto, apesar de valorizarem outros aspectos, além dos econômicos, os bombeiros não escapam à racionalidade do capital, apresentando-a também em suas falas.

Em outras pesquisas realizadas na área do trabalho, também é possível observar a associação feita entre remuneração e o sentido intrínseco à lógica capitalista, que os trabalhadores acabam conferindo ao seu ofício. Como fonte de ilustração deste fato, o estudo desenvolvido por Coutinho et al (2007) com servidores de uma universidade pública, vem demonstrar que, apesar de sentirem prazer na realização do trabalho e verem-no como modo de acesso a uma série de condições, além das monetárias, os servidores afirmam ser inegáveis os benefícios financeiros derivados de sua atuação profissional. Nas concepções apresentadas pelos bombeiros, pode-se perceber igualmente, a ocorrência desta situação, uma vez que eles indicam um entrelaçamento entre o trabalho tido como meio de obtenção de prazer, reconhecimento e aprendizado, mas também visto como uma maneira de suprir suas necessidades básicas, através do salário recebido.

As compreensões elaboradas pelos trabalhadores, refletem o fato - conforme lembra Tolfo et al (2005) – de que em função do contexto social e histórico, o conceito de trabalho sofre alterações, levando os sujeitos a modificarem os sentidos atribuídos a ele, em função da convivência com essa realidade. Assim, “na sociedade moderna, o trabalho passa a ser compreendido como um esforço coletivo no qual todos teriam que participar” (Tolfo et al, 2005, p.2), passando a assumir um caráter de centralidade na vida do ser humano. Isto faz com que ele deixe de ser apenas um meio para alcançar um fim, no caso a sobrevivência, sendo tido também, como uma forma de obter status, reconhecimento, acesso ao poder, auto-realização - conforme

verificado nas falas dos bombeiros -, além de implicar sobre a constituição dos sujeitos, ao vivenciarem suas premissas.

As concepções desenvolvidas até este ponto, demonstram certo imbricamento entre as esferas pessoal e profissional, pois, pode-se notar através das entrevistas, o sentimento de “pertencimento” dos bombeiros ao local onde atuam, de ser e fazer parte daquela instituição, não se constituindo como um mero coadjuvante ou espectador do processo de trabalho. Pode-se perceber então, o quanto o trabalho passa a fazer parte da vida dos sujeitos, sendo visto além do campo profissional, ao ter uma abrangência global sobre o ser humano, inserindo-se nos vários âmbitos em que ele transita. Nas palavras de Luciano *“Ser bombeiro é estar em casa”*...

De acordo com Codo et al (1993, p.163), esta proximidade entre as esferas – profissional e particular - pode levar ao que ele chama de “transformação do evento privado em evento público”, uma vez que a vida do sujeito passa a ser intimamente atrelada à sua atuação profissional, cujas conseqüências tendem a reduzir os níveis de privacidade do trabalhador. Neste sentido, os entrevistados destacam que, mesmo quando se encontram de folga, eles são vistos e cobrados como bombeiros, ou seja, inclusive nessas horas a população solicita seus serviços e espera ter suas expectativas atendidas, independente deles estarem ou não de plantão. Além disso, seu comportamento fora do âmbito profissional também é observado e analisado continuamente, resultando em comentários e reclamações ao Comando Superior, sendo, até mesmo, passível de punições.

A fala de Ricardo vem ao encontro destas situações quando ele ratifica que sua profissão vai além do trabalho, constituindo-se como um modo de ser, uma forma de viver e estabelecer relações.

*“Não existe ex-bombeiro. Não esquece mais que tu aprendeu [...] olhou um acidente tem que estar lá, no meio, né? Se tiver algum fogo corre lá, né? Pros teus vizinhos tu sempre é bombeiro, mesmo se estiver de folga e tal. Por isso que eu digo, emprego não é só quando eu to aqui, no meu emprego, ele se estende além, à vida da gente.”*

A atividade profissional do bombeiro estende-se, deste modo, a todos os âmbitos de sua vida, não só a partir das identificações institucionais, mas também, devido às demandas que englobam seu cotidiano. Ao saberem que seu ofício é regido pela lógica do serviço público, a qual preconiza a inexistência da figura de um “patrão” específico, colocando-os como servidores da

sociedade, as exigências sobre o desenvolvimento de seu trabalho tendem a ser maiores ainda. Este fato pode conduzi-los a cobranças exacerbadas sobre si e sobre os colegas, bem como por parte da população, que passa a determinar a realização de suas funções mesmo em seus momentos de lazer. Deste modo, o trabalho passa a ter uma abrangência global na vida destes sujeitos, circunscrevendo-a em vários momentos e esferas.

As palavras de *Mozzart* refletem bem os aspectos ligados às exigências que o trabalho do bombeiro pode evocar:

*“Eu acho que, talvez, ainda, algumas pessoas dentro do nosso grupo, ainda deveriam ter um envolvimento maior, né? Um envolvimento maior no objetivo final. O objetivo final o que que é? É você montar toda uma estrutura pra atender o público lá, da melhor forma, né? Porque na verdade, tudo que se faz aqui, na minha opinião, o objetivo tem que ser sempre o atendimento lá fora do cidadão que paga imposto. E eu acho que todos deveriam pensar desta forma.”*

A respeito destes relacionamentos estabelecidos, pode-se recorrer a Chanlat (2002) para tecer algumas considerações. Segundo o autor, os funcionários públicos tendem a seguir a lógica e a racionalidade deste sistema, o qual se encontra permeado pela “ética do serviço público, que força o funcionário a deixar de lado suas posições pessoais,... (Chanlat, 2002, p.6)”, sendo que estes princípios encontram-se embasados na “ética do bem comum”,<sup>75</sup> a qual está calcada sob os preceitos de igualdade de serviços a todos os cidadãos. Este parece ser o caso deste campo de estudo, uma vez que os bombeiros buscam suprir sempre as necessidades da população, procurando atender a todos indistintamente, no momento que precisarem.

A partir da manutenção destes princípios éticos, nos quais o trabalho do bombeiro - por pertencer ao setor público - está calcado, o sofrimento destes profissionais com relação às cobranças da população tem possibilidades de ser ainda maior, uma vez que, os serviços públicos tendem a ser permeados por discursos ligados à tranqüilidade e ociosidade bem remuneradas (Chanlat, 2002). Estas ocorrências podem levar as pessoas a exigirem ainda mais destes trabalhadores, principalmente, ao se considerarem seus “patrões”. Assim, as palavras de *Ricardo* vêm prestar maiores esclarecimentos acerca destas relações e de como os bombeiros lidam com as requisições constantes da população.

---

<sup>75</sup> Conceito já destacado anteriormente.

*“... fazendo o melhor possível pra dar um desfecho na ocorrência e deixar a pessoa que solicitou o serviço contente, pelo menos. E tentar ajudá-la o máximo possível, porque a gente, na verdade, tem que servir à comunidade, esse é meu maior lema. Eu sou empregado do povo!”*

Mozzart apresenta outras contribuições sobre uma peculiaridade do seu campo de atuação, que, de modo geral, não pode ser atribuída a outros locais mantidos pelo Estado. Ele fala da ausência de ações político-partidárias em seu trabalho, destacando a ética do bem comum apresentada por Chanlat (2002), fato que na realidade contemporânea encontra-se cada vez mais complicado de ocorrer, principalmente, devido à lógica capitalista e empresarial privada, a qual se insere de forma efetiva nos setores públicos, modificando seus objetivos e modos de organizar o processo de trabalho.

*“... o bombeiro militar funciona bem porque não existe política interna no meio [...] Não to falando na questão interna, to querendo dizer no nosso atendimento com a comunidade. Se nós temos que atender alguém, ninguém vai perguntar se é do partido tal, do partido tal, do partido tal, ou se é de crença tal. Nós vamos atender todos da mesma forma, independente de quem seja, né? E até internamente aqui, no nosso trabalho que é desenvolvido todo aqui dentro, não tem anda a ver com isso. Não tem regalias e privilégios pra ninguém. Não tem nada de cunho político”.*(Mozzart)

Sobre os aspectos abordados até aqui, Chanlat (2002, p.4) destaca que “na realidade do trabalho cotidiano, podem ser observadas configurações múltiplas”. Isto denota que, de acordo com a situação, momento e com os relacionamentos instituídos, o sujeito vai significar seu ofício de forma diversificada, realizando-o de modo diferenciado. É possível notar então, que as mudanças contemporâneas alteram os sentidos do trabalho, mas que esse processo é dinâmico, contínuo e não linear, caracterizando-se por avanços e retrocessos frequentes. Assim, os sentidos que o sujeito desenvolve, ora remetem às significações contemporâneas, como, de forma concomitante, podem conduzir a concepções oriundas de períodos anteriores. Tendo em vista estes aspectos, o trabalho tanto pode constituir-se como fonte de orgulho, satisfação, realização, bem como, ser tido como forma de tortura e castigo.

As variadas conformações elaboradas entre o trabalhador e seu ofício, segundo Chanlat (2002), vão originar-se das relações que ele institui com o trabalho, a partir do nível de autonomia

que este possibilita, da carga que ele representa, bem como, do reconhecimento que desperta e do amparo social que recebe. Assim, quanto mais próximo de elevados graus de reconhecimento, autonomia e amparo o sujeito estiver e mais distante de cargas excessivas de trabalho, melhores serão as relações que ele estabelece com seu trabalho, o que vai implicar de forma positiva sobre os sentidos que ele outorga. A questão ligada ao reconhecimento, por ser considerada de forma recorrente nas falas dos sujeitos, será, então, o ponto de partida desta análise.

*Gustavo* destaca que o mais gratificante em seu trabalho é exatamente o reconhecimento que ele propicia

*“Não o reconhecimento dos companheiros, mas sim da vítima, né? Quando tu consegue efetuar um bom socorro, um bom salvamento”.*

*“O mais gratificante eu acho que é quando você consegue realizar um trabalho bem feito, seja em qualquer área. [...] a área que mais representa o agradecimento imediato por parte da população, é aquele atendimento emergencial, principalmente pelo atendimento pré-hospitalar, né? Se você atende um acidentado, se você atende uma pessoa doente, leva o retorno imediato do agradecimento das pessoas. Existem outras atividades que também existe um reconhecimento, às vezes não tão imediato, [...] o gratificante é isso, né? É você realizar um trabalho e ser reconhecido por este trabalho.” (Mozzart)*

*Mozzart* também concorda com o colega quando assinala que este reconhecimento está mais ligado às pessoas atendidas e não apenas aos seus superiores e colegas.

*“Não ser reconhecido pelas pessoas que estão dentro da sua área, ou seja, dentro de seu ambiente de trabalho, porque é muito fácil isso, né? O mais difícil é você ser reconhecido pelas pessoas que você atende. E o bom é quando você consegue isso.”*

Abdoucheli, Dejours e Jayet (1994) também apontam o reconhecimento como fator fundamental para o prazer ou sofrimento no trabalho. A este respeito, Chanlat (2002) lembra que nos últimos tempos existe uma tendência à rotulação dos funcionários públicos, como sendo ineficientes e improdutivos, trabalhadores com serviços de fácil realização e altos salários. As próprias palavras de um dos bombeiros ilustram este pensamento a respeito dos serviços públicos:

*“Tu podes estar empregada e não trabalhar. Existem atividades públicas que são... tem emprego e não tem trabalho. Tu sabe muito bem disso. Por exemplo,*

*de um cargo comissionado, o cara tá empregado, mais muitas vezes, não todos, mais muitos não trabalham”.(Luciano)*

No Corpo de Bombeiros, porém, os entrevistados dizem estar realmente trabalhando e fazendo o melhor que podem. Deste modo, eles sentem-se valorizados e reconhecidos pela população e pelos serviços que prestam, ainda que, em determinados momentos, sejam alvo de exigências e reclamações, muitas delas, em situações além de seu alcance e possibilidades. O trabalho dos bombeiros difere, assim, de outros âmbitos públicos, os quais, pelas características, preconceitos e rotulações que evocam, fazem com que seus funcionários apresentem um discurso acerca da “invisibilidade” e da falta de reconhecimento por parte da população<sup>76</sup>.

Pelas afirmações dos bombeiros, portanto, a questão apresentada por Chanlat (2002) a respeito do reconhecimento, bem como, da importância do amparo social, também é destacada como um aspecto positivo de seu trabalho.

*“A sociedade, em primeiro lugar, eu acho que ela vê nosso trabalho com grande respeito. Ela vê com grande respeito, justamente porque, porque na nossa área você não vê, problemas que a você vê em diversas áreas, né? É, escândalos, etc [...] Então o corpo de bombeiros, não vou dizer que uma vez ou outra não existe[...] Só por este fato, da gente estar fazendo um trabalho bem-feito, então, a gente, existe um reconhecimento por parte da comunidade.”(Mozzart)*

O reconhecimento, o amparo e a aceitação dos familiares à escolha de sua profissão, também constitui-se como uma fonte de prazer para estes trabalhadores, contribuindo para os sentidos que eles vão outorgar ao “ser bombeiro”.

*“... eu acho que a minha família gosta muito do que eu faço. Desde a minha irmã, meu pai, minhas filhas, né? Toda hora dizendo na creche: “- o pai é bombeiro!”E coisa. E então, é isso que anima mais ainda, né? Minha esposa também gosta. A gente se conheceu sendo bombeiro e gosta da minha profissão. Então isso é gratificante. Sabendo que tua família está a favor de tua profissão e dá apoio, isso é gratificante. Sentem orgulho.” (Ricardo)*

---

<sup>76</sup> Este fato pode ser observado por Coutinho et al (2007), na pesquisa desenvolvida com servidores públicos de determinada Universidade pública.

*“A minha família sempre adorou a minha profissão de bombeiro né? [...] Eles sentem o maior orgulho pelo fato de eu ser bombeiro né? Não pelo fato de eu ser bombeiro, mas pelo trabalho que eu faço aqui...” (Mozzart)*

*Gustavo* também concorda com a compreensão do seu colega quando exalta o reconhecimento social de seu trabalho e afirma que vê sua profissão

*“Com bons olhos, como todo mundo vê, né? Hoje, pra ti ter uma idéia, nós somos a profissão mais valorizada, diante de, 4 anos que é feita a pesquisa, se não me engano na revista Veja. Nós estamos na frente até de piloto de avião e de médico. Então, é um reconhecimento que não é só meu e sim de todos, né? E dos que trabalham nessa área.”*

Sobre estes aspectos *Gustavo* compara seu trabalho ao do policial e tenta justificar o reconhecimento que a população tem:

*“É, eu acredito que todo mundo gosta, porque de certa forma o bombeiro só faz o bem. De certa forma. É claro, que nem o policial, o policial, não é que ele faça o mal, é que ele tem que reprimir às vezes, né?”*

*César* possui opinião similar sobre a imagem do bombeiro perante a sociedade, pois diz que

*“Ah! É muito gratificante, né? Somos bem vistos pela comunidade, somos bombeiros, bem treinados. É um bom trabalho, né? [...] Eu acho que vê nós muito bem, entende? Nosso trabalho, a gente é elogiado quando tem uma ocorrência e procura sempre acertar. Ninguém é perfeito, mas [...] A gente procura fazer o máximo.”*

Ao lembrar que o ser humano é passível de erros e falhas, por não ser “perfeito”, bem como ao enfatizar o treinamento, *César* traz à tona as questões ligadas ao heroísmo, as quais – conforme visto anteriormente<sup>77</sup> - são constantemente atreladas ao seu trabalho e enfatizadas, segundo os sujeitos, principalmente pelos meios de comunicação. Porém, ao contrário do que é veiculado pela mídia e das concepções desenvolvidas pela população, eles não se vêem, nem se sentem como sendo super-heróis.

*“... as crianças julgam, até porque a mídia trabalha muito em cima disso. Até hoje tem desenho, que pode ver é pras crianças, elas assistem ai o desenhinho de*

---

<sup>77</sup> É interessante lembrar que esta discussão encontra-se no capítulo 7 deste estudo.

*carrinho de bombeiro, que fala e tal. Então, é uma coisa assim bem ilustrativa, ai a piada crê que o bombeiro seja um herói.” (Gustavo)*

Mozzart tenta elucidar e justificar o desenvolvimento destas concepções heróicas acopladas ao seu trabalho, bem como explicar suas percepções sobre sua profissão, quando diz que

*“... muitas pessoas acham o bombeiro herói. Bombeiro não é herói, bombeiro é um profissional bem treinado. É bem diferente, né?... então talvez antigamente se fosse mais heróico, por quê? Porque você ia prum incêndio sem roupa, é... Própria, né? Você fazia resgate veicular sem equipamentos adequados, então, correndo o risco maior. Fazia mergulho sem cursos mais aprofundados da área, isso se fazia. Mas é claro, a gente fazia também dentro de uma margem de segurança, então, mas sempre bem treinados. Não existe essa coisa de super-herói. Nós somos profissionais bem treinados.”*

*“Ser bombeiro? É uma pessoa que tem um pouco mais de coragem que alguns, pra, sei lá, pra ajudar o próximo. Onde todo mundo quer sair ele tá querendo entrar pra salvar as outras pessoas, né? Onde ninguém quer tá, ele tem que ir e sempre profissional, né?” (Adriano)*

A ênfase no treinamento – que aparece em várias das falas dos sujeitos, sobre tópicos variados, não apenas neste - parece ser uma tentativa de desmitificar o trabalho realizado e colocar os atos considerados heróicos como atitudes “normais”, inerentes à profissão bombeiro, os quais, qualquer pessoa com treinamento específico poderia desempenhar. Talvez por este fato, muitas vezes os bombeiros são tidos como heróis, por conseguirem “tolerar” e conviver com certas situações que alguns não conseguem ou acreditam não poder agüentar. Porém, *Mozzart* busca apresentar uma justificativa diferenciada sobre as concepções heróicas desenvolvidas, vendo-a sob outro ângulo.

*“... muitos ainda vêem o bombeiro como herói. Por quê? Pelo fato da gente atuar nas horas difíceis, né? E porque, eu digo sempre que às vezes, você chama o bombeiro na hora que você não tem mais nada, ninguém pra recorrer. Quando você não tem mais ninguém pra chamar, numa situação difícil você chama*



*quem? Chama o bombeiro. E talvez por este fato, muitas pessoas acham que a gente é super-herói.”*

Sobre esta perspectiva, pode-se remeter às concepções desenvolvidas por Sawaia (1995) a respeito das crenças que a população desenvolve, através dos relacionamentos estabelecidos cotidianamente, acerca de suas possibilidades de atuação sobre o contexto no qual se encontra inserida. Deste modo, a maioria do povo acredita não ter recursos emocionais suficientes para desempenhar alguma ação concreta a fim de alterar suas condições reais de existência, tendo em vista sua falta de amparo externo, de apoio subjetivo e ainda devido ao pouco controle que detém frente à imposição da realidade. Estas ocorrências conduzem os indivíduos a uma posição de impotência perante sua situação atual, acreditando-se impossibilitados e não se vendo como capazes de realizar algo para transcendê-la e modificá-la. Isto faz com que mantenham atitudes resignadas, sem postura de ação e enfrentamento.

Tendo em vista as premissas desenvolvidas, a tendência é que a população, ao sentir-se desamparada e impossibilitada, procure auxílio em quem está mais próximo de seu contexto e de certa forma mais “ disponível” à sua realidade. Responsabilidade esta que muitas vezes recai sobre os bombeiros. Porém, estes profissionais ratificam que

*“... a grande maioria do povo sabe que é um ser humano comum, de carne e osso e sujeito a tudo.” (Gustavo)*

Apesar desta compreensão, Luciano diz que a profissão de bombeiro constitui-se como sendo

*“... uma atividade que tá sempre no fio da faca, né? De repente, tu nega um corte de árvore para uma pessoa, ela vai falar mal do bombeiro, ou se nega um atendimento que não era emergencial, ela vai falar mal do bombeiro, isso é natural do ser humano. Agora num modo geral, num modo geral eu vejo que a sociedade gosta e gosta muito do bombeiro...”*

A partir destas concepções, pode-se tecer considerações acerca do nível de autonomia que o trabalho como bombeiro possibilita, pois, principalmente nos atendimentos emergenciais, a cada profissional só é permitido realizar o que recomendam as diretrizes e preceitos de APH (Atendimento Pré-Hospitalar), bem como as normatizações de trabalho de seu regulamento disciplinar. Qualquer intervenção que “fuja” à prescrição destes protocolos pode ser rigidamente punida, segundo as determinações do regime militar, sob o qual se encontram submissos. Porém, este ponto parece não “incomodar” os bombeiros, servindo de apoio e referência ao seu exercício

profissional, ademais, “os atores recompõem em certa medida o prescrito para poder cumprir seu trabalho em situação” (Chanlat, 2002, p.5).

Aqui, é oportuno lembrar que entre os “fatores que fazem com que um trabalho seja interessante...” (Chanlat, 2002, p.4), encontra-se a “carga” que ele representa ao sujeito, isto é, como ele atua, vê, sente e significa tudo que precisa realizar e vivenciar no decorrer de seu turno de trabalho. A este respeito Sato (1995) diz que é preciso haver um equilíbrio entre a familiaridade do trabalhador com seu ofício, o poder de atuação que ele possui e o limite subjetivo de cada um. A partir da ocorrência de rupturas entre os diversos níveis que regulam sua situação, as exigências do serviço tornam-se maiores do que o indivíduo consegue suportar, podendo ocasionar implicações variadas. Assim, as cobranças da população - que por sentirem falta de apoio acabam solicitando ações além das funções dos bombeiros-, e as demais demandas próprias de seu ofício, podem ser um dos fatores responsáveis pela “carga” que estes profissionais precisam administrar em seu cotidiano de trabalho, tornando-se, então, um fardo excessivamente pesado de carregar.

Algumas das falas apresentadas, entretanto, demonstram que eles compreendem as angústias e requisições da sociedade e procuram não deixar este fato interferir na realização de suas funções e implicar sobre suas significações.

*“A gente tem que saber se botar no outro lado também, né?Então né?Eu também já sofri acidente e tal, então um minuto lá no local do acidente parece uma hora. Então, a gente tenta lá acalmar a pessoa, pra não agredir[...] “-Levou só alguns minutos, mas parece que foi bastante, né?”E até ali fazer o melhor possível, fazer o trabalho nosso bem feito[...]Daí no final gente inverte a situação e deixa a pessoa contente também, ou às vezes, claro, a casa pegou fogo e tal, mas tenta consolar a pessoa, né?”( Ricardo)*

*“... quando dá você explica como é que está sendo feito o trabalho, o que que tá sendo feito e como é que foi feito o trabalho, né? E o cara sabe que não é tão fácil assim, né?[...] A gente vai fazer o nosso trabalho sempre da melhor forma, sem deixar as opiniões externas influenciar...”(Mozzart)*

A ênfase na realização do trabalho e no alcance dos objetivos é evidenciada nessas falas. Além disso, os entrevistados ainda afirmam que tentam não deixar as opiniões negativas

interferirem sobre seu desempenho profissional, pois, acreditam estar fazendo o melhor possível para o cumprimento de suas obrigações. Ademais, eles buscam esclarecer e orientar a população a respeito de sua atuação, além de trabalhar preventivamente, almejando evitar que as tragédias aconteçam. Segundo os bombeiros, o mais importante é conseguir exercer suas funções primordiais, uma vez que lidam com o que há de mais precioso e frágil, qual seja, a própria vida humana.

*“Ah, o mais gratificante é você [...] Conseguir atingir os objetivos, né? De salvar uma vida...” (Ghandi)*

Os sentidos do trabalho para os bombeiros entrevistados (Monteiro et al, 2007, p.560) aparecem de forma marcante nessa fala, sendo inegável que para estes profissionais, seu papel é salvar vidas. Portanto, ao conseguirem efetuar um trabalho bem realizado, sentem-se recompensados, enquanto que, quando não alcançam seus objetivos, eles sofrem, ficam frustrados, pois, de certa maneira, parecem acreditar que não tiveram condições de fazer o que lhes era esperado. Pode-se aqui tecer considerações acerca do “poder” que estes sujeitos detêm sobre seu ofício, uma vez que as tragédias não marcam data e hora para acontecer, além disso, apesar de todos os seus esforços, eles não possuem controle sobre os desígnios da morte, o que pode conduzi-los à frustração diante da perda de vidas humanas, mesmo ao terem feito tudo o que podiam.

Tendo em vista as considerações tecidas, bem como, as exigências que o trabalho do bombeiro acarreta, os sentidos do “ser bombeiro”, são marcadamente visíveis nos momentos das entrevistas em que os sujeitos foram questionados a respeito daquilo que os faria desistir de ser bombeiro<sup>78</sup>. Conforme já destacado, todos os entrevistados ficaram alguns segundos em silêncio e depois deram respostas similares, afirmando não haver nada que os faria desistir de sua profissão, a não ser que fossem de, algum modo, “obrigados”. Este fato demonstra um forte sentimento por seu trabalho, além de elevados índices de satisfação e orgulho, pois, se ela fosse vista de outra forma, certamente as respostas à esta questão teriam sido bem diferentes.

## **9.2. Trabalho X Emprego**

---

<sup>78</sup> Essa questão encontra-se discutida de forma mais ampla no item 7.2, onde é possível ver as falas dos sujeitos.

O momento contemporâneo, conforme já mencionado, apesar de ainda ser regido pela lógica do capital, encontra-se estruturado e opera de modo diferenciado de épocas anteriores. Destarte, a atualidade vivencia um período de intensa e exacerbada modificação social, política, financeira e organizacional e, frente este fato, busca constantemente a retomada dos antigos níveis de crescimento econômico (Coutinho e Jacques, 2004). Apesar das manifestações contrárias<sup>79</sup>, o trabalho ainda exerce um papel basilar neste contexto ao ser o grande responsável pelo desenvolvimento da sociedade, em todos os aspectos e âmbitos. O trabalhador, de modo concomitante e indissociável, também desempenha uma função central neste processo.

A partir destas concepções, é importante remeter-se aos próprios sujeitos trabalhadores, a fim de compreender o processo de dupla constituição instituído entre o homem e seu trabalho. Através da identificação das definições que os trabalhadores têm a respeito do trabalho e do emprego - as quais, inevitavelmente, encontram-se atreladas às significações socialmente construídas -, pode-se verificar os sentidos que eles atribuem ao seu ofício, bem como o papel que este representa em sua vida. Deste modo, pelas falas proferidas, nota-se as diferentes concepções que eles erigem a respeito destes conceitos – trabalho e emprego – os quais são desenvolvidos a partir de suas vivências laborais cotidianas, de modo singular e coletivo.

*“... De modo geral trabalho é a ação, vamos dizer, a gente vive trabalhando, né? É o que a gente escolhe pra se fazer, pra ter um recurso pra conseguir sobreviver, conseguir se manter, né? Devidamente. Pra mim é isso. [...] Pra mim é tudo, se eu não trabalhar eu também não vou, né? Não vou receber”. (Ghandi)*

*“É alguma atividade, né? Tipo assim, fazer algo”. (Adriano)*

*“Trabalho é você se dedicar a alguma atividade, com ou sem fins lucrativos, né? Recebendo ou não. Trabalho voluntário, trabalho como a gente tem aqui, o trabalho voluntário dos bombeiros comunitários, não visa lucro, né? E sim experiência e satisfação de estar presente com a gente, acompanhar a ocorrência, ajudar também, o nosso trabalho,...” (Gustavo)*

---

<sup>79</sup> Na contemporaneidade, a centralidade do trabalho na vida do homem passa a ser vastamente discutida por teóricos que estudam essa temática (Gorz, 1996; Offe, 1994; Antunes, 2003), uma vez que, em decorrência das conflagrações atuais, sua importância começa a ser questionada, instigando inclusive, um debate sobre a necessidade concreta de trabalhar e a possibilidade de sua exclusão da vida dos sujeitos. Destaca-se que este trabalho vem na contramão destas concepções, buscando evidenciar o papel central que o trabalho tem na vida do ser humano.

Os conceitos apresentados por estes sujeitos, remetem a uma visão capitalista de produção, que segue a lógica do trabalho assalariado, da venda da força de trabalho, pois, conforme diz *Ghandi*, “... se eu não trabalhar, eu também não vou receber.” As falas também indicam uma concepção marxista de trabalho, segundo a qual, de forma genérica, ele caracteriza-se como toda ação sobre a natureza visando à satisfação das necessidades humanas. Com referência a estes aspectos, Aguiar e Ozella (2006) destacam que as necessidades a serem supridas podem estar relacionadas tanto a bens materiais, como imateriais (orgulho, satisfação, auxílio, prazer). *Mozzart* vem ilustrar estas ocorrências quando diz que

*“Como é que eu posso definir trabalho? É o que dá sustenção pra gente, né? Tanto no lado financeiro, como no lado emocional, pessoal, é o que te dá. É aquela história, o velho ditado: “O trabalho enobrece”, né?”*

*“ [...] E trabalho é uma coisa, porque tudo é trabalho, né? Tu vai comprar um terreno, se não tem nada trabalhado dentro o que que vai ter? Não tem nada em cima erguido que tenha relação com o trabalho, porque se tu erguer alguma coisa, alguma coisa tu teve que fazer, certo? Alguém criou, montou, fez um trabalho lá dentro, teve algum trabalho. Ai vale alguma coisa. Se não tem nada, vale o quê?”(Ghandi)*

Com estas palavras *Ghandi* delinea a capacidade do trabalho de atribuir valor aos objetos e coisas, pois, pela atuação humana através do trabalho, os objetos passam a ter valor de uso – quando utilizados para consumo próprio - e de troca – quando produzidos para a troca e à comercialização (Marx, 1985). Assim, o ato humano sobre o terreno vai designar valor a ele, ou seja, o trabalho realizado altera as características deste local, valorizando-o, tanto como valor de uso quanto de troca. *Ricardo*, porém, apresenta uma concepção de trabalho um pouco diferenciada, concebendo-o apenas como algo realmente trabalhoso e que, quando feito com prazer, não se caracteriza como trabalho.

*“[...] A gente diz trabalho na verdade, né? Mas é uma profissão na verdade, nem tão trabalhosa, principalmente quando faz, por exemplo, pra mim estar aqui no bombeiro não é um trabalho, né? Eu gosto, eu faço por gostar, né? Não dá trabalho pra mim, estar trabalhando aqui.”*

Percebe-se aqui, uma definição de trabalho ligada ao sofrimento, às dificuldades, ao esforço direcionado para alcançar algum fim, enfim, ao desgaste do ser humano. Esta concepção embasa-se nas visões de trabalho como *tripallium*, referente a castigo e, segundo Tolfo et al (2005, p2), “um trabalho que não valorizava nem a tarefa nem o indivíduo”, e nos conceitos de *tripalliare*, antigo método de torturar os escravos para trabalharem (Codo et al, 1993). Assim, para *Ricardo*, quando o ofício constitui-se como fonte de prazer, orgulho e reconhecimento, como é para ele o fato de ser bombeiro, ele não é considerado “trabalho”, não sendo tido como uma “tortura” ou motivo de angústia, uma vez que não é difícil de conviver e realizar. Portanto, segundo esta compreensão, trabalho seria aquela ação que gera alguma insatisfação ou padecimento ao sujeito.

*Mike* e *Adriano*, entretanto, vêm trazer uma compreensão diferenciada a respeito do trabalho e oposta a de seu colega, quando afirmam que:

*“[...] então o meu trabalho é quase, vou viver metade da minha vida cumprindo ele. Pra mim é uma satisfação, é uma função que me traz prazer e me remunera, pra eu continuar vivendo, pra eu comprar meu alimento, pra eu pagar as minhas contas, pra eu viver. O meu trabalho é um prazer remunerado. Representa muitas coisas, pois através dele vou conseguir as coisas que pretendo adquirir. A remuneração vai possibilitar isso”. (Mike)*

*“... Poder trabalhar, poder ajudar e ganhar pelo que tu faz, pelo que tu gosta, é tudo de bom!”(Adriano)*

Kuenzer (2004, p.240) vem ao encontro destes aspectos contraditórios percebidos nas concepções dos sujeitos, quando aponta a “dupla face do trabalho”, afirmando que ele ora é tido como prazeroso e qualificador, mas, de modo concomitante, pode ser visto como “desqualificador, explorador, causador de sofrimento.” E *Ricardo*, ilustra esta situação, ao ratificar sua opinião sobre trabalho, trazendo concepções semelhantes às dos seus colegas e ampliando a abrangência deste termo, quando diz que seu ofício

*“... hoje representa grande parte. No momento, eu to passando um terço de minha vida aqui dentro, então ele representa, como diz, uma parte de minha vida, né? [...]Representa o sustento de minha família, né? Que eu gosto muito e me orgulho dela...” (Ricardo)*

Nestas falas, pode-se perceber a ligação estreita existente entre trabalho, prazer e manutenção da vida. Para estes sujeitos, além de ser uma maneira de prover sua existência e a de sua família, é um “*prazer remunerado*”, ou seja, eles recebem para fazer algo que gostam e que lhes proporciona - além de acesso aos bens que precisam para viver - reconhecimento, orgulho, satisfação, realizações. Sobre estes aspectos, Coutinho e Jacques (2004, p.161) dizem que “Na sociedade moderna o trabalho se apresenta como importante mediador de integração social, quer pelo seu valor econômico (subsistência), quer pelo seu valor cultural (simbólico)”. Este fato encontra-se evidenciado nas falas dos sujeitos e em suas acepções.

Segundo Tolfo et al (2005, p.9) “no contexto contemporâneo o trabalho assume uma pluralidade de formas”, assim, as compreensões apresentadas pelos bombeiros vêm evidenciar esta característica. Diferentes abordagens teóricas também, enveredam-se por estes caminhos buscando entender a multiplicidade do universo do trabalho, bem como às implicações que ele tem sobre a constituição dos sentidos e significados elaborados pelos sujeitos, porém, são os próprios trabalhadores que podem prestar maiores esclarecimentos a estas questões, ao explicitarem suas vivências, sentimentos e acepções. Assim, nas falas dos bombeiros, pode-se perceber a relação indissociável existente entre as duas categorias - sentidos e significados -, uma vez que a similaridade de conceitualizações particulares indica e reflete significados globais.

A partir dos conceitos formulados pelos sujeitos a respeito do trabalho, portanto, pode-se averiguar os sentidos que eles atribuem ao ofício que realizam, verificando o lugar que ele ocupa na vida destes trabalhadores, bem como o que ele representa para estes profissionais.

*“... eu acho que é tudo que tu faz, que dá algum resultado, eu acho que é trabalho. Desde a coisa mais simples até o mais sofisticado, eu acho que se tu fizer sério, né? Que dá algum resultado eu acho que isso é um trabalho. Por exemplo, posso ajudar alguém ou faço alguma coisa no final, eu acho que é trabalho”. (Ricardo)*

*“O trabalho, hoje, representa, na verdade, tudo que eu tenho, ele representa. Porque tudo que eu consegui, eu consegui em função do trabalho. Mas, mais do que a questão financeira é a questão pessoal, o quanto eu me sinto satisfeito por ter entrado nessa profissão.” (Mozzart)*

Segundo estas compreensões desenvolvidas pelos bombeiros a respeito de sua atividade laboral, pode-se perceber que, apesar de estarem subsumidos ao sistema capitalista de produção, o qual segue a racionalidade do lucro e da produtividade, para estes sujeitos, o trabalho não é tido apenas como um modo de ganhar o sustento de cada dia, de prover sua sobrevivência ou de acumular riquezas, indo bem além, ao estar ligado a valores diferenciados daqueles preconizados pela lógica do capital. Tolfo et al (2005) destacam que frente ao contexto contemporâneo de produção, “ainda que se mantenha o trabalho assalariado, característico do capitalismo, se ampliam a diversidade, a heterogeneidade e a complexidade da classe trabalhadora [...]” (p.9), como resultado das novas formas de trabalho. Assim, podem-se tecer considerações acerca das modificações nos significados designados coletivamente ao emprego e ao trabalho e, conseqüentemente, nos sentidos outorgados a partir as vivências nesse contexto diferenciado, marcado pela precariedade, pelo pluralismo e efemeridade.

Quando se referem ao termo “emprego”, os bombeiros evidenciam a pluralidade de compreensões que envolvem o universo do trabalho, sendo que a maioria dos profissionais entrevistados apresenta uma conceitualização de emprego mais restrita, isto é, eles entendem-no como sendo mais específico e ligado ao acesso a bens e consumo.

*“Emprego? Tá mais... menos genérico, talvez trabalho é uma coisa mais ampla e emprego mais específico, né?” (Ghandi)*

*“Emprego? Pra aquelas pessoas que querem um salário e não querem fazer nada, né? Esse é o emprego, né?” (Mozzart)*

*“Emprego está mais direcionado, tá mais específico, é aquilo lá.” (Gustavo)*

*“Emprego, é como eu te falei antes, é uma palavra que formaliza o trabalho [...] Referência formal do trabalho.” (Mike)*

*“Se olhar emprego, esse emprego, pra mim aqui, significa vencimento, salário e tal, mas pra mim ele significa mais que um emprego. Então, eu não considero hoje, bombeiro um emprego. Eu considero, assim, parte da minha vida, que é minha profissão”. (Ricardo)*



Estas palavras estabelecem uma diferenciação entre os termos trabalho e emprego, a partir do entendimento dos próprios trabalhadores, os quais, através de suas vivências e realizações laborais, conotam um sentido único àquilo que fazem cotidianamente em sua trajetória profissional, compartilhando, porém, os significados construídos coletivamente. Deste modo, destaca-se que as compreensões desenvolvidas pelos bombeiros vêm ao encontro das concepções de Tolfo et al (2005), quando diz que “Enquanto o trabalho remete a transformação da natureza, o emprego está associado, na maior parte das vezes, a relações contratuais, vínculo formal com a organização, obrigações e assalariamento” (p.2).

Borsoi (2007, p.118), porém, ratifica estas considerações quando afirma que “está claro que são sempre os próprios indivíduos que atribuem sentido ao que fazem, seja no modo como realizam a própria tarefa, seja no resultado final alcançado: prestígio, dinheiro, etc.” Assim, a fala de *Mike*, reflete sobremaneira estes aspectos:

*“[...] o meu emprego significa muita coisa, porque eu batalhei muito pra tá aqui, eu passei por cima de muita coisa, eu suei, a grosso modo assim, eu suei muito a camisa pra conseguir tá aqui. Então, é uma coisa que eu agarrei com as duas mãos e não solto por nada, sabe? Meu emprego significa uma realização, não de um sonho de criança, mas uma realização pessoal, de quem passou por muita coisa pra chegar até aqui. Uma coisa que batalhei muito, engoli muita coisa, sofri [...] É uma gratificação pessoal, uma realização, por ter passado tanta coisa e ter conseguido manter a cabeça erguida. Pra mim ele representa... É tudo assim...”(Mike)*

Os bombeiros, de forma unânime, afirmaram que aquilo que realizam é um trabalho e não “*apenas um emprego*”. Porque para eles, o que fazem vai além do financeiro e do material, como seria o emprego, trazendo outras conseqüências e significações, caracterizando-se assim, como “trabalho”.

*“É um emprego, mas na realidade é um trabalho. Eu faço o que eu gosto, né? Além de esperar e ganhar o salário no final do mês, mas tu tá fazendo uma coisa que tu gosta. Não tá só ali por fazer, pra receber o salário, tu tá porque tu gosta, tá trabalhando numa coisa que tu gosta...” (Adriano)*

*“[...]eu tenho um trabalho né? Que eu gosto muito de fazer, né? Claro, conseqüentemente ele é um emprego. Mas eu tenho um trabalho que eu gosto muito de fazer.”(Mozzart)*

*“[...] e o que eu exerço aqui, é uma coisa que as pessoas é, vêem o que eu faço... O que eu faço tem resultado, seja na área operacional, salvando uma vida ou tirando um gato de uma árvore, que também, muitas vezes é função do bombeiro, que eu estou[...] estou fazendo um trabalho, tô realizando, eles tão vendo, ou aqui na parte administrativa, uma palestra, na realidade estou trabalhando e estou passando conhecimento para uma criança ou pra adultos em empresa. É trabalho.”(Luciano)*

Na fala de *Luciano*, percebe-se novamente a compreensão de trabalho como ligado à ação, à atuação, o que ilustra os conceitos desenvolvidos por Marx (1985) e a amplitude que a esfera laboral tem sobre a vida do ser humano. O fato de o trabalho ser central, econômica, cultural e simbolicamente, é observado, portanto, com freqüência nas vivências e nas concepções erigidas pelos bombeiros. Neste sentido, pode-se verificar que em função da centralidade que o trabalho tem na vida do homem, os sujeitos edificam seus modos de ser e agir a partir de suas realizações profissionais, mesmo que posições contrárias sejam manifestadas. Segundo Chanlat (2002, p.4) “Quando indivíduos, homens ou mulheres, perdem seu emprego, eles descobrem o aspecto estruturante que a vida profissional ocupa na sua existência.” O mesmo autor ainda afirma que “a construção de si passa em larga medida por este processo de reconhecimento profissional assim como o bem-estar pessoal” (Chanlat, 2002, p.4).

Pelas considerações teóricas desenvolvidas, aliadas às conceitualizações e acepções estabelecidas pelos próprios trabalhadores, sujeitos da pesquisa, pode-se chegar à conclusões sobre as significações que o trabalho como bombeiro evoca a estes profissionais. Destarte, o fato de conceituarem trabalho como forma de ação, tecendo sentidos ligados ao bem-estar, reconhecimento, prazer e satisfação, leva a inferências sobre a abrangência e o papel que o “ser bombeiro” traz a estes trabalhadores, constituindo-se não apenas como um ofício, mas, praticamente como “um modo de vida”, uma forma de atuar e agir no mundo.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Resta essa faculdade incoercível de sonhar  
De transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade  
De aceitá-la tal como é, e essa visão  
Ampla dos acontecimentos, e essa impressionante*

*E desnecessária presciência, e essa memória anterior  
De mundos inexistentes, e esse heroísmo  
Estático, e essa pequenina luz indecifrável  
A que às vezes os poetas dão o nome de esperança.*

*(Moraes, 2007, p.259)*

### 10.1 Por trás da fumaça...

Com o presente estudo almejou-se compreender os sentidos que os bombeiros atribuem ao seu trabalho, tendo em vista as peculiaridades de sua profissão, o contexto contemporâneo que permeia suas relações de trabalho - produzindo novas demandas profissionais - e a subsunção ao sistema capitalista de produção. O objetivo foi ir além do registro de eventos, buscando construir conhecimentos, ao elaborar concepções diversificadas com as situações observadas e analisadas. Assim, procurou-se realizar um estudo dinâmico e complexo, no qual os sujeitos são considerados seres concretos e atuantes, levando em consideração que, apesar de constituírem-se socialmente no meio, eles são possuidores de singularidades e, assim, cada um têm uma forma única de trabalhar, experienciar a realidade e atribuir sentidos ao seu viver.

Como o cenário produtivo contemporâneo encontra-se organizado segundo a lógica do capitalismo, os resultados constituem-se como características específicas e significativas em todos os âmbitos, principalmente, no mundo do trabalho (Tolfo et al, 2005). Deste modo, as alterações nas formas de produção transformam visivelmente a realidade laboral, conduzindo o homem do barro ao ferro e ao aço, do ábaco aos aparelhos computacionais, passando do artesanato à industrialização internacional, da força física à maquinária, da individualização do trabalho ao coletivo (Dupas, 2000). Tendo em vista o fato de que as transformações variam em decorrência do momento e do contexto social e histórico vivenciado, no decorrer das últimas décadas do século passado, a conflagração de uma crise na estrutura capitalista aliada, entre outros aspectos, ao avanço tecnológico e informacional, acarretou novas rupturas, instabilidades e inseguranças, derivando em modificações em todas as esferas sociais (Tolfo et al, 2005).

Frente esta realidade, uma das derivações do cenário contemporâneo é a eclosão de desastres e situações emergenciais distintas, uma vez que as formas diferenciadas de ordenação social aliadas à voracidade do crescimento científico e tecnológico, contribuem sobremaneira para o desenvolvimento destes eventos. As interferências humanas sobre a natureza na busca pela lucratividade, são em grande parte responsáveis pela origem destas circunstâncias, porém, o estilo e o ritmo de vida frenético adotado a partir das exigências do mundo atual também têm sua parcela de participação neste processo. No bojo deste cenário, a ocorrência cada vez mais freqüente de emergências diversificadas, passou a exigir a atuação de profissionais específicos para o seu atendimento. Seguindo a lógica capitalista, que prima pela redução de gastos na busca da obtenção de lucros excedentes, os bombeiros são chamados a atuarem nesses serviços, passando a responsabilizar-se, inclusive, por estas situações emergenciais. Este fato acarreta implicações variadas sobre a elaboração dos sentidos que estes trabalhadores vão outorgar ao seu trabalho.

Tendo em vista as considerações tecidas, pode-se perceber a necessidade de pesquisas cujo objetivo é entender e analisar estas questões contemporâneas, a fim de disponibilizar aos sujeitos conhecimentos para facilitar o convívio e o relacionamento com este panorama diferenciado. Neste contexto, a atividade profissional do bombeiro constitui amplo campo de análise, principalmente, frente às repercussões de suas ações sobre a manutenção e preservação da vida humana. Neste sentido, é de suma importância a realização de investigações que venham compreender os trabalhadores inseridos nesse processo de desenvolvimento, verificando os sentidos atribuídos ao seu ofício, frente às demandas do contexto contemporâneo, bem como as influências negativas que estas vivências podem acarretar aos profissionais. Portanto, um dos anseios deste estudo é auxiliar na promoção de ações pautadas no respeito, na ética e na valorização do ser humano, pois, alterações na organização da sociedade implicam profunda e inexoravelmente, nas formas de viver, adoecer, morrer e trabalhar.

A partir das concepções sócio-históricas de sujeito, o homem é tido como produto e produtor do seu meio, construindo significados e atribuindo sentidos àquilo que vivencia no decorrer deste processo (Aguar e Ozella, 2006). Segundo a vertente sócio-histórica, os sentidos constituem-se como construções mais particularizadas, subjetivas e singulares dos sujeitos e os significados encontram-se atrelados à esfera global, referindo-se ao conhecimento produzido socialmente. Tendo em vista a indissociabilidade destas categorias, um dos objetivos deste estudo

foi compreender os sentidos outorgados pelos bombeiros ao seu trabalho, a partir das significações erigidas cotidianamente em sua esfera social. Como as demandas inerentes ao ofício do bombeiro incitam a construção de significados ligados a conotações heróicas ao seu trabalho, outro propósito desta pesquisa era verificar as implicações que o mito do “ser herói”, difundido, principalmente pelos recursos midiáticos, acarreta para estes profissionais e seu trabalho.

A análise das entrevistas revelou que, apesar dos significados promulgados constantemente acerca do heroísmo, os bombeiros não se sentem e nem se vêem como sendo heróis. Eles percebem-se como sujeitos “normais”, os quais, como todo ser humano, passam por momentos de medo, angústia, receio; assim, consideram-se apenas profissionais bem treinados e preparados para o exercício de suas funções. Estas compreensões indicam uma oposição às concepções divulgadas socialmente, pois, ao vivenciarem uma realidade concreta, os bombeiros têm a noção de estarem lidando com situações e problemas “reais”, exigindo atuações calmas e objetivas, sem pretensões heróicas, passíveis de prejudicar o desenvolvimento de suas funções ou ainda colocar em risco sua integridade física e a dos demais. As próprias diretrizes de atendimento, seguidas por eles, determinam que a sua segurança e a dos colegas deve estar em primeiro lugar, pois, de nada adianta “trocar” uma vida por outra, perdendo profissionais em tentativas de salvamento sem segurança e/ou proteção. Este fato também contribui de modo efetivo para as compreensões desenvolvidas acerca do ofício do bombeiro, não estimulando concepções relacionadas ao heroísmo.

A partir destas análises, pode-se perceber ainda, que a busca por conhecimentos parece ser uma forma utilizada pelos bombeiros para lidarem melhor com as situações apresentadas cotidianamente, pois, através dos treinamentos e do aprendizado, eles terão maiores chances de realizar um trabalho eficaz, atendendo às demandas sociais e às suas próprias expectativas. Esta situação também se encontra intimamente atrelada às premissas contemporâneas a respeito do cenário de trabalho, as quais incentivam a competitividade, multifuncionalidade e a capacitação constante, colocando sobre o trabalhador a responsabilidade por seu crescimento profissional (Borsoi, 2007). Assim, ratifica-se o fato de que, apesar de os sentidos do trabalho serem construídos singularmente por cada trabalhador, eles encontram-se prenhes de significados hegemônicos e cristalizados, erigidos socialmente.

Outra característica inerente ao trabalho dos bombeiros refere-se à questão de que, mesmo estando inseridos no contexto das relações de troca, características do capitalismo, eles

são servidores públicos e, portanto, não vendem sua força de trabalho a uma empresa privada. Esta situação certamente ocasiona vivências diferenciadas, pois os setores públicos e privado, apresentam peculiaridades organizacionais distintas. Ademais, como os cidadãos pagam impostos, eles detêm o direito de utilizar os serviços mantidos pelo Estado e, conseqüentemente, aqueles oferecidos pelos bombeiros, colocando um nível de exigência maior sobre estes profissionais. Estas ocorrências podem implicar sobre a maneira como estes trabalhadores lidam com seu ofício, porquanto que as cobranças e expectativas da população certamente são diferentes daquelas derivadas da venda da força de trabalho a empresas não-estatais. O fato apresentado, porém, é visto como algo positivo pelos bombeiros, os quais destacam estar a serviço da comunidade, sendo, segundo suas palavras, “*empregado do povo*”. Assim, eles afirmam buscar suprir as necessidades de seu público-alvo, sempre dentro de suas possibilidades, bem como, das normas e procedimentos determinantes de sua atuação, a fim de não obter prejuízos à sua própria saúde e segurança.

Na atualidade, circula um discurso legitimando o serviço público como uma forma de obter altos salários, com pouco esforço e trabalho. Além disso, a racionalidade organizacional contemporânea encontra-se pautada nos princípios capitalistas, embasados na objetividade, no desempenho e na realização das tarefas. Esses aspectos acabam direcionando as ações dos trabalhadores, incitando-os à produtividade e à busca por alternativas para maximizar sua atuação, evitando que demais fatores (emocionais, estruturais, físicos) interfiram no desenvolvimento de seu trabalho. Os bombeiros, ao constituírem-se como funcionários públicos, encontram-se circunscritos por estas percepções. Assim, a tendência é que as cobranças sobre sua atuação profissional, tanto por parte da população, como deles próprios, sejam ainda maiores. Deste modo, durante a pesquisa, pode-se observar que, cotidianamente, eles tentam contrapor estas concepções, procurando demonstrar eficácia e resultados eficientes nos serviços prestados. Porém, este anseio em cumprir seu papel também está ligado ao fato de lidarem com vidas humanas, as quais possuem grande valorização para estes profissionais, situação bastante enfatizada em suas falas.

Apesar de serem construtores de sentidos e possíveis produtores de novas lógicas não hegemônicas, por estarem subsumidos ao capitalismo, os bombeiros não conseguem evadir-se à sua lógica e às suas determinações. Assim, torna-se importante evidenciar que as sociedades capitalistas, desde seu nascimento, utilizam-se abundantemente de técnicas e instrumentos

visando a organização do processo produtivo e o controle dos sujeitos (Foucault, 1979). Destarte, buscam, através da coerção, da autoridade e da disciplina a otimização do desempenho por meio da organização espacial, da individualização e do uso de mecanismos de gestão disciplinar dos corpos. O militarismo, neste contexto, vem a ser uma maneira utilizada para controlar os trabalhadores, ao constituir-se como um regime extremamente rígido e coercitivo. Por seguirem as premissas militares os bombeiros precisam adequar-se às suas normas e regras, as quais são, freqüentemente, intransigentes e rigorosas, implicando sobre a subjetividade humana.

Com base nestas concepções, ao analisar os sentidos conferidos pelos bombeiros às vivências sob o regime militar, verificou-se que, ao adentrar nesse universo de trabalho e experienciar continuamente esta realidade, eles vão “assimilando” seus preceitos, passando a vivenciá-los de forma efetiva no decorrer de sua atuação profissional. Assim, eles parecem não ter problemas em lidar com as premissas do militarismo, vendo-o como algo inerente ao seu ofício, uma peculiaridade com a qual precisam conviver e habituar-se, se quiserem realmente exercer suas funções. Entretanto, em diversos momentos, os bombeiros destacaram o fato de haver, na contemporaneidade e em seu contexto laboral, uma espécie de “flexibilização” das normas militares, ou seja, elas não são exigidas e cumpridas exatamente como prescrevem as determinações, sendo analisado o momento, o contexto, o histórico do trabalhador e a situação. Este fato também se constitui como um fator que pode contribuir para o estabelecimento de melhores relações com regime militar, o qual, por não apresentar a mesma rigidez de épocas anteriores, demonstra buscar uma adequação à realidade atual.

É importante ressaltar que, apesar da maioria dos bombeiros destacarem os pontos positivos do regime militar, exaltando seus aspectos benéficos à organização e administração do quartel, durante as entrevistas, pode-se perceber algumas críticas mais tênues e veladas a seu respeito, as quais não foram explicitadas, talvez devido ao receio de sofrer represálias ou alguma punição. Este fato evidencia a subsunção ao militarismo, bem como, vestígios das vivências militares, não apenas na maneira de trabalhar, mas também nos modos de ser e agir destes sujeitos, e, de modo concomitante, na construção dos seus sentidos.

Através das considerações desenvolvidas a respeito das formas utilizadas pelos bombeiros para conviver com o militarismo e, também, por suas falas e concepções, pode-se perceber o desenvolvimento de determinadas “ações adaptativas”, as quais são destacadas por Sato

(2002a) e também das estratégias coletivas de defesa apresentadas por Dejours (1999). Esta situação é notável no modo como convivem e lidam com determinadas peculiaridades e exigências derivadas do seu exercício profissional, além do regime militar – mortes, pressão, catástrofes, cobranças, sofrimento, perigo – buscando alternativas diferenciadas e estabelecendo uma espécie de “adequação” entre as determinações do trabalho prescrito e a sua atuação concreta, a realização do trabalho real. A utilização de sátiras e brincadeiras, as orações, a banalização do medo, a percepção dos riscos, a compreensão de certos aspectos como inerentes ao seu ofício, constituem-se assim, como instrumentos rumo a estes objetivos.

Convém destacar, conforme Dejours (1999), o fato das estratégias de satirizar e/ou negar os riscos decorrentes do seu trabalho serem características, quase que exclusivas, dos coletivos masculinos. Isto encontra justificativa nas questões referentes à masculinidade e virilidade apresentadas por este autor, nas quais, o “ser viril” prescinde da aprovação e validação social, ou seja, “a coragem viril necessita de demonstração. Se é preciso haver demonstrações, também é preciso haver *ocasiões*<sup>80</sup> que permitam exibir a coragem viril” (Dejours, 1999, p.101). Com relação ao Corpo de Bombeiros, nota-se que estas demonstrações de coragem ocorrem apenas nos vocabulários e nas posturas assumidas frente aos acontecimentos, pois, eles procuram não se expor a riscos desnecessários, inclusive, por serem militares e obrigados a seguir o protocolo de serviço e atendimento, mas também, ao terem ciência dos riscos e dos perigos reais aos quais estão expostos freqüentemente.

Com referência aos aspectos adaptativos do trabalho, faz-se necessário lembrar como as estratégias instituídas pelos sujeitos podem estar imbricadas com processos que demandem mais sofrimento e esforço por parte do trabalhador, o qual se obriga, em determinados momentos, a infringir regras ou vivenciar situações desgastantes para adaptar-se ao cotidiano laboral. Porém, segundo Sato (2001), independente da forma como os trabalhadores vivenciam estas situações, os atos adaptativos sinalizam o fato de que todo indivíduo procura exercer com legitimidade o controle e constituir-se como sujeito em seu trabalho, inventando para tanto, possibilidades e formas variadas. Assim, ao buscar uma adequação ao seu contexto profissional, os bombeiros reinventam cotidianamente seu trabalho, situação esta que foi evidenciada em suas ações e falas, principalmente, ao demonstrarem, de modo constante, o orgulho por sua profissão, banalizando e

---

<sup>80</sup> Grifos do autor.



minimizando as dificuldades apresentadas, compreendendo a criação de estratégias variadas como uma forma de exercer seu ofício da melhor maneira possível.

De acordo com Antunes (2003), o trabalho assume características distintas em decorrência do momento histórico, da cultura e do contexto onde encontra-se inserido. Assim, ora o labor é tido como fonte de sofrimento, humilhação, sacrifício; ora como condição indispensável à humanidade, fonte de realização, prestígio, prazer e satisfação. Porém, este autor defende que, independente das mudanças e concepções existentes, a importância, a necessidade e o caráter central ocupado pelo trabalho nas relações estabelecidas entre os homens e destes com a natureza permanece inalterável. Segundo Marx (1985) desde o princípio de sua existência, o homem é orientado para o trabalho, não existindo, assim, possibilidades de excluí-lo da vida do ser humano, independente do modo de produção, bem como do contexto sócio-econômico, onde ele encontra-se inserido.

As premissas desenvolvidas acima são ilustradas nas concepções apresentadas pelos bombeiros a respeito dos sentidos atribuídos ao seu trabalho, uma vez que evidenciam e exaltam o orgulho por sua profissão, afirmando, inclusive, não ter o mínimo interesse em exercer uma atividade profissional diferente e nem ao menos, conseguir imaginar-se realizando outro ofício. Assim, apesar de estabelecerem diferenciações e distinções específicas entre os conceitos emprego e trabalho - para os bombeiros, o primeiro seria mais formal e instituído de forma legal, um meio de obter remuneração; enquanto que o trabalho estaria ligado a ações para o alcance de determinado objetivo, tanto material quanto imaterial, estando atrelado também aos sentimentos – de acordo com os depoimentos e entrevistas, o trabalho assume um caráter similar ao emprego, ao ser tido como aquilo que possibilita o acesso a bens e consumo, porém, indo além, ao ser considerado fonte de satisfação, orgulho e realização pessoal.

A intersecção entre as compreensões erigidas pelos bombeiros a respeito do trabalho e do emprego, encontra-se evidenciada nos sentidos conotados ao seu ofício, uma vez que eles destacam o fato de poderem ter um emprego que também é um trabalho, ou seja, o qual, segundo suas compreensões, além de prover sua sobrevivência e de sua família, garantindo o acesso aos bens e consumo através do salário, também é objeto de prazer, alegria e reconhecimento. Não há, portanto, uma dissociação entre o trabalho – tido como um prazer – e o emprego – fonte de remuneração -, pois, os bombeiros consideram seu trabalho como “*um prazer remunerado*”<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup> Segundo as palavras do sujeito da pesquisa *Mike*.

Apesar de sentirem-se reconhecidos e valorizados pela população atendida, segundo os bombeiros, esta área de atuação específica ainda encontra-se carente de reconhecimento e maiores investimentos por parte das autoridades responsáveis. Eles afirmam não receber o devido valor, principalmente, frente à importância de seu trabalho, o qual, por visar à preservação do patrimônio e da vida humana, necessita constantemente de aperfeiçoamento, verbas e modernização. Este fato vem justificar a necessidade deste estudo, tanto no contexto de produção de conhecimento científico, quanto na visibilidade que pode ser dada ao trabalho dos bombeiros, através da desmitificação de certos aspectos, contribuindo, assim, para a formação de sentidos e significados diferenciados sobre este âmbito profissional.

Frente às alterações na realidade contemporânea - capitalista, polissêmica e paradoxal - faz-se necessário, portanto, verificar como ocorrem as significações dos sujeitos inseridos no panorama atual de produção, bem como os sentidos atribuídos ao seu ofício, visando, entre outros aspectos, a desmitificar premissas e idéias estereotipadas. Deste modo, segundo Andriani e Rosa (2002, p.282)

Conhecer o homem, [...] além de situá-lo em um momento histórico e social, significa também conhecer o movimento, o processo e as contradições de sua essência, ou seja, do empírico pensado. Dado que sua essência é construída historicamente e é, portanto, mutável, o conhecimento produzido acerca do homem nunca será apresentado como uma produção finalizada e estática (...)

O âmbito das emergências e os profissionais que atuam nessa área, portanto, constituem-se como amplo espaço e campo de estudos, o qual carece de maiores investimentos e reconhecimento, frente à importância e necessidade de sua atuação. Neste contexto, devido às considerações resultantes da presente investigação, pode-se sugerir, além de maior reconhecimento financeiro por parte dos governantes, o desenvolvimento de novas pesquisas e possíveis trabalhos de intervenção psicológica. Isto se deve ao fato de que os profissionais bombeiros exercem atividades extremamente sociais, lidando com uma série de questões –

elencadas no decorrer do estudo-, as quais podem vir a ser fonte de sofrimento e dificuldades para estes indivíduos, bem como, resultar em prejuízos à população atendida, pois eles possuem seu trabalho intimamente atrelado à preservação e manutenção da própria vida humana.

No decorrer deste estudo, portanto, pode-se evidenciar que os bombeiros, constituem-se efetivamente como “Heróis de Fumaça”, pois, percebem-se e mostram-se como profissionais concretos, sujeitos de “carne e osso”, os quais não possuem super-poder algum, a não ser o de conseguir equilibrar com mestria e habilidade as vicissitudes de seu cotidiano de trabalho, assumindo as responsabilidades que lhes são impostas com determinação e coragem. Assim, ao retirar-se o véu de fumaça que encobre a atuação do bombeiro, pode-se verificar que seu heroísmo consiste em, mesmo em um contexto marcado pela precariedade, dificuldade, heterogeneidade e pluralidade, ver seu trabalho não apenas como um modo de renda, um meio para chegar a um fim, mas, como uma fonte de prazer, realização, orgulho e satisfação.

## 11.REFERÊNCIAS

- Abdoucheli, E., Dejours, C., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2, 222-245.
- Albuquerque, F. J. B. de. (1997). A psicologia Social dos Desastres. Existe um lugar para ela no Brasil? In A.V. Zanella (Org.) *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre: ABRAPSO.
- Alves, J. (1991). O Planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, 77, 53-61.
- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsnajder, F. (1998). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa* (2ª ed.). São Paulo: Pioneira.
- Alves, R. (2000). *Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e a suas regras*. São Paulo: Loyola.
- Amador, F. S. (2002). *Violência policial: verso e reverso do sofrimento*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Andriani, A. G., & Rosa, E. Z. (2002). Psicologia Sócio-histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica. In E. M. P. Kahhale (Org.) *A Diversidade da Psicologia: uma construção teórica*. (pp. 45-57) São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (1997). *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfozes e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (2003). *Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Araújo, T. (1998). Subjetividade no Trabalho: Processos de automatizados de trabalho e espaços de estruturação da esfera subjetiva. In: S. T. L. Cabeda, N. V. Carneiro & D. H. P. Laranjeira, (Orgs). *O corpo ainda é pouco: II Seminário sobre a contemporaneidade*. (pp. 32-48) Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Barbosa, A.C.Q.(2005).Relações de trabalho e recursos humanos em busca de identidade. *RAE* , *Edição Especial(45)*, 121-126.

Basso, I. S. (1998). Significado e Sentido do Trabalho Docente. *Cadernos CEDES*, (19), 19-32.

Berro, B. T., & Salvá, A. R. (2005). Una Estrategia de Atención Primaria de Salud en Situaciones de Desastres. *Gaceta Sanitaria*, 19(1), 20-32.

Brecht, B. (1982). Nada é Impossível de Mudar. In Brecht, B. (Org). *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Elo Editora.

Bock, A. M. B., & Furtado, O. (2002). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.

Borsoi, I. C. F. (2007). O trabalho, o consumo e os novos operários: A experiência de trabalhadores em região de recente industrialização. In I. C. F. Borsói & R.A. Scopinho (Orgs.). *Velhos trabalhos, novos dias: Modos atuais de inserção de antigas atividades laborais*. Fortaleza: EDUFSCAR.

Cardona, O. D. (1995). El sismo del 6 de junio de 1994: Atención de la emergencia y planteamientos para la reconstrucción. In *Desastres Y Sociedad. LA RED*, 3, 77-90.

Carvalho, J. de C. (2002). *Reconhecimento e Medicalização do Distúrbio Psíquico: um estudo antropológico sobre os atendimentos psiquiátricos prestados pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Chanlat, J. F. (2002). O gerencialismo e a ética do bem comum: a questão da motivação para o trabalho nos serviços públicos. [Versão eletrônica], *Psicologia e Sociedade*. 1-8.

Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.

Codo, W., Hitomi, A. H.& Sampaio, J. J. C. (1993). *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes.

Condori, L., Ego-Aguirre, V., & Palacios, A. (2003). *Impacto psicológico en el trabajo en emergencias y desastres en equipos de primera respuesta*. Recuperado em 29 maio, 2008, de <http://www.geocities.com/psicoresumenes/articulosNuevo/intervencion.pdf>

Conselho Regional de Psicologia – CRP-12 (2008). *CREPOP realiza evento sobre Psicologia das Emergências e Desastres*. [Folheto]. Florianópolis: Informativo do Conselho Regional de Psicologia, Santa Catarina – 12ª Região.

Costa, B. P. da. (1968). *Magia*. Campinas: Komedi.

Constituição do Estado de Santa Catarina (1947). Lei nº 7.541. Florianópolis: Assembléia Legislativa.

Constituição do Estado de Santa Catarina (1989). Emenda Constitucional nº 33. Florianópolis: Assembléia Legislativa.

Coutinho, M. C. (1999). Trabalho e Constituição da Identidade. *Psicologia em Estudo*, 4 (1), 29-43.

Coutinho, M. C. & Jacques, M. G. (2004). Uma contribuição da Psicologia para a análise das implicações do desemprego. *Psico*, 35 (2), 161-167.

Coutinho, M. C. (2006). *Participação no Trabalho*. Florianópolis: Casa do Psicólogo.

Coutinho, M. C. (2007). Trajetória rumo à modernização: implicações para trabalhadores antigos e novos de uma organização industrial. In I.C. F. Borsóí & R.A. Scopinho (Orgs.). *Velhos trabalhos, novos dias: Modos atuais de inserção de antigas atividades laborais*. Fortaleza: EDUFSCAR.

Coutinho, M. C.; Diogo, M. F. & Joaquim, E. P. (2007). Sentidos do trabalho para servidores que atuam na manutenção em uma universidade pública. *Anais do III Congresso Internacional e IX Semana de Psicologia*, Maringá, PR, Brasil.

Dejours, C. (1999). *A banalização da Injustiça Social*. (7ª ed.). Rio de Janeiro: FGV.

Diniz, V. B. (2003). *Gestão do conhecimento no Tratamento de Emergências*. Rio de Janeiro. Recuperado em 29 maio, 2008, de [http://chord.nce.ufrj.br/Membros/arquivos/Report\\_Viviane.pdf](http://chord.nce.ufrj.br/Membros/arquivos/Report_Viviane.pdf)

Dubar, C. (1998). Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação e Sociedade*, 19, 13-30.

Dupas, G. (2000). *Ética e poder na sociedade da informação: De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso*. São Paulo: UNESP.

Escola Forma Heróis da Vida Real. (2005, 4 de maio). *Jornal de Santa Catarina*, p. 5.

Fischer, R. M. (1985). Sobre a administração do processo de trabalho. “Pondo os pingos nos is”. Sobre as relações de trabalho e políticas de administração de recursos humanos. In M. T. Fleury & R. M. Fischer (Orgs.). *Processo e Relações de trabalho no Brasil*. São Paulo:Atlas.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1991). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Fonseca, C. (1999). Quando cada caso não é um caso. Pesquisa Etnográfica em Educação. *Revista Brasileira de Educação*, 10, 58-78.

Fontes, M. (2001). *Marketing Social Revisado: novos paradigmas de mercado social*. Florianópolis: Cidade Futura.

Furtado, O. (2003). O psiquismo e a subjetividade social. In A. M. M. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.

Gonzaguinha, L. (1983). *Um homem também chora*. Álbum: Alô Alô Brasil.

Gorz, A. (1996). *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes.

Guareschi, N. (2003). Identidade, Subjetividade, Alteridade e Ética. [Versão eletrônica], *Ética e paradigmas na Psicologia Social*, 50-59.

Guimarães, L. A. M. & Provazi, L. N. T. (2004). Trabalho em Turnos e seus Efeitos sobre a Saúde Mental do Trabalhador. In: L. A. M Guimarães & S. Grubits (Orgs.). *Série Saúde Mental e Trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Krawulski, E. (2004) *Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as metamorfoses do caminho no exercício cotidiano do trabalho*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Kuenzer, A. Z. (2004). Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento no trabalho. *Trabalho, educação e saúde*, 2(1), 239-265.

Maheirie, K (1994). *Agenor no Mundo: um estudo psicossocial da identidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

Martins, P. P. S (2004). *Atendimento pré-hospitalar: atribuição e responsabilidade de quem? Uma reflexão crítica a partir do serviço de Corpo de Bombeiros e das políticas de saúde para o Brasil à luz*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Marx, K. (1983). Manuscritos econômicos e filosóficos. In: K, Marx. *O conceito marxista de homem*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Marx, K. (1985). *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural.

Marx, K. (1982). O processo de trabalho e o processo de produzir mais-valia. In K. Marx. (Coord.) *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização.

Marx, K. & Engels, F. (1996). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec.

Mattedi, M. A. & Butzke, I. C. (2001). A relação entre o Social e o Natural nas Abordagens de Hazards e de Desastres. [Versão eletrônica], *Ambiente e Sociedade*. 4(9), 93-114.



Maturana, H.R. (1998). *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minayo, M. C. de S. (1985). *Os homens de Ferro. Estudo sobre os trabalhadores da Indústria Extrativa de Minério de Ferro da Companhia Vale do Rio Doce em Itabira, Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora.

Monteiro, J.K.; Maus D.; Machado F. R.; Pesenti, C.; Bottega, D. & Carniel, L.B.(2007). Bombeiros: Um olhar sobre a qualidade de vida no trabalho. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (3), 554-565.

Moraes, V. de (2007). *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Moreira, F. H., Guizardi, F.L., Rodrigues, J.O.de B., Gomes, R. da S., Daros, R.F., Andrade, R.B. de, Moraes, T.D.(1999). De elemento a cidadão: transformações no cotidiano do trabalho do policial militar. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2 (1), 25-38.

Offe, C. (1994) Trabalho: a categoria sociológica chave? In: C. Offe (Ed). *Capitalismo Desorganizado*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Oliveira, M. R. de & Toassi A. J. (2005). A Inserção Tecnológica no Cotidiano de Trabalho: uma etnografia das significações profissionais de soldados do Corpo de Bombeiros da cidade de Rio do Sul. *Caminhos*, (01), 195-219.

Os Heróis Mortos. (2007,11 de outubro). Diário Catarinense, p.6.

Pessoa, F. (1996). *Vida e Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret.

Pessoa, F. (2006). *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. São Paulo: Nova Fronteira.

Rey, F. L. G. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.

Sato, L. (1995). A representação social do trabalho penoso. In: M. J. Spink (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.

Sato, L.; Souza, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade da vida cotidiana através da investigação etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12 (2), 29-47.

Sato, L. (2002a). Saúde e Controle no Trabalho: feições de um antigo problema. In M.G. Jacques & W Codo (Orgs). *Saúde mental e Trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes.

Sato, L. (2002b). Prevenção de agravos à saúde do trabalhador: replanejando o trabalho através das negociações cotidianas. *Cadernos de Saúde Pública*, 18 (5), 1147-1166.

Sawaia, B. B. (1995). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. *Novas Veredas da Psicologia Social*. In S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.

Sawaia, B. B. (1999). Identidade: uma ideologia Separatista? B. B. Sawaia (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes.

Silva, T. C. da (1998). Soldado é superior ao tempo: da ordem militar à experiência do corpo como lócus de resistência. In: O. Leal (Org). *Horizontes Antropológicos: corpo, doença e saúde*. Porto Alegre: PPGAS.

Soares, D.H. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

Spink, M. J. (2000). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez.

Szymanski, H. (2001). Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. *Psicologia da Educação*, 11 (12), 193-215.

Toassi, A.J., Stolf, M. C & Oliveira, M. R. de (2006). Inserção Tecnológica no Trabalho: uma etnografia das significações profissionais de bombeiros. *Psicologia Ciência e Profissão*, 02, 280-293.

Tolfo, S. da R., Coutinho, M. C., Almeida, A. R.de, Baasch, D.& Cugnier, J.S. (2005). Revisitando Abordagens sobre Sentidos e Significados do Trabalho. *Anais do Fórum Criteos*, 01,1-11.

Tolfo, S & Coutinho, M. C. (2007). Implicações de programas de enxugamento para ex-trabalhadores de empresas estatais. *Psicologia & Sociedade*, 19, 57-65.

Tumolo, P. S. (2005). O trabalho na forma social do capital e o trabalho com princípio educativo: uma articulação possível? *Educação e Sociedade*, 26, 239-265.

Veiga, E. (2007). Bombeiros: Neles a gente confia. A bravura e as histórias dos homens que exercem a profissão mais respeitada pelos paulistanos. *Veja São Paulo*, 4, 24-30. São Paulo: Abril.

Vygotsky, L. S. (1989). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1991). *Obras escogidas: Vol 2. Problemas de Psicologia General*. Madri, España: Visor.

Vygotsky, L. S. (1999). *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Zago, N. (2003). A Entrevista e seu Processo de Construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *Itinerários de Pesquisa: Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação*, 287-309.

Zanella, A. V. (2004) Atividade, Significação e Constituição do Sujeito: Considerações à Luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, 9, 127-135.

Zanella, A. V; Reis, A. C.; Titon, A. P; Umau, C. & Dassoler, T. R. (2007). Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*. 19 (9), 25-33.

## 12. APÊNDICES

### 12.1 Apêndice I

Ofício

Rio do Sul, 28 de março de 2007.

Prezado senhor

Venho através deste solicitar autorização para aplicar em vossa instituição, o projeto de dissertação intitulado “Heróis de Fumaça: um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros”, para fins de obtenção do título de mestre em Psicologia, pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O objetivo do estudo é compreender os sentidos que os profissionais bombeiros atribuem o seu trabalho, além de verificar as implicações que as exigências e peculiaridades específicas da profissão bombeiro acarretam sobre as construções destes sentidos e dos significados outorgados às demandas encontradas em seu cotidiano de trabalho. É importante enfatizar, que a pesquisa deriva de trabalhos anteriores realizados com estes profissionais e nesta instituição, constituindo-se como um aprofundamento neste universo e âmbito trabalhista.

Para a realização da referida pesquisa, solicito autorização para entrevistar os profissionais bombeiros em seu local de trabalho e durante turno de serviço, uma vez que a observação de seu cotidiano, bem como das relações estabelecidas neste local, constitui material imprescindível ao alcance dos objetivos propostos. Ademais, a aplicação das entrevistas no próprio quartel, facilitam o acesso a estes sujeitos e à realização do trabalho.

O processo de investigação será desenvolvido por um período de aproximadamente trinta (30) / quarenta (40) dias, (com início no final do mês de abril ou começo do mês de maio), de acordo com a disponibilidade dos profissionais da instituição e com o andamento do trabalho. Posteriormente, os bombeiros entrevistados receberão um retorno referente aos dados obtidos no decorrer da pesquisa.

Desde já agradeço a colaboração

Cordialmente

Andresa Jaqueline Toassi

(psicóloga, mestranda em Psicologia, pela UFSC)

Ao Ilmo Sr. Eduardo Antônio Gomes da Rocha, 1º Tenente Bombeiro Militar, Comandante Interino do 1º Pelotão de Bombeiro Militar de Rio do Sul.

## 12.2 Apêndice II

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### 1. Dados de Identificação

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Tempo de serviço na instituição: \_\_\_\_\_

Função e Nível Hierárquico: \_\_\_\_\_

#### 2. Histórico de Trabalho

Há quanto tempo você é bombeiro?

Você exerceu alguma atividade profissional antes de ser bombeiro?

Quais as atividades que você exerceu antes de ser bombeiro?

De qual você gostou mais?

Por que você mudou de profissão?

Quando você decidiu ser um profissional bombeiro?

Por que você escolheu esta profissão?

Qual sua preparação e/ou formação para exercer sua profissão?

Como foi seu ingresso na Corporação?

Quando você iniciou, quais as expectativas que tinha com relação ao trabalho?

#### 3. Cotidiano de Trabalho

Que atividades ou funções desempenhou no decorrer do período em que exerce sua profissão?

Quais as atividades que você realiza hoje?

Como é sua rotina no quartel?

Qual a sua atividade preferida no exercício de sua profissão? Por quê?

E qual a função que menos gosta de desempenhar? Por qual motivo?

Em que você trabalharia se não fosse bombeiro?

O que você considera mais gratificante no seu trabalho?

E o que é mais difícil realizar durante seu turno de serviço?

Como você define suas condições de trabalho?

E os relacionamentos estabelecidos com os seus colegas? Como você define?

#### 4. Perspectivas de Trabalho

E agora? Quais são suas expectativas profissionais?

O que faria você desistir de ser um bombeiro?

O que você pretende fazer no futuro?

## 5.Sentidos do Trabalho

O que é trabalho para você? O que ele representa em sua vida?

Qual sua opinião sobre o trabalho que realiza?

O que é emprego?

E o seu emprego? O que significa?

Como você vê sua profissão?

Como sua família vê seu trabalho?

E como você acha que a sociedade, os outros vêem?

O que poderia ser melhor em seu trabalho?

### 12.3 Apêndice III

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Andresa Jaqueline Toassi, aluna do mestrado em Psicologia da UFSC, e estou desenvolvendo a pesquisa **Heróis de Fumaça: Um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros**, sob a orientação da Professora Maria Chalfin Coutinho. Nesta pesquisa pretendo investigar os sentidos que os bombeiros atribuem ao seu trabalho. Para tanto, gostaria de convidá-lo a participar desta pesquisa, através de uma entrevista, na qual irei perguntar sobre o seu cotidiano de trabalho e sobre sua vida profissional. Solicito assim, sua permissão para utilizar o gravador, enfatizando que em seguida o conteúdo da entrevista será transcrito. Caso lhe interesse, poderei trazer este material para você ler e fazer as correções que julgar necessário. Espero que este estudo possa trazer benefícios para você e outros profissionais que trabalham no atendimento pré-hospitalar, pois os resultados da pesquisa podem ser utilizados no planejamento de políticas públicas que visam melhorar a qualidade de seu trabalho. Se você tiver alguma dúvida com relação à pesquisa, ou não quiser mais que seus dados sejam utilizados, pode entrar em contato comigo pelos telefones (47) 522-1874 ou (47) 9917-8197, que devolvo as informações transcritas e comprometo-me a não utilizá-las, você tem liberdade para desistir da pesquisa no momento em que desejar. Se você concordar em participar, garanto que sua identidade será mantida em sigilo e as informações serão guardadas em local de acesso somente meu, sendo utilizadas somente neste trabalho. Informo, ainda, que as publicações que resultarem desta investigação, manterão a garantia do sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.

Assinaturas:

Pesquisadora Principal: \_\_\_\_\_

---

Eu, \_\_\_\_\_ (Identidade: \_\_\_\_\_), fui esclarecido (a) sobre a pesquisa **Heróis de Fumaça: Um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros** e concordo em participar da mesma concedendo uma entrevista.

\_\_\_\_\_  
(local e data)